



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E
ESTRATÉGIA EMPRESARIAL - (PPGDEE)

**POR TRÁS DO CÉU DE FITAS: AS FESTAS DE AGOSTO COMO ECONOMIA
SIMBÓLICA E RESISTÊNCIA CULTURAL**

NÚBIA ISTECLA LIMA SANTOS

Montes Claros – MG

Agosto/2025

NÚBIA ISTECLA LIMA SANTOS

**POR TRÁS DO CÉU DE FITAS: AS FESTAS DE AGOSTO COMO ECONOMIA
SIMBÓLICA E RESISTÊNCIA CULTURAL**

Dissertação apresentada na Universidade Estadual de Montes Claros para a obtenção de Grau de Mestre em Desenvolvimento Econômico e Estratégia Empresarial.

Orientador: Professor Doutor Roney Sindeaux

Coorientador: Professor Doutor Felipe Fróes

Montes Claros

2025

Santos, Núbia Istela Lima.

S 237p Por trás do céu de fitas [manuscrito]: as festas de agosto como economia simbólica e resistência cultural / Núbia Istela Lima Santos. – Montes Claros (MG), 2025.

242 f. : il.

Inclui bibliografia.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico e Estratégia Empresarial/PPGDEE, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Roney Sindeaux.

Coorientador: Prof. Dr. Felipe Fróes.

1. Cultura popular - Montes Claros (MG). 2. Economia criativa. 3. Economia simbólica. 4. Resistência cultural. 5. Catopês. 6. Marujos. 7. Caboclinhos. 8. Guardiões da memória. I. Sindeaux, Roney. II. Fróes, Felipe. III. Universidade Estadual de Montes. IV. Título. V. Título: as festas de agosto como economia simbólica e resistência cultural.

RESUMO

O trabalho criativo realizado pelos integrantes da Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos nas Festas de Agosto de Montes Claros (MG) é analisado a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativista. Com base em entrevistas semiestruturadas, a pesquisa mostra como esses sujeitos vivenciam, organizam e sustentam essa manifestação cultural, articulando fé, tradição, identidade e resistência. A análise foi organizada em eixos temáticos: Identificação e Contexto; Economia Criativa; Valor não Monetário e Economia Criativa; Origem das Festas de Agosto; Reconhecimento e Valorização; Estratégias de Resistência; Significado do Trabalho Criativo, Identificação e Contexto; Futuro e Perspectiva. Os resultados mostram que o trabalho dos mestres vai além da dimensão simbólica da festa, isso inclui planejamento, produção de indumentárias, transmissão de saberes e mobilização de recursos humanos e materiais. A fé é fundamental e um motor necessário para a continuidade da tradição, no entanto os desafios financeiros e a falta de políticas públicas limitam a valorização e a sustentabilidade das atividades. Mesmo assim, os grupos reafirmam sua capacidade de articulação comunitária, estratégias de resistência e participação em redes colaborativas. A pesquisa propõe uma reflexão sobre o lugar desses sujeitos na Economia Criativa, ressaltando a importância de políticas culturais que reconheçam e sustentem o valor social e econômico dessas práticas populares.

Palavras-chave: Economia Criativa; cultura popular; Montes Claros; guardiões da memória; resistência cultural; economia simbólica; catopês, marujos e caboclinhos.

ABSTRACT

The creative work carried out by the members of the Association of Catopês, Marujos, and Caboclinhos during the *Festas de Agosto* in Montes Claros (MG, Brazil) is analyzed through a qualitative and interpretivist approach. Based on semi-structured interviews, the research aims to show how these individuals experience, organize, and sustain this cultural manifestation by interweaving faith, tradition, identity, and resistance. The analysis is structured around thematic axes: Identification and Context; Creative Economy, Non-Monetary Value and Creative Economy; Origins of the *Festas de Agosto*; Recognition and Appreciation; Strategies of Resistance; Meaning of Creative Work; and Future and Perspectives.

The results show that the work of the masters goes beyond the symbolic dimension of the festival, encompassing planning, the production of costumes, knowledge transmission, and the mobilization of human and material resources. Faith plays a central role and acts as a vital force for the continuity of tradition. However, financial challenges and the lack of public policies limit the recognition and sustainability of these activities. Despite this, the groups remain steadfast and reaffirm their capacity for community organization, resistance strategies, and participation in collaborative networks. The research proposes a reflection on the role of these individuals within the creative economy, emphasizing the importance of cultural policies that recognize and support the social and economic value of these popular cultural practices.

Keywords: *Festas de Agosto*; creative economy; popular culture; tradition; creative work; Montes Claros; memory keepers; cultural resistance; symbolic economy; catopês, marujos, and caboclinhos.

AGRADECIMENTOS

O ano era 2013. Eu estava no segundo ano da faculdade de Jornalismo, do alto da minha ignorância acadêmica e completamente apaixonada pelas aulas de Política e Economia. Decidi que precisava ser boa em alguma coisa na minha jornada jornalística, que só estava começando. "Encasquetei" que faria mestrado em Economia. Bom, o mestrado estou terminando; agora, ser boa em Jornalismo Econômico é outra história – e não vamos falar sobre isso aqui, não é mesmo? Bora aos agradecimentos, então?

Vou fazê-los em ordem cronológica, como tudo aconteceu até eu estar agora, em um domingo à tarde, no Norte do país, onde tem o pôr do sol mais lindo do mundo. E aqui estou, sentada, escrevendo os agradecimentos do que chamo de um dos capítulos mais importantes da minha vida.

Pois bem, agradeço à InterTV Grande Minas por me jogar no olho do furacão, nos meus primeiros dias de trabalho como repórter, para cobrir o último dia das Festas de Agosto. Eu tinha acabado de chegar a Montes Claros e não sabia do que se tratava. Foi amor à primeira vista, ou melhor, aos primeiros sons dos tambores. E foi na InterTV também que tive conhecimento sobre as vagas do mestrado em Desenvolvimento Econômico e Estratégia Empresarial. Foi lá ainda que tive a oportunidade de acompanhar os grupos durante as festividades, enquanto repórter. E fui além: cobri a homenagem que os catopês receberam na Marquês de Sapucaí, pela escola Acadêmicos de Niterói. Foram muitas as emoções.

Aos meus colegas do mestrado – nas pessoas do Danilo, da Cíntia, do Higor, da Tereza, da Kézia e de tantos outros –, se não fossem por vocês, o choro em posição fetal teria durado muito mais. Obrigada, amigos.

Ao meu orientador, Roney Sindeaux, e ao meu coorientador, Felipe Fróes, por me mostrarem infinitas possibilidades dentro de uma única vida. Por serem espelho, refúgio, companheiros, mestres, amigos e, principalmente, abrigo. Por acolherem os sentimentos de frustração depois de um final de semana de páginas em branco, depois de um mês de cansaço sem sair do lugar. Por não negarem orientação em um domingo à tarde ou na véspera do Natal. Por me fazerem compreender a magnitude que é ser humana – e que está tudo bem não dar certo às vezes, e, sobretudo, que eu ainda estou aprendendo. Obrigada por me apresentarem o universo mágico do conhecimento e por me guiarem em segurança até aqui.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico e Estratégia Empresarial, muito obrigada.

Gratidão aos meus amigos que sempre torceram, que me apoiaram, que me ouviram até eu esgotar. À minha família, por vibrar comigo em cada uma das etapas deste mestrado.

Por fim, a eles: os guardiões da memória. Aos mestres que me ensinaram tanto, que dividiram o conhecimento de uma história que se recusa a ser apagada, que resiste apesar de tudo, que é mais antiga que a própria memória. Que abriram não só as portas de suas residências, mas também o coração. Aos mestres Zanza Junio, Hermínio, Yure, Wanderlei, Caciconá e Guga, obrigada por tanto. Em nome deles, agradeço à Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, e a cada um dos dançantes que contribuíram para que esse enredo fosse escrito, ganhasse vida e se espalhasse aos quatro ventos.

Muito obrigada a todos! Inclusive àqueles que ainda nem sabem, mas que vão colaborar para a divulgação e propagação desta pesquisa.

**Ao Ricardh Pereira, com todo amor e carinho.
Que acreditou em mim sem duvidar nenhuma
vez. Para você, que sempre lustrou e
alimentou minhas asas para que elas
pudessem voar mais longe, e que sempre
esteve lá quando eu alcei o voo mais bonito da
minha vida!**

SUMÁRIO

| | | |
|--------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 1 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 2.1 | Economia Criativa | 16 |
| 2.1.1 | O valor não monetário e Economia Criativa..... | 25 |
| 2.1.2 | Tradição e cultura como valor | 27 |
| 2.2 | Os sentidos do trabalho | 29 |
| 2.3 | O trabalho e a geração de valor não monetário: labor e cultura..... | 32 |
| 2.4 | Os sentidos do trabalho na geração de valor não monetário | 34 |
| 2.5 | Trabalhadores e produção cultural | 34 |
| 3 | METODOLOGIA | 37 |
| 4 | ANÁLISE DOS RESULTADOS..... | 43 |
| 4.1 | Festas de Agosto em Montes Claros | 43 |
| 4.2 | As origens históricas das Festas de Agosto em Montes Claros | 48 |
| 4.3 | Os grupos culturais que compõem as Festas de Agosto..... | 52 |
| 4.4 | A Economia Criativa nas Festas de Agosto | 61 |
| 4.5 | Valor não monetário como fundamento | 65 |
| 4.6 | Tradição como herança e resistência..... | 66 |
| 4.7 | Sentidos do trabalho cultural | 70 |
| 4.8 | Trabalhadores e produção cultural | 76 |
| 4.9 | Eventos criativos como estratégia de desenvolvimento | 80 |
| 4.10 | História e origem das Festas de Agosto..... | 83 |
| 4.11 | Patrimônio cultural e identidade coletiva | 86 |
| 4.12 | Políticas públicas e sustentabilidade cultural | 89 |
| 4.13 | Análise e discussão dos resultados | 92 |
| 4.13.1 | A participação dos grupos tradicionais: entre autonomia e resistência | 92 |
| 4.13.2 | Produção e apropriação dos resultados: ganhos simbólicos e transbordamentos econômicos..... | 94 |

| | | |
|--------|--|-----|
| 4.13.3 | Festas de Agosto como patrimônio cultural e motor de identidade..... | 94 |
| 4.13.4 | Conclusão analítica | 95 |
| 5 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 97 |
| 5.1 | Identificação e contexto..... | 98 |
| 5.2 | Significado do trabalho criativo | 101 |
| 5.3 | Condições de trabalho e sustentabilidade financeira..... | 106 |
| 5.4 | Reconhecimento e valorização | 109 |
| 5.5 | Redes de colaboração e estratégias de resistência..... | 111 |
| 5.6 | Futuro e perspectiva | 114 |
| | CONCLUSÃO..... | 118 |
| | DESAFIOS E LIMITAÇÕES DA PESQUISA | 120 |
| | REFERÊNCIAS | 124 |

1 INTRODUÇÃO

Diante da ameaça da perda de identidade cultural, a Austrália desempenhou, em 1994, um papel pioneiro ao introduzir o conceito de *Creative Nation* (Nação Criativa). O então primeiro-ministro australiano, Paul Keating, propunha uma abordagem centrada no apoio e estímulo à criatividade e à cultura nacional como meio de enfrentar tais questões (Chér; Peria; Bresciani, 2021).

O movimento pela Economia Criativa, nesse contexto, tem como premissa principal a inclusão de processos de geração de valor através do fator intelectual e criativo emergentes de contextos culturais locais (Howkins, 2001). Dessa forma, a síntese do conceito compreende que a Economia Criativa envolve atividades de geração de valor explorando associações e interações mais voltadas ao âmbito cultural, entretenimento e exploração do subjetivo dos indivíduos. Assim, as principais matérias-primas dessa cadeia produtiva são a criatividade, o talento – pessoal ou coletivo –, o conhecimento técnico e as potencialidades do contexto (Howkins, 2001; Hartley *et al.*, 2012).

A partir da crise econômica de 2008, a economia criativa passou a ganhar maior relevância no contexto brasileiro. Em 2011, foi instituída a Secretaria da Economia Criativa, vinculada ao então Ministério da Cultura, com o objetivo de fomentar pequenos e microempreendimentos criativos em âmbito local e regional (REIS *et al.*, 2017). Com a ampliação das atividades desse setor, diferentes instituições – como a FIRJAN, além de institutos e universidades – passaram a desenvolver estudos voltados à análise dos impactos da economia criativa na geração de emprego e renda no país, bem como à investigação de sua capacidade de promover sustentabilidade e resiliência em períodos de crise. (Brito, 2024).

Devido ao crescimento acelerado da Economia Criativa nas últimas décadas, houve aumento significativo do interesse na área. Diante disso, a literatura especializada tem aprofundado a análise do sistema de produção das indústrias culturais (Costa, 2003). A pauta tem suscitado transformações significativas nas agendas governamentais. Entretanto, acompanhar essas transformações exige levantamento de dados, coleta de informações e análise de documentos. Essa abordagem é vista por meio de projetos de leis, propostas para a criação de novas políticas culturais e execução de ações relacionadas à Economia Criativa (Silva *et al.*, 2020).

Por sua vez, o setor cultural é plural, dinâmico, com cadeias produtivas específicas; dessa forma, contribui para a geração de riqueza tanto do setor público, quanto do setor privado (Berg *et al.*, 2021). Nesse contexto, atores criativos surgem como protagonistas da nova economia (Silva *et al.*, 2020).

Nesta dissertação, faço uso dos conceitos e aportes do campo da Economia Criativa com vistas a analisar as estratégias de gestão de eventos culturais (festas e festivais) e o trabalho criativo dos atores que compõem as Festas de Agosto de Montes Claros/MG. Compreende-se, neste projeto, que as atividades culturais desempenham um papel significativo na dinâmica socioeconômica de uma região, e neste sentido me proponho a analisar com maior profundidade este evento tradicional e de grande relevância para a Economia Criativa local.

Vale ressaltar que, apesar de a Economia Criativa ser central nesta pesquisa, a investigação do tema avança além dos limites simplesmente utilitaristas. As Festas de Agosto são, também, uma forma de Economia Simbólica e resistência cultural, incluindo em sua essência os afetos, as relações interpessoais, familiares e geracionais, tornando o trabalho criativo uma forma de manter viva uma herança cultural, das raízes afro-brasileiras, europeias e ameríndias.

Partindo da importância da Economia Criativa para o desenvolvimento regional e considerando a relevância das Festas de Agosto como um elemento caracterizador desta economia focada na sabedoria e cultura popular, este trabalho visa integrar tais aspectos (Economia Criativa, história e cultura popular) com o objetivo de analisar a efetiva participação dos atores centrais (Catopês, Marujos e Caboclinhos integrantes da Associação) na preparação, produção e apropriação dos resultados da referida festa, bem como o transbordamento desses resultados para outros agentes econômicos do município. Assim, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: *como se dá a participação dos atores centrais (catopês, marujos e caboclinhos) na preparação, produção e apropriação dos resultados da festa?*

FIGURA 1 – Mestre Yuri do Segundo Terno de Catôpes de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Por conseguinte, o objetivo geral, como mencionado, é: analisar o trabalho dos atores centrais (catopês, marujos e caboclinhos) na preparação, produção e apropriação dos resultados da referida festa. Para atingir tal objetivo, foram definidos três objetivos específicos: a) contextualizar o ambiente cultural e histórico das Festas de Agosto; b) analisar como ocorre a preparação e produção do evento a partir da percepção dos aqui denominados atores centrais (Catopês, Marujos e Caboclinhos integrantes da Associação); c) analisar a percepção dos atores econômicos sobre os resultados da festa em seus contextos locais.

FIGURA 2 – Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Para abordar o problema, proponho uma pesquisa utilizando métodos qualitativos. A coleta de dados foi realizada por meio de técnicas como entrevistas em profundidade, observação participante e análise de conteúdo. Esses métodos permitiram uma compreensão aprofundada das práticas, desafios, oportunidades e resultados da Economia Criativa, destacando nuances e contextos relevantes. A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, buscando identificar padrões, significados e relações subjacentes aos fenômenos estudados. Este enfoque qualitativo possibilita uma análise rica e holística da Economia Criativa na perspectiva específica, explorando sua complexidade e dinâmica.

Por mais de 180 anos, as Festas de Agosto têm sido uma tradicional manifestação cultural em Montes Claros. Originada durante o período da escravidão, essa celebração religiosa é uma das diversas expressões do Congado em Minas Gerais. O evento vai além das práticas de devoção e celebração, estabelecendo-se ao longo do tempo como uma das principais expressões populares presentes no espaço urbano desde os primórdios da formação do povo brasileiro. Anualmente, os Catopês, Marujos e Caboclinhos ocupam as ruas com cores, fitas e danças, demonstrando devoção ao São Benedito, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário. Apesar de ter acompanhado a modernidade, as Festas mantêm suas raízes fincadas nas tradições, ressaltando seu valor histórico (Souza, 2020).

FIGURA 3 – Catopês de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

A celebração em harmonia com diversas religiões alcança uma parcela significativa da população. Um evento como “As Festas de Agosto” atrai turistas que, por sua vez, aumentam a demanda por hospedagem, alimentação, transporte, entre outros serviços. Além disso, a festividade acarreta geração de empregos e impulsiona o comércio local. Adicionalmente fortalece a identidade cultural da cidade (Almeida, 2015).

Em fevereiro de 2024, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos de Niterói, diante da relevância histórica, cultural, social, de lutas e resistências para continuar existindo, levou para a Marquês de Sapucaí, perante os olhos de todo o Brasil e do mundo, as narrativas, as cores, a fé e a tradição dos grupos de catopês, marujos e caboclinhos, que dão origem à mais bela identidade cultural de Montes Claros (Fernandes, 2024).

FIGURA 4 – Desfile da G.R.E.S Acadêmicos de Niterói



Fonte: Riotur.

Minha aproximação com as Festas de Agosto de Montes Claros ocorreu em 2022, quando, como repórter da InterTV Grande Minas, fui designada para cobrir o evento. Até então, eu desconhecia essa manifestação cultural, apesar de sua relevância histórica e simbólica para a cidade e a região. No entanto, ao vivenciá-la pela primeira vez, fui imediatamente envolvida pela força das cores, dos ritmos e da devoção que movem os catopês, marujos e caboclinhos. Aquele domingo foi um marco para mim: saí de uma posição de desconhecimento para um profundo encantamento, que rapidamente se transformou em interesse de pesquisa e engajamento com a causa desses grupos. Desde então, senti a necessidade de me aprofundar na história dessa celebração, compreendendo não apenas sua riqueza cultural, mas também os desafios enfrentados pelos participantes na luta pela sua preservação e valorização.

FIGURA 5 – Cobertura das Festas de Agosto



Fonte: Ricardh Pereira.

Nos anos seguintes, acompanhei de perto os grupos, suas dificuldades e resistências, observando como a transmissão desse legado ocorre de forma oral e prática, passada de geração em geração dentro das famílias. Em 2024, tive a oportunidade de viajar com eles para o Rio de Janeiro, onde foram homenageados na Marquês de Sapucaí pela Escola de Samba Acadêmicos de Niterói.

FIGURA 6 – Dançantes das Festas de Agosto conhecendo a Marquês de Sapucaí



Fonte: Arquivo pessoal.

A experiência foi emblemática: ver os catopês, uma tradição enraizada em Montes Claros há mais de dois séculos, sendo reconhecidos em um dos maiores palcos do Carnaval brasileiro, reforçou a grandiosidade dessa manifestação. No entanto, também evidenciou uma contradição: enquanto no cenário nacional e internacional há um crescente reconhecimento da importância desses grupos, ainda há uma lacuna significativa no apoio local, tanto por parte do poder público quanto da própria população. Esse descompasso acendeu ainda mais meu alerta para a urgência de políticas de valorização e preservação da memória dos catopês, marujos e caboclinhos.

FIGURA 7 – Entrevista durante ensaios da Acadêmicos de Niterói na Marquês de Sapucaí



Fonte: Acervo Acadêmicos de Niterói.

Ao longo dessa jornada, fui levada a reflexões profundas sobre identidade e pertencimento. Enquanto mulher negra, percebo que minha trajetória pessoal também dialoga com essa questão. A escravização da população negra no Brasil gerou uma ruptura brutal na transmissão de histórias e identidades, resultando em lacunas familiares e culturais que muitos de nós ainda carregamos. Eu, por exemplo, desconheço a origem de meus antepassados, não sei de onde vieram, quem eram ou quais tradições cultivavam. Por outro lado, vejo nos catopês um exemplo de resistência histórica: seus integrantes conseguem contar a história de suas famílias há pelo menos 200 anos, preservando ritos, músicas e danças que conectam o presente a um passado muitas vezes apagado pelos registros oficiais. Esse legado imaterial precisa ser reconhecido e protegido, pois sua perda significaria não apenas a extinção de um festejo, mas também o apagamento de uma narrativa essencial da formação cultural brasileira.

FIGURA 8 – Catopês: História, raízes e cultura preservada



Fonte: Ricardh Pereira.

Paralelamente, meu interesse pela Economia Criativa sempre esteve presente em minha trajetória. Desde cedo, tive contato direto com esse conceito, ainda que de forma intuitiva, quando produzia e vendia doces. Com o passar dos anos, essa relação se aprofundou conforme fui me desenvolvendo como comunicóloga, profissional de marketing digital, escritora e repórter de televisão. Minha experiência pessoal me mostrou como a criatividade pode ser um motor econômico potente, capaz de gerar sustento e transformar realidades.

FIGURA 9 – Venda de geladinhos para arrecadar verba para a viagem dos Catopês, Marujos e Caboclinhos ao Rio de Janeiro



Fonte: Arquivo Pessoal.

No caso das Festas de Agosto, o potencial da Economia Criativa se manifesta de diversas

formas: na produção de vestimentas e adereços dos grupos, nos artesãos que criam lembranças e acessórios inspirados na festividade, nos músicos que perpetuam as toadas e ritmos tradicionais, nas quitandeiras que vendem alimentos típicos durante o evento, entre tantos outros exemplos. Podemos nos servir do conceito de “prática do espaço”, descrito por Vanessa Pinheiro como uma retórica ambulante, ou seja, um modo de ser e fazer de quem habita a cidade (Pinheiro, 2023).

Isso por conta da preferência dada aos grandes centros culturais e turísticos. Florida (2011) corrobora essa perspectiva mais etnocêntrica ao declarar que a criatividade se aglutina em certos locais específicos do planeta. Não concordamos com essa posição, haja visto que a criatividade pode emergir em espaços variados e plurais ao longo da história. Diante disso, torna-se fundamental pensar em estratégias que fortaleçam a Economia Criativa vinculada às Festas de Agosto no norte de Minas. Programas de incentivo à capacitação, políticas de fomento para pequenos empreendedores do setor cultural e ações de divulgação que ampliem o alcance da festividade são caminhos essenciais para garantir sua sustentabilidade. Meu percurso pessoal e profissional reflete esse compromisso com a valorização das manifestações culturais e com a compreensão de seu impacto econômico e social. A cultura não pode ser vista apenas como um elemento folclórico ou como uma tradição preservada por um grupo específico; ela é também uma força econômica e um elemento essencial na construção de identidade, memória e pertencimento.

FIGURA 10 – Primeiro Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Em outra perspectiva, por outro lado, apesar de ser uma das manifestações culturais mais relevantes e tradicionais, pouco se percebe em relação ao avanço das políticas públicas nesse quesito. Embora as manifestações culturais existam há quase dois séculos, o poder público ainda faz muito pouco para o fomento e fortalecimento dos eventos. (Mendes, 2006).

Assim, discutir sobre as Festas de Agosto em Montes Claros e seu respectivo impacto econômico se justifica porque os festivais, feiras e manifestações ligados à Economia Criativa favorece o surgimento de cidades sustentáveis, e esses eventos possuem estrutura para acelerar o desenvolvimento econômico e cultural na esfera regional (Dutra; Conti; Silva, 2021).

Até o momento, nenhum estudo foi encontrado sobre os efeitos socioeconômicos das Festas de Agosto na economia de Montes Claros. No estudo realizado por Targino (2015), sobre a relevância dos eventos culturais para a Economia Criativa na Praia da Pipa, Tibau do Sul/RN, a autora destacou que estes eventos desempenham um papel significativo na dinâmica da inovação e se consolidam como um dos fatores determinantes da vantagem competitiva das empresas (Targino, 2015). Em sua perspectiva, Vale (2012) trata a Economia Criativa como uma alternativa para superar o subdesenvolvimento brasileiro, ressaltando que a produção cultural depende de incentivo oriundo do setor público e privado (Vale, 2012).

Esta pesquisa pretende contribuir significativamente para a identificação dos principais desafios que os agentes locais enfrentam na produção das Festas de Agosto em Montes Claros, para a avaliação das oportunidades que surgem no comércio e na cultura, gerando alterações na economia da cidade. Como produto final, será produzido um documentário e um livro – a partir do documentário – abordando todas as tradições e riquezas culturais, advindas das Festas de Agosto, há mais de 180 anos e seus impactos na economia.

FIGURA 11 – Catopês: Terno de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Autor Desconhecido.

Como estrutura deste projeto, proponho cinco partes. Primeiro está a introdução, que tem como objetivo trazer luz aos aspectos contextuais e teóricos que orientaram todo o desenvolvimento deste estudo. Na sequência, a segunda parte aborda o referencial teórico, explanando os conceitos da Economia Criativa, das Festas de Agosto, a origem histórica das celebrações e os grupos culturais que compõem o evento bem como um apanhado dos estudos afins já realizados sobre o tema. A terceira concentra-se na metodologia, figurando como os caminhos e ferramentas utilizadas para a obtenção dos resultados, possibilitando, principalmente, rastreabilidade à pesquisa. Na quarta parte do projeto vamos analisar os resultados das entrevistas realizadas com os grupos que compõem as Festas de Agosto, e por fim, a quinta e última parte, traremos as conclusões desse trabalho.

FIGURA 12 – Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, vamos explorar a Economia Criativa, um fenômeno dinâmico que vai além dos limites convencionais do mercado, que gera valor através de ativos culturais e intelectuais. Ao mergulharmos na história das Festas de Agosto de Montes Claros, não podemos ignorar a devoção, a resiliência e a luta dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos. Dessa forma, oferecemos uma análise abrangente da Economia Criativa das Festas de Agosto como um catalisador econômico cultural.

FIGURA 13 – Festas de Agosto em Montes Claros



Fonte: Ricardh Pereira.

2.1 Economia Criativa

A atividade criativa não é uma característica recente, sendo observada desde a antiguidade, quando as pessoas já se engajaram em tais práticas. Dessa forma, a Economia Criativa é conceituada como um conjunto de padrões, tradições, métodos, conhecimentos, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos que se perpetuam ao longo das gerações, sendo organizada pela sociedade. Esta, por sua vez, é responsável pelo capital cognitivo coletivo, abrangendo os conhecimentos adquiridos, as competências aprendidas, as experiências vividas, e a memória histórica (Dutra; Conti; Silva 2021).

Por se tratar de um conceito teórico, Economia Criativa será escrita em maiúsculas neste trabalho. Embora seja um conceito amplamente difundido, a noção de Economia Criativa possui um viés utilitarista, muitas vezes ligado à lógica de mercado e de inovação econômica. Ainda que o conceito reconheça o papel da cultura como ativo econômico, ele frequentemente ignora a dimensão espiritual, coletiva e identitária das práticas culturais (Bendassolli et al., 2009; Machado, 2014).

A distinção entre diferentes períodos reside no fato de que, na contemporaneidade, tais atividades estão adquirindo destaque, como evidenciado pelo desenvolvimento de estruturas

econômicas que as apoiam. No que diz respeito aos efeitos de encadeamento, pode-se afirmar de maneira objetiva que as atividades criativas demonstram um poder significativo de encadeamento, tanto retrospectiva quanto prospectivamente. Em outras palavras, elas possuem a condição e capacidade de induzir novas atividades e demandas, contribuindo, assim, para o surgimento de setores mais recentes (Berg *et al.*, 2021).

Neste contexto, é possível observar que o conhecimento e a criatividade desempenham funções cruciais como fatores de produção, agregando-se aos elementos tradicionais, como terra, trabalho e capital. As indústrias criativas emergem como um potencial novo domínio econômico. A verificação de seu potencial de crescimento e contribuição para a geração de renda nos países, assim como sua influência na composição do emprego, encontra respaldo em diversos estudos, tanto governamentais quanto acadêmicos, conduzidos ao redor do mundo nas últimas décadas (Fioravante; Emmendoerfer, 2019).

O conhecimento é o grande protagonista dentro dessa perspectiva, conferindo uma vantagem competitiva à organização. Essa dinâmica é predominantemente atribuída às assimetrias resultantes da natureza tácita do conhecimento, cujo acúmulo ao longo do tempo serve para reforçar a posição da organização no processo competitivo. Essa tendência também pode ser explicada pela contribuição desses elementos para a configuração da arquitetura das indústrias em questão, indicando suas competências estratégicas (Gzvitanski, 2021).

A crescente demanda da Economia Criativa nas últimas décadas tem sido um motivador significativo para o aumento do interesse nessa área. Entretanto, destaca-se o trabalho de Howkins (2001) como seminal na conceituação da Economia Criativa, ao apresentá-la como um meio pelo qual as pessoas podem transformar ideias em recursos financeiros (Costa, 2011).

Contudo, é perceptível que a exploração dessa temática se encontra em estágio inicial, mesmo em âmbito mundial, com várias questões que requerem maior aprofundamento e esclarecimento acerca de divergências e inconsistências em suas áreas de estudo. A gênese do conceito de Economia Criativa remonta à expressão "indústria criativa", originada a partir da influência do projeto australiano denominado "*Creative Nation*". Iniciado em 1994, o referido projeto tinha como propósito definir a importância do labor criativo, identificar sua contribuição para a economia e determinar o papel das tecnologias como aliadas nas políticas culturais (Chér; Peria; Bresciani, 2021). No Brasil, foram desenvolvidas políticas e práticas próprias referentes ao campo, tendo como exemplos mais recentes, a Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022) e a Lei Aldir Blanc (Lei n. 14.017/2020) que associam cultura e desenvolvimento sob uma ótica social, valorizando os saberes tradicionais, a diversidade regional e a pluralidade das expressões populares.

A Economia Criativa, como conceito, não consegue abarcar fenômenos como as Festas de Agosto, dado que nelas o trabalho criativo não pode ser limitado a uma lógica de mercado, mas, sim, a tradição, fé, memória e outros conceitos intrínsecos que são perpetuados através do tempo, por isso é necessário buscar a noção de Economia Simbólica, que amplia a percepção do que é produzido nas práticas culturais.

Dessa perspectiva, o trabalho criativo não é orientado por metas de lucro, mas por princípios de reciprocidade e significado coletivo. A Economia Simbólica, conforme Bourdieu (1996), refere-se ao conjunto de trocas imateriais e relações de reconhecimento que estruturam a vida social e cultural. Trata-se de um sistema em que os valores simbólicos, como prestígio, pertencimento, respeito e devoção, circulam e se legitimam dentro de comunidades e instituições. A Economia Simbólica também permite compreender que o ato de criar, celebrar e preservar tradições é, em si, uma forma de resistência, por isso é fundamental introduzir a categoria de Resistência Cultural como dimensão analítica transversal a este estudo. Segundo autores como Canclini (1997) e Gonzalez (1988), a resistência cultural se expressa na persistência das práticas coletivas que reafirmam identidades e modos de vida frente às forças homogeneizadoras da modernidade.

A afetividade se revela como uma faceta distinta na Economia Criativa, onde, em diversas instâncias, os consumidores não adquirem apenas um produto ou serviço, mas também a narrativa intrínseca a esse bem. Nesse contexto, destaca-se a ênfase na entrega de valor, tema recorrentemente abordado em entrevistas. O consumidor, no âmbito da Economia Criativa, não busca meramente uma mercadoria ou serviço; o que almeja nesse tipo de transação é a singularidade, o valor que o empreendedor consegue agregar ao que está sendo adquirido: seja uma experiência, um produto ou serviço personalizado de acordo com suas necessidades específicas, ou um atendimento individualizado assemelhado a uma consultoria (Dutra; Conti; Silva, 2021).

FIGURA 14 – Boneco colecionável Catopê



Fonte: Ricardh Pereira.

Pesquisas anteriores indicaram que o início de negócios criativos pode ser marcado por uma abordagem improvisada, motivada por necessidade, habilidade própria e/ou interesse pessoal. A partir das entrevistas, evidenciou-se que a Economia Criativa se mostra acessível a todos aqueles capazes de encontrar formas sustentáveis de comercializar suas ideias criativas, seja por meio de produtos ou serviços (Dos Santos; Rocha, 2020; Silva, 2020).

Ainda conforme as informações levantadas pelos autores, 27% dos entrevistados destacaram que buscam capacitação para melhorar os resultados dos seus negócios, através de cursos voltados para tecnologia e pós-graduações (Dos Santos; Rocha, 2020). Quanto à desvalorização do trabalho manual, destacaram como desafio a falta de reconhecimento associada ao trabalho artesanal na sociedade local. Evidenciou-se uma relutância por parte das pessoas em remunerar adequadamente pelos custos de produção, tempo e dedicação necessários para a criação de peças de maneira individualizada.

FIGURA 15 – Chama, instrumento produzido pelos Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Outro obstáculo mencionado foi a dificuldade enfrentada pelas microempresas ao tentar adentrar em um mercado já consolidado, onde existem empresas estabelecidas como referência, com preços muitas vezes inacessíveis para o microempreendedor (Dos Santos; Rocha, 2020).

As transformações nas formas de produção e geração de negócios na Economia Criativa destacam a necessidade premente de processos colaborativos para estimular o desenvolvimento da criatividade (Schiuma; Lerro, 2014). Empresas inseridas nesse contexto são predominantemente compostas por trabalhadores independentes e pequenas e médias empresas, as quais operam de maneira cooperativa e buscam estabelecer conexões com outros profissionais criativos. Isso se deve ao fato de que a criatividade pode ser considerada uma prática coletiva e relacional (Costa, 2011; Barakat; Santos; Vigueles, 2022).

Ambientes que fomentam novas ideias, envolvem diversos *stakeholders* e promovem a colaboração propiciam flexibilidade e adaptação, revelando oportunidades para o desenvolvimento de capacidades e relacionamentos essenciais à sobrevivência das organizações na Economia Criativa (Barakat; Santos; Vigueles, 2022). A ênfase na prática coletiva da criatividade destaca a importância de um engajamento colaborativo para impulsionar a inovação e criar sinergias benéficas para todas as partes envolvidas. Essa abordagem colaborativa não

apenas estimula a criatividade individual, mas também contribui para a resiliência e sucesso das organizações no dinâmico cenário da Economia Criativa, além de aumentar a sua responsabilidade social corporativa na hora de promover a sua estratégia de marketing e para desenvolver novos produtos e serviços (Santoro; Bresciani; Papa, 2020).

Diante da demanda crescente de produtos e serviços com um valor considerável agregado, a Economia Criativa tem sido um assunto bastante discutido globalmente sobre a potencialidade de gerar renda, emprego e inclusão social e econômica (Schiuma; Lerro, 2014).

A relevância econômica desse segmento demanda uma reflexão sobre as políticas necessárias, tanto nacionais quanto internacionais, para fortalecer as interconexões entre os diversos domínios da cultura, dos territórios e do tecido socioinstitucional. Esse enfoque visa atribuir aos setores culturais e criativos seu devido papel na economia territorial, posicionando-os como elementos centrais nos padrões de desenvolvimento econômico local, mesmo em regiões desfavorecidas (Boccella; Salerno, 2016). Portanto, é observado que, frequentemente, o desenvolvimento dessa economia ocorre de maneira desgovernada e descentralizada, carente de estímulos e suporte que promovam ações coletivas e colaborativas entre as diversas partes interessadas no sistema (Barakat; Santos; Vigueles, 2022).

A expressão "indústria cultural" surgiu no pós-guerra como crítica ao entretenimento de massa, sendo inicialmente proposta por membros da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Max Horkheimer. Inicialmente, era uma abordagem radical que considerava cultura e indústria como opostas, utilizada em debates contra as limitações da vida cultural moderna. Atualmente, há interpretações diversas, algumas destacando dicotomias como cultura de elite versus cultura de massa. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define indústrias culturais como aquelas que combinam criação, produção e comercialização de conteúdos culturais protegidos por direitos autorais, desempenhando papel crucial na promoção da diversidade cultural e no acesso democrático à cultura. Na França, as "indústrias culturais" envolvem atividades que combinam concepção, criação e produção de cultura com funções mais industriais de manufatura e comercialização em larga escala, sugerindo uma interpretação ampliada em relação ao conceito tradicional do "setor cultural" (UNCTAD/DITC/TAB/2010).

Líderes políticos e acadêmicos, especialmente na Europa e América Latina, frequentemente utilizam os termos "economia cultural" ou "economia da cultura" ao abordar aspectos econômicos da política cultural. Paralelamente, artistas e intelectuais expressam desconforto com a ênfase nos aspectos de mercado no debate sobre as indústrias criativas e a Economia Criativa (Carvalho; Muzzio, 2015).

FIGURA 16 – Marujos



Fonte: Ricardh Pereira.

A "economia cultural" envolve a aplicação da análise econômica a todas as artes criativas, indústrias culturais e patrimoniais, independentemente de seu modelo de capital. Ela se preocupa com o funcionamento econômico da cultura e as atitudes de quem produz, consome e regula. A abordagem abrange diversas correntes, desde as tradicionais até as radicais e neoclássicas. Apesar da consideração dos princípios da economia cultural, o objetivo central é compreender as dinâmicas da criatividade e suas interações amplas com a economia global. Isso inclui a dimensão multidisciplinar em que políticas culturais se conectam a políticas tecnológicas e comerciais (UNCTAD/DITC/TAB/2010).

Portanto trata-se de um momento crucial para o debate acadêmico, e a reorientação das políticas culturais. O elemento "cultural" desses setores criativos se beneficia ao integrar um novo domínio com robusto crescimento econômico. Essa mudança é motivada pelo interesse em transformar a percepção de "subvenção à cultura" para a "excelência das indústrias criativas" (Trigo, 2013).

No Brasil, vários esforços têm sido empreendidos para mensurar as atividades econômicas criativas, e a relevância dessas atividades, refletida em dados quantitativos, é respaldada pela sua integração em políticas públicas. Isso se manifesta tanto em esfera federal,

com a instituição da Secretaria de Economia Criativa no Ministério da Cultura, quanto em estratégias de desenvolvimento em nível local. Nesse contexto, observa-se o surgimento de arranjos produtivos locais e parques tecnológicos nos quais a Economia Criativa desempenha um papel preponderante (Dos Santos; Rocha, 2020).

Políticas públicas estão sendo criadas em Minas Gerais para fomentar o setor. O Governo do Estado através da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT), enviou no dia 14 de junho de 2023 o Plano Estadual de Desenvolvimento da Economia da Criatividade. De acordo com a pasta, a elaboração do projeto começou em 2021 e se fundamenta na lei estadual nº 22.627, aprovada no ano de 2017 (SECULT, 2023).

Para os efeitos desta lei, consideram-se direitos culturais os direitos assegurados na Constituição da República e em tratados e convenções internacionais dos quais o Brasil é signatário, relativos ao exercício da criação e da fruição dos bens culturais, entre os quais se incluem o direito à identidade, ao patrimônio e à diversidade cultural, o direito autoral, o direito ao intercâmbio e à cooperação cultural e o direito à livre participação na vida cultural, que reúne os direitos à livre criação, ao livre acesso aos bens da cultura e a sua fruição, à livre difusão cultural e à participação nas decisões da política cultural (Lei nº 22.627, de 31/07/2017, Minas Gerais, 2017).

Dentre os destaques da lei aprovada em 2017 estão: 1 - estimular a diversidade regional da produção artístico-cultural e a troca entre os vários territórios e os diferentes modos de expressão artístico-cultural no Estado; 2 - reconhecer as atividades artísticas de profissionais e amadores e a cultura popular, afro-brasileira, indígena, circense, entre outras, respeitando suas particularidades. 3 - incentivar a profissionalização das atividades artístico-culturais e o desenvolvimento da cadeia produtiva da cultura, com estratégias, ações e políticas públicas adaptadas à realidade de cada área artístico-cultural; 4 - valorizar, promover e proteger o patrimônio cultural do Estado e; 5 - criar e financiar ações e mecanismos de preservação das manifestações, dos saberes e das práticas culturais tradicionais e populares no Estado, estabelecendo políticas permanentes de apoio, de forma a aumentar a visibilidade dos grupos e comunidades que produzem, transmitem e atualizam essas manifestações, saberes e práticas (SECULT, 2023).

Dessa forma, o objetivo do Plano encaminhado à Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) é potencializar as atividades criativas no estado. O documento propõe ainda a estruturação das políticas culturais, o mapeamento de festivais e mostras. O projeto prevê também a formalização do setor, isso inclui o levantamento de informações dos festejos populares no estado, como folias de reis, congados e festas juninas (ALMG, 2023).

Em 2023, o Governo de Minas, através da Lei Paulo Gustavo, publicada em 08 de julho

de 2022, destinou R\$ 182.397.750,52 (cento e oitenta e dois milhões, trezentos e noventa e sete mil, setecentos e cinquenta reais e cinquenta e dois centavos) aos criadores de conteúdo no audiovisual e demais segmentos culturais. Em maio de 2024, segundo a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT), 91% dos projetos aprovados já tinham recebido os repasses (SECULT, 2024). As mostras, festivais e feiras multiculturais estão sendo contemplados 40 apoios com um montante de R\$ 90.000 (noventa mil reais) cada. Além disso, o edital LPG 11/2023, publicado em 28 de setembro de 2023, está premiando as trajetórias culturais de pessoas e grupos de culturas tradicionais, conforme mostra o Quadro 1:

QUADRO 1 – Premiação Trajetórias Culturais

| Mestres e Mestras | Reinados e Congados | Festejos Juninos |
|---|--|---|
| (Populares, Tradicionais, Afro-brasileira, Indígena): Serão concedidos 300 prêmios. Cada um receberá o valor de 10 mil reais. Poderão participar da seleção apenas pessoas físicas. | Folias, capoeira e outras manifestações tradicionais: Serão concedidos 200 prêmios, cada um no valor de 18 mil reais. Poderão participar da seleção pessoas físicas, grupos ou coletivos sem constituição jurídica representado por pessoa física. | Haverá cem prêmios, cada um no valor de 12 mil reais. Poderão participar da seleção pessoas físicas, grupos ou coletivos sem constituição jurídica representado por pessoa física (Edital LPG 11/2023). |

Fonte: Edital LPG 11/2023 – SECULT MG, 2023.

Deste montante destinado à cultura em Minas Gerais, 3 milhões de reais foram repassados aos artistas de Montes Claros (SECRETARIA DE CULTURA DE MONTES CLAROS, 2023). Mais de R\$ 2 milhões de reais foram repassados aos produtores de audiovisual, contemplando 40 projetos que incluem videoclipes, documentários, longas e curtas-metragens, festivais, cinema, mostras e animações. Outro edital voltado para as demais áreas culturais, destinou um total de R\$ 924 mil, para apoiar 65 projetos nas áreas circenses, de dança, literatura, música, cultura tradicional, teatro, festas religiosas e cultura dos povos tradicionais (terreiros e quilombolas). Os montantes a serem concedidos oscilam entre R\$6.215 e R\$50 mil para cada projeto (SECRETARIA DE CULTURA DE MONTES CLAROS, 2023).

Entre as discussões acerca do tema, há a definição dos principais setores da Economia Criativa, que, de acordo com Serra e Fernandes (2014), como apresentado no Quadro 2, compreendem:

QUADRO 2 – Setores de Economia Criativa

| Setores | Atividades |
|----------------|-------------------|
|----------------|-------------------|

| | |
|-----------------------------------|---|
| Audiovisual | Cinema, rádio, TV, etc. |
| Edição e impressão | Livros, imprensa e outras publicações. |
| Artes visuais | Pintura, escultura, fotografia e antiguidades. |
| Expressões culturais tradicionais | Artesanato, festivais, etc. |
| Design | Software, games e demais conteúdos digitais. |
| Novas mídias | Software, bibliotecas, sítios arqueológicos, etc. |
| Patrimônio cultural | Museus, bibliotecas, sítios arqueológicos, etc. |
| Serviços criativos | Arquitetura, publicidade, pesquisa e desenvolvimento e recreação. |

Fonte: Serra e Fernandes (2014).

Todavia, o interesse de economistas e outros estudiosos por tais relações ficaram restritos às áreas das artes visuais, do patrimônio e das artes dos espetáculos até o final do século XIX, quando a revolução tecnológica da chamada sociedade em rede redimensionou o peso da cultura nos hábitos de consumo e promoveu as indústrias culturais (Benhamou, 1996).

Assim sendo, as atividades econômicas criativas no Brasil reúnem audiovisual, gastronomia, cultura, moda, arquitetura, design, publicidade, startups, pesquisa e desenvolvimento, música, patrimônio, marketing, biotecnologia (FIRJAN, 2022).

A previsão é que mais 1 milhão de novos empregos sejam criados até 2030, no setor criativo brasileiro, (IBGE, 2023), empregando 8,4 milhões de pessoas (PNAD). A Economia Criativa é responsável por 3,11% do Produto Interno Bruto (PIB), emprega atualmente aproximadamente 7,5 milhões de pessoas nas 130 mil empresas formalizadas (Ministério da Cultura, 2023).

2.1.1 O valor não monetário e Economia Criativa

A Economia Criativa tem se destacado como um setor vital para o desenvolvimento econômico e social, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado e digital. Este setor abrange atividades que têm sua origem na criatividade, habilidades e talentos individuais, e que têm o potencial de criar riqueza e empregos por meio da geração e exploração de propriedade intelectual (Howkins, 2001). No entanto, além do valor econômico tradicional, a Economia Criativa também é caracterizada por um valor não monetário significativo, que inclui aspectos culturais, sociais e de inovação.

Esses benefícios incluem a promoção da identidade cultural, o fortalecimento do capital social e a melhoria da qualidade de vida. De acordo com Throsby (2001), a arte e a cultura têm um valor intrínseco que não pode ser completamente capturado por métricas econômicas tradicionais. Este valor é evidente na capacidade das atividades criativas de promover a coesão

social e a inclusão, além de incentivar a diversidade cultural.

FIGURA 17 – Marujo e a população



Fonte: Ricardh Pereira.

A Economia Criativa é um campo multidisciplinar que engloba setores como artes visuais, música, literatura, design, moda, cinema, entre outros. Segundo Cruz e Teixeira (2014), a Economia Criativa não apenas contribui para o crescimento econômico, mas também desempenha um papel crucial na regeneração urbana e no desenvolvimento sustentável. As cidades que investem na Economia Criativa frequentemente experimentam revitalização econômica e social, atraindo turistas e novos residentes, além de fomentar o empreendedorismo local.

FIGURA 18 – Barracas das Festas de Agosto



Fonte: Farol Cultural.

A interseção entre valor não monetário e Economia Criativa é um campo de estudo emergente que destaca como as atividades criativas podem gerar benefícios além do lucro. Por exemplo, a participação em atividades culturais pode levar ao aumento da autoestima e do bem-estar dos indivíduos, conforme discutido por Botelho e Reis (2016). Além disso, a Economia Criativa pode servir como uma plataforma para a inovação social, promovendo novas formas de interação e colaboração entre comunidades diversas.

Portanto, ao abordar as Festas de Agosto sob a perspectiva da Economia Criativa, esta dissertação busca realizar uma ampliação conceitual, reconhecendo a relevância do conceito como ferramenta analítica, mas assumindo uma postura crítica diante de suas limitações. As Festas de Agosto são compreendidas como um espaço em que a Economia Criativa se entrelaça à Economia Simbólica e à Resistência Cultural, no qual a criatividade se expressa como continuidade de vida, fé e ancestralidade.

2.1.2 Tradição e cultura como valor

A tradição e a cultura são componentes fundamentais na formação da identidade de um povo e desempenham um papel crucial na coesão social e no desenvolvimento humano. Esses elementos são frequentemente vistos como valores intangíveis que contribuem para a riqueza cultural de uma sociedade, influenciando comportamentos, práticas sociais e até mesmo políticas públicas.

A tradição pode ser entendida como o conjunto de práticas, crenças e costumes transmitidos de geração em geração. Ela serve como um elo entre o passado e o presente, proporcionando um senso de continuidade e pertencimento. De acordo com Geertz (1973), as tradições desempenham um papel vital na construção de significados compartilhados dentro de uma comunidade, ajudando a moldar a identidade cultural e social dos indivíduos.

FIGURA 19 – Mãe e filho participam do cortejo



Fonte: Ricardh Pereira.

A cultura, por sua vez, abrange as manifestações artísticas, linguísticas, religiosas e sociais de um grupo. Ela é dinâmica e evolutiva, refletindo as mudanças e adaptações de uma sociedade ao longo do tempo. Conforme discutido por Hall (1997), a cultura é um sistema de significados e símbolos que define a maneira como as pessoas interpretam o mundo ao seu redor e interagem umas com as outras. A cultura não apenas enriquece a vida social, mas também promove a diversidade e o diálogo intercultural.

FIGURA 20 – Jovem Catopê



Fonte: Ricardh Pereira.

A interseção entre tradição e cultura destaca a importância de preservar e valorizar esses elementos como parte do patrimônio imaterial de uma sociedade. Segundo Lima e Silva (2015), a valorização da tradição e da cultura pode impulsionar o turismo cultural e o desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade local e promove a inclusão social. Além disso, as tradições culturais podem servir como fonte de inovação, inspirando novas formas de expressão artística e cultural.

2.2 Os sentidos do trabalho

O trabalho desempenha um papel central na vida dos seres humanos, sendo ele uma fonte de renda, subsistência, meio de inserção e participação social, ainda é uma forma de alcançar os objetivos pessoais. Diante dessa perspectiva, a teoria dos valores do trabalho propõe uma análise científica dos fatores que motivam os indivíduos a trabalhar, das alternativas disponíveis e das atitudes e comportamentos relacionados às atividades desempenhadas (Silva; Cabral; Santos; Barros, 2024). Os valores associados ao trabalho representam princípios ou crenças organizadas, que orientam as metas, ganhos e comportamentos dos indivíduos no ambiente laboral, que influenciam suas percepções sobre resultados, contexto e alternativas de

trabalho (Porto; Tamayo, 2003). No início dos anos 90, as pesquisas sobre o tema ainda apresentavam limitações por não se basearem em modelos teóricos robustos.

As definições no ambiente de trabalho podem ser detalhadas da seguinte forma: Cognitivo: os valores relacionados ao trabalho representam convicções sobre o que é visto como desejável ou indesejável nesse cenário; Motivacional: refletem os interesses e as aspirações do indivíduo no que se refere ao seu trabalho; e Hierárquico: os valores são estruturados em uma sequência contínua de importância, variando conforme a prioridade atribuída por cada pessoa. (Porto; Tamayo, 2003).

Parâmetros ou objetivos que ultrapassam situações específicas, organizados conforme sua relevância, funcionam como princípios norteadores da vida individual e são definidos como valores (Schwartz, 1999). Entendidos como um sistema, esses valores podem ser estruturados em dois níveis: um nível geral, de natureza mais ampla e abstrata, e outro nível específico, relacionado a contextos particulares, como família, trabalho ou religião.

FIGURA 21 – Devoção



Fonte: Ricardh Pereira.

Enquanto a estrutura geral dos valores engloba todos os aspectos da vida, as estruturas específicas derivam dessa dimensão mais abrangente e representam a aplicação concreta dos valores em situações cotidianas. Dessa forma, os valores influenciam o processo de tomada de decisões práticas. Conforme indicado por Schwartz (1992), ao serem analisados em contextos específicos, os valores não têm o propósito de revelar as bases valorativas fundamentais do indivíduo, mas sim procuram esclarecer as diferenças entre pessoas e culturas, que se manifestam por meio de comportamentos e julgamentos específicos.

Da mesma forma que os valores gerais, os valores vinculados ao trabalho podem ser classificados em pessoais, sociais e culturais, conforme indicado por Rohan (2000). Os valores pessoais, no contexto do trabalho, são os princípios que orientam a vida profissional do indivíduo, enquanto os valores sociais estão relacionados à percepção que o indivíduo tem sobre os princípios defendidos por outras pessoas. Por outro lado, os valores culturais no ambiente de trabalho dizem respeito aos princípios adotados e promovidos por um grupo, sendo entendidos como os valores compartilhados entre os membros ou aqueles determinados por líderes ou figuras de referência. A escala desenvolvida nesta pesquisa enfoca os valores pessoais no âmbito do trabalho (Porto; Tamoyo, 2003).

O conceito de sujeito do trabalho refere-se a uma instância que engloba todas as experiências humanas vistas sob a ótica do trabalho. Em sua forma ideal, essa instância orienta a formação do indivíduo moderno, particularmente como um indivíduo voltado para o trabalho. Em outras palavras, funciona como um ponto de referência para entender quem somos. Pessoas que são definidas em grande parte pelo trabalho que exerce (Bispo; Dourado; Amorim, 2013).

O processo de trabalho visa à produção de um valor de uso, isto é, um produto criado para atender as necessidades humanas. Nas sociedades capitalistas, esse processo tem como objetivo não apenas a produção de valores de uso, mas, principalmente, de valores de troca, ou seja, mercadorias, com o intuito de valorizar o capital. De acordo com Marx (1983), no modo de produção capitalista, o trabalho deixa de humanizar o trabalhador e passa a aliená-lo, visto que tanto o produto quanto o próprio processo de produção se tornam estranhos ao trabalhador. (Coutinho, 2009).

Ao analisar as formas de emprego contemporâneas, Kovács (2005) adota o termo "empregos flexíveis", por considerá-lo mais adequado em comparação com outras expressões, como "trabalho atípico" ou "novas formas de trabalho/emprego". Essas denominações surgem como uma contraposição às formas contratuais típicas do emprego fordista, que se configuraram como predominantes nos países capitalistas avançados. O conceito de "emprego flexível" é especialmente pertinente em pesquisas realizadas em países periféricos, como o Brasil, onde as

formas reguladas de emprego sempre coexistiram com modalidades não reguladas ou informais. (Coutinho, 2009).

O significado de sobrevivência se manifesta à medida que o trabalho se converte em dinheiro, proporcionando o acesso a necessidades fundamentais como alimentação, moradia, vestuário e outros itens essenciais. Nesse sistema, o trabalho deixa de ser percebido como um objetivo em si, uma possibilidade de autorrealização humana, e passa a ser reduzido à preservação física da vida, limitando-se à satisfação das necessidades elementares. Essa associação reflete as formas tradicionais de trabalho no capitalismo, como o trabalho remunerado ou o emprego. O reconhecimento social da condição de trabalhador está diretamente relacionado ao reconhecimento da condição de consumidor, enfatizando que, na sociedade capitalista, as interações são mediadas pelos bens, sendo o consumo a principal forma de inserção na sociedade de mercado (Magro; Coutinho, 2008).

A atividade laboral é uma prática produtiva que agrega valor, sendo fundamental sua organização eficiente para alcançar resultados úteis e rentáveis. A autonomia e o senso de responsabilidade dos trabalhadores são estimulados por organizações que promovem a gestão das atividades e fornecem feedback contínuo. O trabalho também facilita o desenvolvimento da identidade dos indivíduos ao proporcionar interações interpessoais significativas. Além disso, o trabalho organiza o tempo, estruturando a vida cotidiana e profissional, com rotinas e períodos de descanso que garantem continuidade e equilíbrio (Morin, 2001).

A maioria dos estudos sobre o trabalho foca nos significados atribuídos a ele por profissionais de diversas áreas, como engenheiros, trabalhadores temporários e professores. Há a necessidade de explorar novas variáveis para ampliar o conhecimento e as intervenções sobre o tema. Ribas (2003) observa que o trabalho pode ser visto tanto como fonte de autorrealização quanto como uma experiência negativa, caracterizada por esforço e penalidade. As divergências sobre os significados do trabalho decorrem da imprecisão conceitual e da diversidade de variáveis pessoais e sociais envolvidas, o que torna o estudo desses fenômenos um desafio multifacetado (Andrade; Tolfo; Dellagnelo, 2012).

2.3 O trabalho e a geração de valor não monetário: labor e cultura

O conceito de trabalho transcende a mera geração de valor econômico, abrangendo também a criação de valor não monetário que impacta a sociedade de diversas maneiras. Este valor, frequentemente intangível, está intimamente ligado à cultura e às práticas sociais, contribuindo para o desenvolvimento humano e social.

O trabalho é tradicionalmente associado à produção de bens e serviços que geram valor

econômico. No entanto, ele também é uma fonte de valor não monetário, como o fortalecimento do capital social, a promoção do bem-estar e a construção de identidade. Segundo Antunes (2009), o trabalho é um fenômeno social complexo que envolve relações interpessoais e culturais, desempenhando um papel central na formação de comunidades e na promoção da coesão social.

O labor, ou o esforço humano aplicado na produção, é profundamente influenciado pela cultura de uma sociedade. A cultura determina como o trabalho é percebido, valorizado e organizado, influenciando as normas e práticas laborais. De acordo com Sennett (2008), a cultura do trabalho molda as identidades individuais e coletivas, refletindo valores, crenças e tradições que são passadas de geração em geração.

FIGURA 22 – De geração em geração



Fonte: Ricardh Pereira.

A interseção entre labor e cultura na geração de valor não monetário é evidente em práticas laborais que promovem a inclusão social, a igualdade de oportunidades e a sustentabilidade. Conforme discutido por Souza e Silva (2017), o trabalho cultural, por exemplo, não apenas contribui para a economia, mas também enriquece a vida social e cultural das comunidades, promovendo a diversidade e a inovação social.

2.4 Os sentidos do trabalho na geração de valor não monetário

O trabalho é uma atividade central na vida humana, não apenas como meio de subsistência, mas também como fonte de valor não monetário, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, social e cultural. Este valor intangível é fundamental para a coesão social e para o bem-estar dos indivíduos e comunidades.

O trabalho é uma das principais fontes de identidade e propósito para os indivíduos. Segundo Antunes (2009), o trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também um fenômeno social que confere significado à vida das pessoas. Ele proporciona um senso de realização pessoal e pertencimento social, aspectos que são essenciais para a saúde mental e a satisfação pessoal.

Além de sua função econômica, o trabalho contribui para a cultura e a sociedade de várias maneiras. Ele é um meio de transmissão de valores, conhecimentos e tradições, desempenhando um papel crucial na formação cultural de uma sociedade. De acordo com Sennett (2008), as práticas laborais refletem e reforçam valores culturais, ajudando a moldar a identidade coletiva e promovendo a coesão social.

O trabalho também é um importante gerador de capital social, que se refere às redes de relacionamentos e à confiança mútua que facilitam a cooperação e a ação coletiva. Conforme discutido por Souza e Silva (2017), ambientes de trabalho que promovem a colaboração e a inclusão social contribuem para a construção de comunidades mais fortes e resilientes, aumentando o capital social e, por extensão, o valor não monetário gerado pelo trabalho.

O trabalho cultural dos Catopês, Marujos e Caboclinhos não se restringe às métricas utilitaristas da Economia Criativa. Trata-se de um trabalho que envolve fé, memória, identidade e transmissão intergeracional, configurando-se como um ato de resistência que transcende o valor econômico.

2.5 Trabalhadores e produção cultural

A produção cultural é um campo dinâmico que envolve a criatividade, a inovação e a expressão artística, sendo um componente essencial da Economia Criativa. Os trabalhadores da cultura desempenham um papel central nesse processo, contribuindo para a diversidade cultural e o desenvolvimento social.

Os trabalhadores culturais são aqueles envolvidos em atividades que resultam na criação, produção e distribuição de bens e serviços culturais. Segundo Hesmondhalgh (2013), esses trabalhadores operam em um ambiente que valoriza a criatividade e a inovação, mas que

também enfrenta desafios como a precarização do trabalho e a instabilidade econômica. Eles são fundamentais para a manutenção e renovação das tradições culturais, além de impulsionarem novas formas de expressão artística.

Os trabalhadores da cultura frequentemente enfrentam desafios relacionados à informalidade, à falta de proteção social e à instabilidade financeira. De acordo com Miguez (2007), a natureza intermitente do trabalho cultural pode levar a uma precarização das condições de trabalho, exigindo políticas públicas que promovam a segurança e a sustentabilidade no setor. No entanto, a produção cultural também oferece oportunidades significativas para a inovação social e o fortalecimento da identidade cultural.

FIGURA 23 – Terno de Catopês de São Benedito



Fonte: Ricardh Pereira.

A produção cultural tem um impacto significativo na sociedade, promovendo a diversidade cultural e o diálogo intercultural. Conforme discutido por Canclini (2008), os trabalhadores culturais são agentes de mudança que desafiam normas estabelecidas e promovem novas formas de pensar e viver. Eles contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e pluralista, onde a cultura é vista como um direito fundamental e um motor de desenvolvimento social.

A Economia Criativa é um fenômeno que transcende a mera geração de riqueza

econômica, incorporando valores culturais e sociais como elementos centrais do desenvolvimento local. Neste trabalho, economia e cultura se entrelaçam na construção de uma identidade coletiva, permitindo que trabalhadores culturais, como os Catopês, Marujos e Caboclinhos, desempenhem um papel fundamental na sustentação econômica da região. No entanto, a precarização do trabalho criativo, destacada por autores como Hesmondhalgh e Baker (2008), demonstra que, apesar da crescente valorização da Economia Criativa, os trabalhadores enfrentam desafios relacionados à instabilidade, baixos rendimentos e a ausência de proteção social.

A relação entre o trabalho e a Economia Criativa é caracterizada por uma dualidade: enquanto as atividades criativas proporcionam um espaço de expressão cultural e desenvolvimento pessoal, elas também estão sujeitas às mesmas lógicas de mercadorização e flexibilização impostas pelo capitalismo contemporâneo. Bendassolli e Borges-Andrade (2011) enfatizaram que a autonomia e a possibilidade de expressão são elementos que conferem significado ao trabalho criativo, mas, por outro lado, a intermitência e a incerteza financeira constituem fontes de estresse e ansiedade para esses profissionais. Assim, os trabalhadores das Festas de Agosto desempenham múltiplos papéis, oscilando entre a preservação das tradições culturais e a necessidade de adaptação às exigências do mercado.

FIGURA 24 – Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Nesse sentido, a Economia Criativa não está isenta de desafios estruturais. Apesar do

potencial de inclusão social e geração de oportunidades há um persistente problema de desigualdade e falta de reconhecimento profissional, especialmente entre grupos marginalizados. Finkel et al. (2017) enfatizam que a diversidade na Economia Criativa ainda é insuficientemente abordada, com mulheres e minorias enfrentando barreiras significativas para acessar oportunidades e reconhecimento no setor. No caso das Festas de Agosto, a informalidade do trabalho e a falta de políticas públicas eficazes agravam a vulnerabilidade dos trabalhadores culturais.

Diante desse cenário, torna-se essencial o desenvolvimento de políticas culturais integradas que reconheçam o valor do trabalho criativo não apenas como um fator econômico, mas como um direito social. A articulação entre Estado, sociedade civil e setor privado é fundamental para garantir condições dignas de trabalho e o fortalecimento da Economia Criativa como vetor de desenvolvimento sustentável. As Festas de Agosto, como patrimônio cultural e econômico, representam, como se verá a seguir, uma oportunidade ímpar para a implementação de políticas que valorizem a cultura como uma atividade estratégica para o desenvolvimento regional.

3 METODOLOGIA

O objetivo geral desta dissertação é analisar a efetiva participação dos atores centrais (Catopês, Marujos e Caboclinhos integrantes da Associação) na preparação, produção e apropriação dos resultados da referida festa, bem como o transbordamento desses resultados para outros agentes econômicos do município. Para atingir tal objetivo, foram definidos três objetivos específicos: a) contextualizar o ambiente cultural e histórico das Festas de Agosto; b) analisar as práticas e estratégias de produção do evento a partir da percepção dos agentes envolvidos na organização; c) analisar a percepção dos atores sobre o impacto econômico da festa em seus contextos locais.

Para abordar o problema proposto, esta dissertação adotou uma abordagem qualitativa voltada à análise da Economia Criativa. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas em profundidade, semiestruturadas, observação participante e análise de conteúdo documental ilustrada. Esses métodos permitiram uma compreensão aprofundada das práticas, desafios, oportunidades e impactos das Festas de Agosto, destacando nuances e contextos relevantes. A análise dos dados foi conduzida de forma interpretativista, por meio da análise de conteúdo, com o objetivo de identificar padrões, significados e relações subjacentes aos fenômenos

estudados. Esse enfoque qualitativo possibilitou uma análise rica e holística do objeto investigado, explorando sua complexidade e dinâmica.

Segundo Minayo (2002), "a pesquisa qualitativa busca explorar e compreender os fenômenos sociais através da análise detalhada das características, contextos e significados atribuídos pelos participantes". Essa abordagem valoriza a subjetividade e a complexidade dos dados, reconhecendo a importância das perspectivas individuais e das interações sociais na construção dos significados. "O método qualitativo mostra-se adequado para estudos voltados à história, às representações e crenças, às relações, percepções e opiniões, ou seja, aos produtos das interpretações humanas sobre suas vivências, artefatos materiais e modos de sentir e pensar" (Minayo, 2002, p. 57).

Uma característica predominante da abordagem qualitativa é a utilização de métodos flexíveis e adaptáveis de coleta de dados, o que permite uma análise mais específica e aprofundada do tema. Entre essas técnicas estão as entrevistas em profundidade, os grupos focais, a observação participante e a análise de conteúdo. Tais métodos possibilitam a identificação de padrões, contextos e interpretações subjacentes aos fenômenos investigados (Martins; Theóphilo, 2007).

Além disso, de acordo com Martins e Theóphilo (2007), a pesquisa qualitativa enfatiza a importância da criatividade e da sensibilidade do pesquisador na interação com os participantes e na interpretação dos dados. Essa abordagem possibilita uma compreensão holística e contextualizada dos fenômenos sociais, culturais e humanos, respeitando sua complexidade e dinamicidade.

Trata-se, portanto, de uma investigação empírica, de natureza naturalística, que se debruça sobre os fenômenos em seu contexto real, sem a intervenção ou controle do pesquisador sobre os eventos ou variáveis, com o intuito de apreender a totalidade da situação e, de forma criativa, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto (Martins; Theóphilo, 2007, p. 61).

Em síntese, a abordagem qualitativa, conforme Minayo (2002), visa aprofundar a compreensão dos fenômenos sociais por meio da análise das experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes, promovendo uma leitura rica, diversificada e contextualizada da realidade investigada.

A análise documental ilustrada compõe os procedimentos metodológicos desta dissertação, por se tratar de uma abordagem que visa aumentar o rigor da pesquisa documental por meio da sistematização dos procedimentos e da garantia de maior confiabilidade e replicabilidade dos resultados. Segundo Silva, Emmendoefer e Cunha (2020), essa metodologia

propõe a divisão do processo em etapas estruturadas, como preparação do material, análise preliminar e interpretação dos documentos. A partir disso, a análise documental ilustrada possibilita não apenas a descrição dos conteúdos, mas também a identificação de relações contextuais e inferências críticas baseadas em evidências concretas.

A aplicação dessa técnica objetivou examinar documentos históricos, registros institucionais e materiais de divulgação relacionados ao evento, a fim de identificar padrões culturais e econômicos ao longo do tempo. Isso contribuiu para uma compreensão mais aprofundada da evolução das festividades e de seus efeitos na comunidade local. Além disso, a análise documental serviu à triangulação dos dados coletados nas entrevistas e nas observações de campo, ampliando a perspectiva da realidade investigada.

O volume de entrevistas foi delimitado pelo critério de saturação, momento em que as respostas deixam de trazer contribuições novas e relevantes à pesquisa (Minayo, 2002).

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio do método de Análise de Conteúdo desenvolvido por Bardin (2008). Esse método divide-se em três polos de tratamento dos dados: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, permitindo interpretações e inferências fundamentadas sobre o conteúdo analisado.

A pesquisa foi realizada em campo, com acompanhamento direto e contínuo das atividades dos grupos culturais ao longo de diferentes momentos de suas manifestações públicas. Os primeiros registros ocorreram durante o ensaio técnico da escola de samba Acadêmicos de Niterói, na Marquês de Sapucaí, entre os dias 12 e 14 de janeiro de 2024, ocasião em que os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos participaram da preparação para o desfile. Na sequência, entre os dias 7 e 11 fevereiro de 2024, foi realizado o desfile oficial da escola, também acompanhado pela pesquisadora. Nesses dois momentos, foram coletados dados relevantes por meio de observações de campo, registros audiovisuais, entrevistas informais e materiais fotográficos, que compõem parte do acervo documental desta dissertação.

FIGURA 40 – Ensaio do Carnaval 2024



Fonte: Acervo Acadêmicos de Niterói.

Outro momento fundamental da pesquisa de campo ocorreu durante a realização das Festas de Agosto de 2024, em Montes Claros, entre os dias 13 e 18 de agosto. Nesse período, foram novamente realizadas observações participantes, entrevistas, fotografias e gravações em vídeo com o intuito de registrar o cotidiano das manifestações culturais e seus desdobramentos econômicos e simbólicos. Parte desse material foi utilizado nesta dissertação e no documentário resultante da pesquisa.

FIGURA 41 – Entrevista com o Mestre Zanza Junio durante as Festas de Agosto 2024



Fonte: Ricardh Pereira.

As entrevistas semiestruturadas, que compõem a base empírica principal do estudo, foram realizadas nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro de 2025, nas residências dos entrevistados. Participaram da pesquisa os mestres: Caciona, Zanza Junio, Guga, Hermínio e Yuri; o contramestre, Salveni, e o antropólogo, João Batista de Almeida Costa. O mestre Vanderlei, do Terno de Catopês de São Benedito, optou por não conceder entrevista.

Os entrevistados ocupam posições de liderança e protagonismo nas Festas de Agosto, sendo reconhecidos por suas comunidades como guardiões e transmissores de saberes tradicionais. Por atuarem diretamente na organização e continuidade das manifestações, configuram-se como fontes qualificadas de informação, capazes de oferecer visões amplas sobre os processos criativos, simbólicos e econômicos que sustentam a festa. Sua relevância também se expressa na autoridade simbólica e experiência acumulada, o que confere legitimidade às narrativas e contribui para a compreensão do fenômeno estudado em suas dimensões cultural, social e econômica.

Quadro de participantes da pesquisa

| Entrevista | Participante | Cognome | Grupo |
|------------|-----------------------------------|----------------------|-------------|
| E1 | Salveni Alves Pinto | Contramestre Salveni | Marujos |
| E2 | Iderian Sebastião Neto | Mestre Guga | Marujos |
| E3 | Yuri Faria Cardoso | Mestre Yuri | Catopês |
| E4 | Junio Pimenta Santos | Mestre Zanza Junio | Catopês |
| E5 | José Hermínio Ferreira Pinto | Mestre Hermínio | Marujos |
| E6 | Maria do Socorro Pereira Domingos | Cacicona | Caboclinhos |
| E7 | João Batista de Almeida Costa | Joba | — |

As entrevistas foram registradas em vídeo, com duração variando entre 30 minutos e 1 hora e 30 minutos. Ao todo, foram gerados 1.414 arquivos digitais, incluindo vídeos, fotografias, áudios e documentos, compondo um acervo expressivo para a análise dos dados e os produtos decorrentes da pesquisa.

A transcrição das entrevistas foi realizada com o apoio do aplicativo gratuito TurboScribe, utilizado para converter os áudios em texto, posteriormente revisado manualmente para garantir fidelidade às falas dos entrevistados.

FIGURA 42 – Entrevista com o Mestre Hermínio



Fonte: Arquivo pessoal.

Como desdobramento desta investigação, serão produzidos dois produtos finais: um documentário audiovisual e a publicação do livro intitulado *Por trás do céu de fitas: as Festas de Agosto como economia simbólica e resistência cultural*. Ambos têm como objetivo ampliar o alcance dos resultados da pesquisa, valorizando os grupos tradicionais e fomentando o debate sobre economia simbólica e resistência cultural no âmbito da Economia Criativa.

FIGURA 43 – Entrevista com Mestre Zanza Junio



Fonte: Arquivo Pessoal.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a sistematização analítica dos dados empíricos coletados por meio de entrevistas com mestres, contramestres, integrantes e especialistas ligados às Festas de Agosto de Montes Claros. A análise qualitativa, conduzida sob uma perspectiva interpretativista, está ancorada em categorias teóricas como Economia Criativa, valor não monetário, sentidos do trabalho e patrimônio cultural. A partir da escuta sensível dos depoimentos, buscam-se compreender os sentidos atribuídos ao trabalho cultural, as formas de resistência simbólica e as possibilidades de fortalecimento dessa expressão coletiva.

4.1 Festas de Agosto em Montes Claros

Os eventos criativos são manifestações culturais e econômicas que utilizam a criatividade como motor principal para impulsionar o desenvolvimento de comunidades e promover a identidade local. Esses eventos se distinguem pela capacidade de agregar valor simbólico e econômico, criando experiências imersivas e participativas para os públicos envolvidos. De acordo com Souza Silva (2014), eventos criativos não apenas dinamizam a

economia local em períodos de baixa temporada, mas também funcionam como espaços de experimentação cultural, conectando turistas e comunidades por meio de vivências autênticas e emocionais. Dessa forma, esses eventos se tornam estratégias eficazes de comunicação, consolidando a marca dos destinos e ampliando a atratividade turística.

No contexto da Economia Criativa, os eventos culturais são elementos-chave para a geração de renda e fortalecimento da identidade cultural, pois combinam elementos tangíveis e intangíveis que promovem o engajamento da comunidade local e a valorização do patrimônio imaterial. Segundo Carvalho, Ferreira e Figueira (2011), os eventos culturais e criativos contribuem para a regeneração urbana e para a formação de uma imagem diferenciada dos destinos turísticos, por meio da introdução de novas práticas culturais que dialogam com a tradição e a inovação.

A criação e gestão de eventos criativos exigem uma abordagem estratégica, considerando a necessidade de planejamento integrado, envolvimento dos stakeholders e inovação constante nas experiências oferecidas. Amorim et al. (2017) destacam que eventos como festivais e celebrações regionais devem ser estruturados com base em uma gestão colaborativa, promovendo a cocriação entre organizadores, artistas e público. Dessa maneira, os eventos criativos se tornam catalisadores do turismo cultural, oferecendo atividades participativas que valorizam os saberes e práticas locais.

FIGURA 25 – População assiste ao cortejo



Fonte: Ricardh Pereira.

Outro aspecto relevante dos eventos criativos é a sua contribuição para a sustentabilidade econômica e social das cidades anfitriãs. Eles permitem a diversificação das fontes de receita, ampliam as oportunidades de emprego no setor cultural e promovem o desenvolvimento de novas competências entre os participantes. De acordo com Carvalho (2011), festivais criativos desempenham um papel essencial na transformação dos territórios, agregando valor cultural e econômico a partir da valorização dos recursos endógenos e do fortalecimento das redes de colaboração. Assim, eventos criativos podem representar uma ferramenta eficaz para cidades que buscam diferenciação competitiva no mercado turístico.

Além do impacto econômico, eventos criativos desempenham um papel fundamental na preservação e promoção do patrimônio cultural. Como demonstrado por Fardin (2016), esses eventos reforçam a circulação de sentidos e a ressignificação das tradições locais, tornando-as mais acessíveis e relevantes para as novas gerações. Ao oferecer uma plataforma para a expressão cultural, os eventos criativos garantem que práticas culturais sejam perpetuadas e reinventadas em novos contextos, mantendo sua vitalidade e relevância no cenário contemporâneo.

Por fim, a importância dos eventos criativos está também na sua capacidade de fortalecer

a coesão social, fomentando o orgulho local e o pertencimento comunitário. Eventos como as Festas de Agosto de Montes Claros exemplificam como celebrações tradicionais podem ser alavancadas para impulsionar a Economia Criativa e envolver diferentes segmentos da sociedade. Esses eventos transcendem o entretenimento, tornando-se veículos de inclusão social e valorização cultural, essenciais para o desenvolvimento sustentável das cidades.

Partindo da premissa que a Economia Criativa tem como umas das principais características a geração de valor através do fator intelectual e criativo (Howkins, 2001), as Festas de Agosto em Montes Claros cumprem todos os requisitos que envolvem atividades de geração de valor, envolvendo associações e interações mais voltadas ao âmbito cultural, entretenimento e exploração do subjetivo dos indivíduos.

FIGURA 26 – Terno de Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Contudo, os festejos realizados em agosto transcendem sua função recreativa e religiosa. Desempenham um papel crucial na promoção da cultura regional, incorporando os conceitos de patrimônio e sustentabilidade. Além disso, ela tem papel fundamental no desenvolvimento

econômico local e regional, destacando-se não apenas como uma valorização cultural, mas também como uma apreciação histórica, dada sua estreita relação com o desenvolvimento da cidade (Souza, 2020).

FIGURA 27 – Antiga Capela de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Autor desconhecido.

Embora seja originária de uma tradição religiosa, a festa incorpora constantemente elementos modernos, desde indumentárias até estruturas festivas. O viés econômico da celebração reflete o consumismo e o capitalismo presentes não apenas no espaço secular, mas também na programação sagrada. Atualmente, o espaço festivo é marcado por diversas barracas que oferecem uma ampla variedade de produtos, como comidas típicas regionais, bebidas, vestuário, calçados, artesanato, artigos para o lar, bijuterias, entre outros (Souza, 2020).

A cultura não é meramente um instrumento; é a essência do desenvolvimento, valorizando elementos intrínsecos como herança, conhecimento, criatividade, diversidade e identidade (Nóbrega, 2013). No entanto, a cultura popular ainda é marginalizada nos modelos predominantes de organização produtiva da Economia Criativa, resultado da origem dessas estruturas em experiências em países anglo-saxônicos que negligenciaram as expressões culturais populares em suas classificações. Estes modelos, geralmente desenvolvidos por instituições econômicas e governamentais, arbitram os limites das atividades culturais e

criativas em segmentos econômicos, assumindo a responsabilidade de aceitar ou não essas manifestações (Pitombo, 2021).

Entretanto, as Festas de Agosto são justificadas como Economia Criativa, ou economia cultural, uma vez que no Brasil o Plano da Economia Criativa, elaborado em 2011 pelo então Ministério da Cultura, aborda de maneira significativa as culturas populares. Este plano incorpora um eixo específico denominado "Expressões culturais", abrangendo categorias como artesanato, culturas populares, culturas afro-brasileiras e culturas indígenas. No contexto internacional, o conceito Patrimônio é defendido pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que sua vez propõe uma classificação na qual as manifestações populares exercem um papel central (Pitombo, 2021).

4.2 As origens históricas das Festas de Agosto em Montes Claros

As Festas de Agosto de Montes Claros estão enraizadas no processo de desenvolvimento do município. De acordo com ata da Câmara Municipal da cidade, os primeiros registros formais do evento são de 23 de maio de 1839. Pouco tempo depois do arraial ser elevado a Vila de Montes Claros das Formigas em 13 de outubro de 1831 (Paula, 1957).

Para falar dessa manifestação cultural de Montes Claros, é necessário compreender sua origem. A deslocação forçada de escravizados para Minas Gerais desempenhou um papel fundamental na estruturação das irmandades leigas de afrodescendentes até aproximadamente 1701, quando um alvará foi emitido pelo governo geral, proibindo o tráfico interno que ocorria no Estado. No entanto, o comércio escravagista persistiu, assegurando a exploração das minas e estimulando a chegada de mais afrodescendentes ao território mineiro. Devido à diversidade de origens dos afrodescendentes levados para Minas, o estado testemunhou uma das mais significativas fragmentações de elementos culturais dos grupos étnicos africanos trazidos para o território brasileiro (Queiroz, 2005).

Esta situação sugere a hipótese de que esse fator possa ter influenciado a formação dos grupos de Congado nesse Estado. Desvinculados de suas etnias de origem, os afrodescendentes transplantados para Minas perderam a preservação de suas tradições "puramente" africanas, especialmente no que diz respeito a rituais religiosos, festividades coletivas e outros costumes e significados culturais (Luz, 2000).

FIGURA 28 – Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Entretanto, a presença dos afrodescendentes em Minas Gerais se destaca por meio de suas práticas e conhecimentos, que integram o imaginário das festas populares, ressuscitando distintas formas liberdade e alteridade. A clara pulverização dessa cultura não eliminou as marcas relacionadas à sua significância; ao contrário, revelaram um contexto cada vez mais subconsciente, caracterizado pela resistência em oposição a um discurso que busca apagar ou generalizar essas manifestações (Malveira, 2010).

Entre os estados brasileiros, Minas Gerais se destaca devido à expressiva concentração de grupos de Congado em seu território. Em diferentes regiões do estado são encontrados registros dessa manifestação, evidenciando a diversidade nas expressões dos grupos de Congado. Essa pluralidade ressalta a importância significativa desse festejo para o rico universo cultural mineiro (Queiroz, 2005).

O Congado está ligado à história de Francisco da Natividade, mais conhecido como Chico Rei. Supostamente um antigo rei africano, ele foi trazido à Vila Rica como escravo no século XVIII. Após desempenhar atividades nas minas e conquistar sua liberdade, ele exerceu

um papel crucial na libertação de vários outros escravos. Chico Rei fundou então a irmandade de Santa Efigênia, e foi responsável pela construção de uma igreja no Bairro do Alto da Cruz dedicada ao culto desta santa. Posteriormente, foi coroado rei da festa de Nossa Senhora do Rosário pelo Bispo de Diamantina (Queiroz, 2005; Almeida, 2015).

As festividades populares de Montes Claros estão entrelaçadas aos rituais religiosos católicos. A antiga vila celebra e festeja de maneira distinta em comparação à atual configuração. Os festejos e práticas dos afrodescendentes, desencorajados ou negligenciados pela Igreja e pelas autoridades locais, encontraram espaço, devido à identificação da população negra e seus descendentes que incorporaram suas tradições à realidade local. Assim, as celebrações em homenagem aos Santos Negros obtiveram autorização e supervisão eclesiástica (Malveira, 2010).

O sincretismo é uma característica marcante das Festas de Agosto. Há quase dois séculos a celebração, que teve origem na iniciativa própria da comunidade, homenageia Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo. O evento abrange missas, bênçãos e levantamento do mastro (Almeida, 2015).

FIGURA 29 – Levantamento de mastro em honra ao Divino Espírito Santo, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Farol Cultural.

A presença da cultura negra é notável nas festividades. Durante a celebração, a cerimônia de coroação, resgata a identidade estrutural da África, posteriormente desarticulada

no solo brasileiro. Nesse contexto, os reis africanos, transformados em negros escravizados no Brasil, reconquistam simbolicamente seu status e reinado durante os festejos. A participação dos Catopês nas Festas de Agosto desencadeia uma ressignificação ou tradução da tradição. Em homenagem aos santos, são realizados cortejos e desfiles pelas principais vias da cidade, conduzindo o rei e a rainha, acompanhados de princesas, príncipes e damas da corte, recriando os rituais presentes durante o período das coroações dos negros escravizados (Brito, 2014).

FIGURA 30 – Reinado



Fonte: Ricardh Pereira.

Os festejos nem sempre ocorreram na mesma época; após a fundação da Diocese de Montes Claros em dezembro de 2010, o bispo Dom João Pimenta unificou no mesmo calendário três festas religiosas anteriormente realizadas na cidade em períodos distintos. Dessa forma, a festividade do Divino, que ocorria em Pentecostes, e a de São Benedito, realizada em setembro ou outubro, foram integradas à celebração de Nossa Senhora do Rosário, já programada para agosto. Essa integração definiu o atual período das Festas de Agosto em Montes Claros, que passou a homenagear Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo em um único evento, congregando os rituais devotados a essas três santidades (Almeida, 2015).

4.3 Os grupos culturais que compõem as Festas de Agosto

A festividade é organizada em seis grupos distintos, compreendendo três Ternos de Catopês, sendo dois deles, devotos de Nossa Senhora do Rosário e um devoto de São Benedito. Dois grupos de marujada e um grupo de caboclinhos, envolvendo aproximadamente 300 participantes dançantes (Almeida, 2015).

FIGURA 31 – Grupos que compõe as Festas de Agosto de Montes Claros



Fonte: Lucas Viggiani.

Pelas ruas da cidade, os Catopês, seguidos pelos Marujos e Caboclinhos, conduzem as bandeiras de seus santos, procedendo ao levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário, à qual são devotos, têm como propósito identificar os espaços considerados profanos, anunciando os reinados. A chegada na igreja do Rosário, é o ponto alto da festa, é o momento do rito de passagem, em que o mastro é erguido, simbolizando a completa interligação dos reinos e o início de um reinado sagrado unificado. Subsequentemente, sucedem-se três dias nos quais o sagrado, representado pelos reis, rainhas, imperador e imperatriz, governam sob a proteção de seus santos padroeiros (Brito, 2014).

O grupo dos Catopês na cidade de Montes Claros mantém uma conexão direta com os rituais religiosos católicos entrelaçados às tradições africanas numa região com considerável concentração de afrodescendentes, que residiam em quilombos, fazendas e cidades (Brito,

2014). Representam a cultura africana, a pessoa nativa da África e levada ao Brasil. Sua vestimenta tradicional branca é adornada com cores variadas, destacando-se o rosa e o azul, e as fitas coloridas que caem da sua coroa cheia de penas são a fonte de inspiração para a ornamentação das festas folclóricas. As apresentações são divididas em duas filas organizadas em ordem decrescente. O mestre comanda a dança e as canções, à frente também vão os porta-bandeiras (Paula, 1957).

FIGURA 32 – Mestre Vanderlei, do Terno de São Benedito



Fonte: Ricardh Pereira.

Oriundos de tradições portuguesas, os grupos da Marujada evocam as aventuras náuticas da epopeia da Nau Catarineta, incorporando ritmos do fandango com instrumentos como pandeiros e rebeca. As apresentações desses grupos encenam confrontos entre mouros e cristãos, narrando feitos náuticos que culminam na vitória do catolicismo sobre os muçulmanos (Almeida, 2015). As vestes deles são azuis, representando os cristãos, e o vermelho, simbolizando os mouros (Queiroz, 2015).

Devotos do Divino Espírito Santo, a Marujada é composta por 18 a 24 marujos comuns, um patrão, um contramestre, um calafatinho e os guardas. Os dançarinos, reconhecidos como porta-bandeiras, abrem caminho para o grupo por meio de suas coreografias, enquanto o capitão

se posiciona à frente dos demais integrantes, conduzindo o terno com sua espada. As guardas de marujo simbolizam a conversão dos negros, que cumprem uma promessa ao Divino Espírito Santo devido à sua sobrevivência após o navio negreiro encalhar nos arrecifes da costa brasileira durante uma tempestade (Brito, 2014).

FIGURA 33 – Mestre Guga, Patrão da Primeira Marujada de Montes Claros



Fonte: Ricardh Pereira.

Em formação militar eles cantam e dançam, sob o som de pandeiros e violas. O momento mais aguardado por quem assiste as apresentações da marujada é a morte do patrão. Que é retratada por uma revolta a bordo. Em alto-mar sem rumo, o piloto e o patrão acusam o contramestre, que por sua vez responsabiliza o patrão e estimula os marujos a uma revolta generalizada. Durante um duelo, o patrão é ferido mortalmente. E ao preparar o corpo do patrão para ser jogado ao mar, o piloto cobre-o com o manto do Divino Espírito Santo, e o milagre acontece, o patrão volta à vida, e todos festejam (Paula, 1957).

Devotos de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo, os caboclinhos representam o índio brasileiro. Com enfeites de penas coloridas adaptadas às roupas vermelhas e brancas. Os integrantes carregam pequenos arcos e flechas, adicionando elementos visuais à caracterização do grupo (Almeida, 2015).

FIGURA 34 – Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Quando a tradição começou em Montes Claros, os caboclinhos desfilavam com o busto nu, mas com o aumento do número de mulheres na caboclada, essa prática não se manteve. Essa tradição, remanescente de folguedos populares com raízes indígenas, possui uma longa história no Brasil. Duas histórias diferentes compõem as narrativas das guardas dos caboclos: uma que conta sobre a conversão de um povo indígena e outra que narra a morte e ressurreição do "Papai Vovô". Os Caboclinhos utilizam violões e violas como instrumentos principais, destacando-se também a rabeça, tocada pelo mestre, que realiza solos instrumentais e as introduções das músicas (Queiroz, 2005; Brito, 2014).

É importante ressaltar que durante muitas décadas os grupos eram compostos apenas por homens, atualmente cerca de 60 caboclinhos são liderados por Socorro, a primeira mulher a fazer parte dos cortejos. Conhecida como Caciconá, ela acompanhava o pai, Mestre Joaquim Poló, desde de pequena (Souza, 2020).

FIGURA 35 – Caciconca: Mestre dos Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Os mordomos, escolhidos por sorteio na comunidade, desempenham o papel de guardar as bandeiras dos santos de um ano para o outro. A cada ciclo festivo, a Festa conta com três mordomos designados para Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo. Durante o período ritualístico, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos dirigem-se às residências dessas pessoas, onde retiram as bandeiras e as conduzem até a Igreja do Rosário

(Queiroz, 2005).

FIGURA 37 – Entrevista com os mordomos de São Benedito



Fonte: Arquivo Pessoal.

A participação na festa envolve os seis ternos e acontece em datas pré-determinadas, alinhadas com a ordem do dia dedicado ao santo das Festas de Agosto. Essa prática consiste em visitar a bandeira de cada santo, que é cuidadosamente preservada na residência dos mordomos devotos. Geralmente, as visitas aos mordomos ocorrem no início da noite, aos sábados, iniciando no final de junho ou início de julho e se estendendo até o final de julho, quando se inicia a visita aos festeiros. Cada festeiro assume a responsabilidade pela logística do seu dia específico. Semelhante à visita aos mordomos, a visita aos festeiros é realizada aos sábados à noite, ocorrendo entre o final de julho e o último sábado antes dos dias oficiais da festa. Os festeiros representam uma diversidade social, indo desde a classe média até a alta sociedade, englobando desde famílias tradicionais até políticos (Abreu, 2016).

FIGURA 38 – Deputada Célia Xakriabá participa do Cortejo



Fonte: Ricardh Pereira.

Como já foi dito, as congadas são celebrações em homenagens aos santos negros, especialmente Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Também conhecidas como Reinados. Em termos simplificados, o Reinado representa a fase da festa em que se reverencia a ancestralidade por meio da coroação dos reis, remetendo às origens dos reis africanos. Essa cerimônia implica na transmissão da coroa dos reis da festa em curso para aqueles que desempenham esse papel na celebração do ano seguinte, assumindo compromissos tanto com a comunidade quanto com os santos padroeiros (De Sá, 2019). Dessa forma, nos dias de homenagem aos santos, são constituídos também, o reinado e o império, através da coroação e consagração dos reis, rainhas, imperador e imperatriz (Queiroz, 2005).

Simbolicamente o levantamento do mastro é um dos momentos mais importantes de toda a festa. É a expressão da mais profunda devoção ao erguer a bandeira em homenagem ao santo. O ritual é feito a cada dia, quando os dançantes chegam até a igreja do Rosário. É a hora em que, também, é anunciado o santo que será homenageado no dia seguinte (Queiroz, 2005).

FIGURA 39 – Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Quadro Sinótico dos Resultados

| Eixos de Discussão | Recortes de Falas | Interpretação e análise |
|------------------------------|--|---|
| Economia Criativa nas festas | “Estamos na busca dessa sustentabilidade, com muito trabalho, esforço e dedicação. (...) As Festas de Agosto movimentam cultura, economia e turismo.” | A festa é um motor de ativação econômica informal e criativa, que movimenta diferentes setores, mesmo sem políticas estruturadas para isso. |
| Fundamento não monetário | “Eu acho que não é trabalhar. Se você faz uma coisa que gosta, com carinho, o coração está fazendo. (...) Eu preciso falar que é trabalhar? Suponhamos que seja: é o | Essa lógica evidencia que, para além da dimensão festiva e religiosa, os ternos também funcionam como redes de proteção social e familiar, operando em um sistema de trocas |

| | | |
|---|--|---|
| | melhor trabalho que faço na minha vida.” | que não passa necessariamente pelo mercado formal. |
| Tradição como herança e resistência | "Mesmo diante das tentativas de repressão e da modernização que visavam apagar essas tradições, as Festas de Agosto continuam sendo fonte vital de afirmação cultural." | A resistência aqui não é apenas material – ligada à organização logística ou à sobrevivência econômica dos grupos –, mas simbólica, marcada por um compromisso profundo com a ancestralidade. |
| Sentidos do trabalho cultural | Já chorei com vontade de rir [...] É tanto prazer que o meu salário é a palma do pessoal. Não tem salário melhor que isso, né?”. “Se você faz uma coisa que gosta, com carinho, é mais do que trabalhar. (...) É o melhor trabalho que faço na minha vida.” | Tal percepção corrobora com as reflexões de Porto e Tamayo (2003) e Schwartz (1992) sobre o sentido do trabalho, que enfatizam a presença de valores como autoexpressão, serviço à comunidade e busca de significado para além da remuneração financeira. |
| Trabalhadores e produção cultural | "Cada mestre coordena seu grupo de acordo com o legado que recebeu, em autonomia, mas agora buscamos fortalecer nossa organização em conselhos e associações" | Sinalizando uma tentativa de transição da liderança individual para formas mais coletivas de organização e representação política. |
| Eventos criativos, estratégia e desenvolvimento | “Com o apoio adequado do poder público, as Festas de Agosto poderiam atrair ainda mais turistas e fortalecer a economia de Montes Claros”. | Tal afirmação reforça a percepção de que, apesar do impacto, os efeitos econômicos positivos das festas seguem sendo subaproveitados devido à escassez de apoio institucional e planejamento estratégico |
| História e origem das festas | “As Festas de Agosto reafirmam simbolicamente a sociedade montes-clarense, funcionando como espaço de resistência | A origem das Festas está fortemente enraizada no seio familiar e comunitário: os relatos indicam que a vivência com os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos |

| | | |
|---|---|---|
| | cultural e preservação de saberes afro-brasileiros." | começa desde a infância, muitas vezes sendo transmitida ainda no ventre materno. |
| Patrimônio cultural e identidade coletiva | “Se dependesse de muitos, não teríamos festa. Mas a festa é mais antiga que o centro da cidade e é nossa existência.” | A resistência aqui não é apenas material – ligada à organização logística ou à sobrevivência econômica dos grupos –, mas simbólica, marcada por um compromisso profundo com a ancestralidade. |
| Políticas públicas e sustentabilidade | “O apoio existente não supre as necessidades básicas. Sem a ajuda dos próprios participantes, a festa não aconteceria.” | A ausência de políticas contínuas dificulta a sustentabilidade dos grupos. Falta apoio permanente para manter viva a tradição durante o ano todo. |

4.4 A Economia Criativa nas Festas de Agosto

A análise das entrevistas com mestres e integrantes dos grupos tradicionais das Festas de Agosto em Montes Claros evidencia, de forma contundente, que essas manifestações culturais operam dentro de uma lógica complexa da Economia Criativa, marcada por uma profunda tensão entre valor simbólico e sustentabilidade financeira. Embora os ternos de Catopês, Marujos e Caboclinhos movimentem diferentes setores da economia local – como o comércio informal, a hotelaria, o turismo e os serviços – o retorno financeiro direto para os grupos responsáveis pela manutenção da festa é extremamente limitado. Dessa forma, apesar de analisar sob a ótica da Economia Criativa, a realidade dos mestres e integrantes das Festas de Agosto extrapola o enquadramento utilitarista do conceito. O trabalho criativo aqui observado expressa também dimensões simbólicas e de resistência que configuram uma Economia Simbólica e uma Resistência Cultural enraizada. Trata-se, portanto, de uma Economia Criativa híbrida, sustentada por investimentos pessoais, redes solidárias e uma motivação fortemente vinculada à fé, à tradição e ao pertencimento identitário.

Um dos principais padrões identificados nas falas dos entrevistados foi o reconhecimento do valor econômico indireto gerado pelas Festas de Agosto. Ainda que os mestres e seus grupos não se beneficiem diretamente desse fluxo financeiro, é inegável que o evento impulsiona atividades comerciais diversas na cidade. Os ambulantes vendem comidas típicas e artesanatos; pousadas e hotéis têm aumento na taxa de ocupação; bares, restaurantes e

transportes registram maior movimento. No entanto, esse aquecimento da economia não se traduz em políticas eficazes de redistribuição que contemplem os protagonistas culturais. O benefício é coletivo e disperso, mas o ônus da realização recai, quase exclusivamente, sobre os ombros dos mestres e seus colaboradores.

Todos os entrevistados relataram a insuficiência dos recursos públicos destinados à festa. O apoio institucional, ainda que existente, é percebido como simbólico diante das múltiplas necessidades logísticas e materiais envolvidas na preparação dos desfiles e apresentações. A fala do Contramestre Salveni sintetiza esse cenário: “O apoio do poder público existe, mas é insuficiente para cobrir todas as despesas. Muitos participantes acabam investindo recursos próprios para garantir a realização da festividade” (Contramestre Salveni – Entrevista E1). Essa insuficiência obriga os líderes dos ternos a financiarem, do próprio bolso, elementos essenciais como fardamentos, instrumentos musicais, transporte e alimentação dos integrantes. Essa prática de investimento pessoal dos mestres aparece recorrentemente nos depoimentos, revelando a magnitude do esforço individual empregado para manter viva uma tradição centenária.

Mais do que um desafio econômico, o cenário revela práticas alternativas de resistência, como a economia solidária interna. Vários mestres descreveram formas espontâneas de ajuda mútua entre os integrantes dos ternos, que envolvem doações de alimentos, compra de roupas e apoio direto a membros em situação de vulnerabilidade. Mestre Guga, por exemplo, compartilhou que frequentemente custeia remédios e cestas básicas para seus marujos: “Tem muitas coisas que eu arco do meu bolso para os marujos: uma cesta básica, um remédio. [...] O dinheiro que arrecada não dá para pagar as roupas que a gente faz” (Mestre Guga – Entrevista E2). Essa lógica evidencia que, para além da dimensão festiva e religiosa, os ternos também funcionam como redes de proteção social e familiar, operando em um sistema de trocas que não passa necessariamente pelo mercado formal.

FIGURA 44 – Mestre Guga



Fonte: Ricardh Pereira.

Mesmo diante das dificuldades, os grupos demonstram autonomia na gestão dos recursos. Cada mestre ou patrão atua como gestor do seu terno, tomando decisões sobre arrecadação, compra de materiais e organização logística. Muitas vezes, essa gestão envolve criatividade financeira e risco pessoal, como assumir dívidas para garantir a participação na festa. A fala de Mestre Yuri ilustra essa dinâmica de sacrifício e compromisso: “O apoio financeiro disponível não cobre nem mesmo os custos básicos. (...) Muitas dessas pessoas deixam compromissos pessoais e até oportunidades de trabalho para se dedicarem aos ternos” (Mestre Yuri – Entrevista E3).

As falas também revelam dissonâncias quanto à percepção de apoio comunitário e sustentabilidade futura. Enquanto alguns, como Mestre Zanza Junio, enxergam um aumento da valorização social e acreditam na possibilidade de alcançar certa autossustentação por meio de esforço e projetos: “Estamos na busca dessa sustentabilidade, com muito trabalho, esforço e dedicação. (...) As Festas de Agosto movimentam cultura, economia e turismo” (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4). Outros, como Mestre Guga e Mestre Yuri, consideram que a continuidade da festa depende diretamente do apoio externo. Para eles, o modelo atual é estruturalmente inviável do ponto de vista financeiro.

FIGURA 45 – Mestre Zanza Junio e os Catopês de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

A análise se articula fortemente com as abordagens teóricas da Economia Criativa, tal como formulada por Howkins (2001) e adaptada ao contexto brasileiro por Dutra, Conti e Silva (2021). As Festas de Agosto exemplificam com clareza a lógica em que atividades culturais geram valor econômico difuso, movimentando cadeias produtivas locais, mas sem garantir retorno proporcional aos seus criadores. O trabalho dos mestres e integrantes é marcado por um paradoxo: são agentes econômicos relevantes, mas permanecem precarizados e invisibilizados nas políticas públicas de fomento cultural.

O conceito de valor não monetário, formulado por Throsby (2001), é essencial para compreender a motivação dos participantes. A maior parte dos entrevistados não associa sua atuação aos moldes convencionais de trabalho remunerado. A atividade é movida pela fé, pela

honra de manter a tradição e pela alegria de estar em comunidade. Mestre Hermínio resume esse sentimento ao dizer: “Eu acho que não é trabalhar. Se você faz uma coisa que gosta, com carinho, o coração está fazendo. (...) Eu preciso falar que é trabalhar? Suponhamos que seja: é o melhor trabalho que faço na minha vida” (Mestre Hermínio – Entrevista E5).

Nesse sentido, a prática cultural dos ternos se insere no que Hall (1997) chama de economia de sentidos – uma lógica simbólica em que o valor das ações não está na retribuição financeira, mas na construção e reprodução de identidades coletivas. As Festas de Agosto, portanto, constituem um espaço em que tradição, fé e resistência se entrelaçam, sustentando uma forma particular de Economia Criativa profundamente enraizada no território e na memória.

4.5 Valor não monetário como fundamento

Um dos aspectos centrais das entrevistas é a predominância do valor simbólico e não monetário como motor de manutenção da festa. A dimensão espiritual, afetiva e identitária sobrepõe-se à lógica da remuneração financeira. Participar das festas é considerado um privilégio, um dever moral e um elo com os antepassados.

Os dados evidenciam que, embora o trabalho dos ternos não seja formalmente remunerado nem inserido em cadeias produtivas convencionais, sua realização mobiliza uma intensa circulação de valores – monetários e não monetários – que se alinham à noção ampliada de Economia Criativa.

Um dos achados centrais diz respeito ao valor econômico indireto gerado pelas Festas. Apesar de os grupos culturais não receberem retorno financeiro proporcional ao esforço e ao tempo investidos, sua presença impulsiona setores econômicos locais. A movimentação de visitantes e a ocupação do espaço urbano durante o mês de agosto favorecem uma lógica econômica difusa, na qual os grupos são protagonistas invisíveis de um ciclo de consumo que beneficia terceiros, mas não retorna, de forma justa, para os próprios fazedores culturais.

Essa realidade é compatível com os conceitos propostos por autores como Howkins (2001) e Dutra, Conti e Silva (2021), ao descreverem a Economia Criativa como um campo em que a criação de valor econômico não se traduz, necessariamente, em remuneração proporcional aos agentes criativos. No caso das Festas de Agosto, há geração de valor cultural, simbólico e econômico para a cidade, mas os principais protagonistas dessa produção permanecem em condições de precariedade material.

Ainda que o discurso da resiliência seja forte entre os entrevistados, emergem dissonâncias importantes quanto à percepção de valorização e viabilidade. Para alguns mestres,

como Zanza Junio, há reconhecimento da festa pela comunidade e a crença de que a autossustentabilidade pode ser alcançada com esforço, dedicação e a elaboração de projetos. "Estamos na busca dessa sustentabilidade, com muito trabalho, esforço e dedicação. (...) As Festas de Agosto movimentam cultura, economia e turismo" (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4). Já para outros, como Mestre Guga e Mestre Yuri, a sustentabilidade é vista como inviável sem o apoio externo contínuo, seja ele público ou privado. Essa diferença de percepção aponta para desigualdades entre os grupos, refletindo, possivelmente, o acesso desigual às redes de apoio, visibilidade midiática ou até mesmo estrutura organizacional interna.

Outro ponto relevante diz respeito ao valor não monetário do trabalho envolvido na realização das Festas. As motivações que levam mestres e integrantes a se dedicarem ao evento extrapolam a lógica mercadológica. Elementos como fé, tradição, identidade e pertencimento são reiteradamente evocados como razões principais para a participação, mesmo diante das dificuldades econômicas. A fala de Mestre Hermínio sintetiza esse sentimento: "Eu acho que não é trabalhar. Se você faz uma coisa que gosta, com carinho, o coração está fazendo. [...] Eu preciso falar que é trabalhar? Suponhamos que seja: é o melhor trabalho que faço na minha vida" (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Essa dimensão simbólica, como apontam Throsby (2001), Geertz (1973) e Hall (1997), é constitutiva da Economia Criativa, onde o trabalho não se define apenas por sua função produtiva, mas também por seu papel na construção de significados e vínculos sociais.

Portanto, ao observarmos os padrões de resposta e as dissonâncias entre os entrevistados, emerge um quadro multifacetado que articula resistência cultural, desigualdade estrutural, solidariedade comunitária e criatividade na gestão da escassez. As Festas de Agosto, nesse sentido, são um exemplo potente de como tradições culturais populares operam dentro de lógicas econômicas alternativas, muitas vezes invisíveis às políticas públicas, mas essenciais para a vitalidade do tecido social e para a manutenção do patrimônio imaterial brasileiro.

4.6 Tradição como herança e resistência

A análise das narrativas dos mestres e integrantes dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos evidencia que o trabalho realizado durante as Festas de Agosto é mobilizado majoritariamente por motivações que extrapolam o campo econômico convencional. O que se observa é uma rede densa de significados simbólicos e afetivos, em que a prática cultural é vivida como missão espiritual, exercício de pertencimento e afirmação identitária coletiva. (Throsby, 2001; Botelho; Reis, 2016).

FIGURA 46 – Mestres Catopês, Marujos e Caboclinhos



Fonte: Lucas Viggiani.

Todos os entrevistados convergiram na percepção de que participar dos ternos é motivo de orgulho e pertencimento, tanto no plano individual quanto coletivo. A atuação nos grupos fortalece o elo com o território, a história da cidade e a ancestralidade dos sujeitos, funcionando como dispositivo de memória e resistência. Mestre Zanza Junio, ao afirmar que "a participação gera um sentimento de pertencimento vivo e latente" (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4), explicita como essa prática cultural contribui para manter ativa uma identidade construída na coletividade e transmitida entre gerações. O envolvimento nas festas reforça os laços com a comunidade, promovendo inclusão social e sentimento de reconhecimento, como destaca Caciconna, mestre dos caboclinhos. A líder do grupo caracteriza o trabalho desempenhado por ela não apenas como um dever cultural, mas uma missão espiritual e pedagógica. Ela conta que busca, em sua liderança, transmitir princípios de fé, sinceridade e justiça, e coloca seu papel como educadora e cuidadora de jovens acima de qualquer interesse financeiro. A participação no grupo é apresentada como uma oferta de fé ao Divino Espírito Santo, e não como uma atividade mercadológica.

FIGURA 47 – Caciconas Socorro



Fonte: Ricardh Pereira.

Outro padrão fortemente identificado nas entrevistas foi a ênfase na continuidade da tradição como herança afetiva e espiritual. Muitos participantes expressam que a permanência nos ternos está diretamente ligada ao legado deixado por pais, avós e outros ancestrais. O compromisso é vivenciado como uma missão de vida, um pacto com a memória familiar que ganha corpo na dança, na música e na fé. Como relata Mestre Guga: "Para mim, a marujada é tudo. Na sexta de agosto, largo tudo. É a vida da minha família, era a vida do meu pai, do meu avô" (Mestre Guga – Entrevista E2). Esse elo afetivo reconfigura a relação com o trabalho, aproximando-a mais da devoção do que da obrigação profissional.

A espiritualidade, aliás, emerge como uma das principais motivações dos mestres. Participar das festas não é compreendido como trabalho no sentido formal e remunerado, mas como um ato de fé e entrega espiritual. Mestre Yuri sintetiza essa dimensão ao afirmar: "A motivação dos participantes está enraizada na devoção e no amor à tradição" (Mestre Yuri – Entrevista E3). A presença nos cortejos é vivida como uma forma de agradecimento, oração e cumprimento de promessas. Nesse sentido, as festas assumem contornos rituais e sagrados, contribuindo para a renovação espiritual dos participantes e da própria comunidade.

Além de sua função simbólica e espiritual, as Festas de Agosto são também descritas como espaços de impacto social positivo, onde se constrói acolhimento, inclusão e

solidariedade. Os grupos culturais cumprem papel educativo ao atuarem em escolas, projetos sociais e ações de formação cidadã. Para alguns mestres, como Zanza Junio, essa função pedagógica das festas é tão relevante quanto sua dimensão devocional. Ele destaca o papel dos ternos como escolas vivas de memória e cultura, articulando tradição com novas estratégias de formação e cidadania: "Manter essa cultura é um trabalho de memória, patrimônio e transmissão para futuras gerações" (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4).

Contudo, emergem dissonâncias importantes na forma como os entrevistados articulam as motivações e sentidos do fazer cultural. Para alguns, como Mestre Guga, a fé e a espiritualidade são o eixo central da tradição, que deve ser preservada tal como foi recebida. Já para outros, como Mestre Zanza, além da espiritualidade, o foco se estende ao impacto comunitário e à possibilidade de ressignificar o fazer cultural através de projetos sociais, educativos e institucionais. Essa diferença de enfoque revela modos distintos de lidar com a tradição: ora mais voltados à preservação do legado religioso e familiar, ora mais abertos a inovações e rearticulações com o presente.

Há também percepções contrastantes sobre o reconhecimento institucional das Festas de Agosto. Enquanto alguns mestres, como Zanza Junio, reconhecem avanços no processo de valorização das festas como patrimônio cultural e sua crescente inserção em projetos de política pública, outros, como Guga e Hermínio, relatam sentir que a sociedade local e o poder público ainda não compreendem a importância simbólica, histórica e educativa dos grupos tradicionais. Essa tensão aponta para a necessidade de políticas culturais mais sensíveis às especificidades das manifestações populares, que contemplem o reconhecimento não apenas formal, mas também material e estrutural das práticas culturais afrodescendentes.

Essas experiências se articulam diretamente aos aportes teóricos sobre a Economia Criativa. Como argumenta Throsby (2001), o retorno simbólico e identitário de atividades culturais pode ser mais importante que o retorno financeiro, especialmente quando se trata de expressões profundamente enraizadas em valores comunitários e espirituais. Ao não serem motivadas exclusivamente pelo lucro, as práticas culturais das Festas de Agosto evidenciam um tipo de "riqueza" não mensurável por indicadores econômicos tradicionais, mas essencial para a coesão social, a preservação da diversidade e o fortalecimento de vínculos intergeracionais.

A esse respeito, é possível afirmar que os mestres e integrantes dos ternos, ainda que não acumulem riqueza monetária, constroem e difundem uma riqueza simbólica e social que beneficia toda a coletividade. As festas funcionam como narrativas vivas de pertencimento, onde o valor da cultura reside não na mercadoria, mas na memória, no afeto e na continuidade dos saberes. Como compila João Batista de Almeida Costa, conhecido como Joba, antropólogo

e pesquisador da manifestação: "As Festas de Agosto reafirmam simbolicamente a sociedade montesclarenses, funcionando como espaço de resistência cultural e preservação de saberes afro-brasileiros" (Joba – Entrevista E7).

FIGURA 48 – Catopê



Fonte: Ricardh Pereira.

Nesse sentido, as Festas de Agosto se apresentam como um campo fértil para a compreensão da Economia Criativa não apenas como produção de bens culturais, mas como espaço de valorização do imaterial, do sagrado e do coletivo. Elas revelam como o trabalho criativo pode ser sustentado por motivações que não cabem nas lógicas do mercado, mas que constituem, paradoxalmente, a base da vitalidade cultural e da resiliência das comunidades que insistem em celebrar, resistir e transmitir seus modos de existir.

4.7 Sentidos do trabalho cultural

Ao investigar os sentidos atribuídos ao trabalho pelos mestres e integrantes dos grupos tradicionais das Festas de Agosto de Montes Claros, emergem narrativas profundamente marcadas por uma lógica que transcende a perspectiva utilitarista ou economicista. Os relatos revelam um entendimento do trabalho criativo e cultural como missão, devoção e expressão

identitária, configurando-se como uma prática impregnada de valores simbólicos, afetivos e coletivos.

Um dos principais achados da pesquisa está na concepção do trabalho nas festas como chamado espiritual ou legado familiar. Todos os interlocutores entrevistados, independentemente da idade, função ou tempo de atuação, expressam que sua dedicação às festividades é motivada por um sentimento de compromisso com a tradição, frequentemente descrito como uma missão de vida. O fazer cultural, nesse contexto, está profundamente enraizado em histórias de pertencimento familiar e comunitário, sendo vivenciado como expressão de fé e continuidade de uma linhagem simbólica, como afirma Maria do Socorro, ou Mestre Caciconá. O seu papel como liderança no grupo é marcado por um profundo senso de pertencimento e responsabilidade, evidenciado por sua história de resistência e desejo genuíno de participar do evento, mesmo quando foi inicialmente impedida, sendo a primeira mulher a fazer parte dos festejos, e a única mestra. Ela destaca a importância de transmitir valores de integridade e compromisso ético, herdados de seu pai, que também estava envolvido com as festividades, o saudoso Mestre Joaquim Poló.

FIGURA 49 – Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Nesse processo, o trabalho realizado nas Festas de Agosto também é fonte de prazer, orgulho e realização pessoal. A atuação como mestre, contramestre, tocador ou dançante é percebida como espaço de autoexpressão e desenvolvimento pessoal, em que o esforço é recompensado não por meios materiais, mas por emoções intensas como a alegria, a gratidão e o reconhecimento simbólico. A compreensão do contexto em que Mestre Hermínio atua nos leva à dimensão subjetiva e simbólica de seu ofício. Sua fala revela que a condução da marujada é atravessada por afetos, ancestralidade e sentidos profundos de pertencimento. A musicalidade, o canto, a produção artesanal de instrumentos e a condução dos ensaios são vivências que alimentam sua existência e projetam o sentido de sua atuação no mundo. Ele destaca também a importância de sua voz ser ouvida como liderança cultural, enfatizando que sua presença mobiliza e anima: “Eu começo um ritmo aqui, no violão, e começo cantando. Então, tem que ouvir assim, o Mestre Hermínio falou, nós vamos carimbar e tem que escutar nitidamente” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Tal reconhecimento confere potência à sua fala e ação, legitimando seu papel como condutor da tradição e como figura central na organização da festa.

FIGURA 50 – Chapéu da Marujada



Fonte: Ricardh Pereira.

Essa lógica do trabalho como vivência significativa também se reflete na autonomia com que os mestres conduzem suas atividades. A organização dos grupos, os ensaios, a resolução de conflitos internos e o diálogo com instituições públicas e privadas são conduzidos com grande independência. A liderança é exercida com responsabilidade e consciência de missão, o que confere aos mestres um papel central não apenas na estrutura das festas, mas também na manutenção da coesão comunitária. Essa autonomia, longe de ser apenas um atributo organizacional, representa um traço essencial da identidade desses sujeitos, que se reconhecem como guardiões e transmissores da tradição. Conforme destaca Contramestre Salveni: “O conhecimento adquirido fortalece minha posição no grupo e me motiva a continuar contribuindo para a manutenção dessa tradição centenária” (Contramestre Salveni – Entrevista E1).

A pesquisa também evidencia que o trabalho é mantido mesmo diante da ausência de retribuição financeira proporcional. Os entrevistados têm plena consciência de que os recursos recebidos – quando há – são insuficientes para compensar o tempo, o esforço físico e emocional, os deslocamentos e os custos com vestimentas, instrumentos e ensaios. No entanto, isso não é motivo para abandono da atividade, pois o valor atribuído ao trabalho vai além da lógica da remuneração. No entanto, essa autonomia vem acompanhada de dificuldades financeiras que comprometem a sustentabilidade da tradição. Os recursos financeiros destinados aos grupos são insuficientes. Segundo um dos mestres entrevistados, o repasse recebido pelos grupos não chega a R\$ 10 mil, enquanto os custos mínimos para a participação nas Festas de Agosto variam entre R\$ 20 e 25 mil. Para suprir essa lacuna, os mestres buscam patrocínios e, em muitos casos, utilizam recursos próprios. Essa realidade não é recente: a tradição de investir recursos pessoais na manutenção do terno remonta a gerações anteriores, como no caso do avô do Mestre Yuri, que também precisou financiar atividades culturais com recursos próprios.

Essa imbricação entre trabalho e identidade também é observada na forma como os mestres e participantes associam sua trajetória de vida ao envolvimento nas festas. Ser mestre, marujo, catopê ou caboclinho não é apenas uma função temporária ou circunstancial: é dimensão constitutiva da identidade social e familiar. Os entrevistados relatam que sua história pessoal se entrelaça com a da festa, e que o reconhecimento social recebido dentro e fora da comunidade está vinculado ao seu papel dentro desse universo simbólico. Para muitos, o pertencimento ao grupo tradicional molda valores, rotinas e relações, e contribui para a construção de um sentimento de utilidade, continuidade e pertencimento, como argumentam Souza e Silva (2017).

Apesar dos fortes padrões de convergência nas falas, a pesquisa também revela algumas

dissonâncias significativas. Um exemplo importante é a tensão entre gratificação pessoal e reconhecimento externo. Embora todos os mestres relatem sentir orgulho do trabalho que realizam, alguns demonstram frustração com a falta de valorização por parte das instituições públicas e da sociedade em geral. Mestre Guga, por exemplo, menciona que “A Festas de Agosto é tudo. Largo tudo para viver a marujada. É a vida da minha família”, mas também sinaliza o desejo de maior reconhecimento público e estrutural. Por outro lado, há também quem perceba avanços nesse aspecto, como Mestre Zanza Junio, que considera que houve um crescimento na visibilidade e valorização da festa nos últimos anos.

FIGURA 51 – Marujo



Fonte: Ricardh Pereira.

Na contramão do que pensam os outros mestres, Caciona se mostra cética quanto ao futuro financeiro das Festas de Agosto. Embora reconheça que as festas geram algum

movimento econômico, ela permanece endividada devido aos custos associados à manutenção do grupo. Além disso, ela lamenta a ausência de grupos de outras localidades, que antes enriqueciam o evento. Apesar das dificuldades, ela acredita que a organização das festas precisa melhorar, com maior pontualidade e mais atenção à visibilidade das apresentações, para garantir um público maior e mais diversificado. Ela observa que a participação feminina nas festividades é um avanço positivo, mas ainda vê desafios para atrair mais visitantes e fomentar a sustentabilidade econômica de forma justa para os envolvidos.

FIGURA 52 – Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Outro ponto de dissonância refere-se à carga emocional implicada na dedicação ao trabalho cultural. Alguns mestres, como Mestre Hermínio, relatam que o envolvimento com as atividades da festa é tão intenso que chega a interferir em outras dimensões da vida, como o trabalho formal ou as relações pessoais. A dedicação aos ensaios, às reuniões e à organização das festividades ocupa o pensamento e a energia desses sujeitos durante todo o ano, configurando um regime de disponibilidade permanente para a cultura.

Em síntese, os sentidos do trabalho identificados nas falas dos mestres e integrantes dos grupos tradicionais das Festas de Agosto revelam uma experiência marcada pela intensidade afetiva, simbólica e comunitária. Trata-se de um trabalho que não pode ser compreendido exclusivamente pela lógica da produção ou da remuneração, mas que exige uma abordagem sensível à sua dimensão identitária, espiritual e cultural. Esses achados reforçam a importância de reconhecer e valorizar o trabalho criativo como fundamento da economia simbólica e da resistência cultural, essencial à preservação da memória coletiva e à construção de sentidos compartilhados.

4.8 Trabalhadores e produção cultural

No coração das Festas de Agosto de Montes Claros estão os mestres, contramestres e dançantes – trabalhadores culturais que, apesar da invisibilidade institucional e da escassez de reconhecimento formal, assumem a linha de frente da produção cultural que sustenta a continuidade desse patrimônio imaterial. São esses sujeitos que, ano após ano, mobilizam não apenas esforços físicos e financeiros, mas também saberes, afetos e redes comunitárias para garantir que a festa aconteça.

Entre os principais achados desta pesquisa, destaca-se o protagonismo desses trabalhadores culturais, especialmente dos mestres e contramestres, que acumulam múltiplas funções na condução dos ternos. Eles são ao mesmo tempo líderes, organizadores, educadores, conselheiros e mantenedores da tradição. Mestre Yuri expressa de forma contundente essa autonomia ao afirmar que "O mestre do grupo possui autonomia para definir todos os aspectos do terno, desde o fardamento até os instrumentos" (Mestre Yuri – Entrevista E3). Essa liderança descentralizada é um traço marcante da organização das festas, revelando um modelo de gestão baseado na tradição oral, na herança cultural e na experiência direta, onde cada grupo carrega sua identidade própria e respeita o legado deixado por gerações anteriores.

Essa autonomia, no entanto, se dá em um cenário de precarização, os trabalhadores culturais frequentemente não são remunerados de forma justa, tampouco recebem apoio consistente do poder público. Como denuncia Mestre Guga, "se não fosse por nós mesmos, não teria festa. Arco com remédios, ônibus, roupas. É muita luta para manter tudo isso funcionando" (Mestre Guga – Entrevista E2). A responsabilidade financeira recai sobre os próprios trabalhadores, que se desdobram para arcar com custos que deveriam ser compartilhados com instituições públicas e privadas, dado o valor simbólico e econômico da festividade.

Essa realidade dialoga diretamente com a noção de precarização do trabalho cultural, tal como discutida por autores como Hesmondhalgh (2013) e Canclini (2008). A produção cultural,

nesses moldes, é marcada por um alto valor simbólico – frequentemente celebrado e exaltado –, mas por um baixo retorno material e por uma instabilidade estrutural que compromete sua sustentabilidade a longo prazo. Mesmo assim, os trabalhadores seguem firmes, sustentados por laços de solidariedade, apoio mútuo e um forte senso de pertencimento à coletividade.

FIGURA 53 – Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

A dimensão comunitária do trabalho é uma das bases mais sólidas da continuidade da festa. A solidariedade interna se manifesta de múltiplas formas: há doação de roupas e instrumentos, compartilhamento de recursos e suporte emergencial entre os grupos. Contramestre Salveni recorda que "Historicamente, o papel do contramestre surgiu como suporte para o mestre, que muitas vezes atuava sozinho na coordenação dos participantes" (Contramestre Salveni – Entrevista E1), revelando a construção coletiva e colaborativa que marca esse universo. Tais práticas remetem à perspectiva de Richard Sennett (2008), que

ênfatisa o valor das redes de confiança e da identidade coletiva na construção do trabalho artesanal e comunitário.

No entanto, nem todos os relatos convergem plenamente. Algumas dissonâncias surgem em torno do grau de organização institucional dos trabalhadores culturais. Enquanto mestres como Zanza Junio apontam avanços na articulação política dos grupos – com a formação de conselhos e associações voltados à defesa de seus direitos –, outros ainda percebem uma desarticulação generalizada e denunciam o abandono por parte do poder público. Segundo Mestre Zanza, "cada mestre coordena seu grupo de acordo com o legado que recebeu, em autonomia, mas agora buscamos fortalecer nossa organização em conselhos e associações", sinalizando uma tentativa de transição da liderança individual para formas mais coletivas de organização e representação política.

FIGURA 54 – Capacete do Mestre Zanza Junio



Fonte: Ricardh Pereira.

Outro ponto de divergência aparece na percepção sobre o reconhecimento social. Para parte dos entrevistados, o reconhecimento institucional e comunitário ainda é insuficiente diante da complexidade e importância do trabalho que realizam. Como destaca Mestre Guga, o trabalho dos mestres ainda é visto mais como devoção do que como ocupação legítima, o que reforça o ciclo da invisibilidade e da desvalorização material.

FIGURA 55 – Mestre Guga



Fonte: Ricardh Pereira.

Já Mestre Caciconá vê a valorização do trabalho dos caboclinhos nas manifestações culturais e reconhece que, apesar das dificuldades, a continuidade da tradição é essencial para a identidade da comunidade. No entanto, ela observa que as festas, em termos organizacionais, carecem de maior atenção à pontualidade e à visibilidade das apresentações para garantir uma experiência satisfatória tanto para os participantes quanto para o público, assim como Mestre Guga também pontuou.

Apesar das dificuldades, o trabalho é vivido com intensidade, orgulho e sentido. Mais do que uma ocupação, o fazer cultural nas Festas de Agosto é experimentado como missão e vocação. "É o melhor trabalho que faço na minha vida. Não é trabalhar, é viver a tradição" (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Ao afirmar com entusiasmo, Mestre Hermínio sintetiza a dimensão afetiva e simbólica que atravessa toda a prática cultural. O trabalho dos mestres e dos grupos tradicionais ultrapassa os limites da função produtiva: ele preserva memórias, conecta gerações e reafirma, ano após ano, uma identidade afro-brasileira marcada pela resistência e pela celebração coletiva. Como sintetiza o antropólogo Joba, "as Festas de Agosto representam

uma reafirmação da cultura popular afro-brasileira, sustentada pela resistência dos trabalhadores culturais locais" (Joba – Entrevista E7).

Assim, o trabalho cultural nas Festas de Agosto revela uma complexa combinação de autonomia, precariedade e resistência. A produção cultural aqui se sustenta não apenas por sua relevância simbólica, mas também por um profundo compromisso afetivo com a memória e a coletividade. Esses trabalhadores – invisibilizados no plano das políticas públicas, mas essenciais no campo da cultura – transformam a precariedade em potência e, mesmo diante das adversidades, mantêm viva uma tradição que é, ao mesmo tempo, celebração, fé e luta.

4.9 Eventos criativos como estratégia de desenvolvimento

As Festas de Agosto de Montes Claros evidenciam um importante potencial enquanto estratégia de desenvolvimento territorial ancorada na cultura popular. Os relatos dos mestres, integrantes e especialistas entrevistados revelam que, embora as festas mantenham um forte componente tradicional e religioso, elas também cumprem um papel relevante na dinamização da economia local, sobretudo por meio de efeitos indiretos que se espalham por diferentes setores.

Um dos principais padrões identificados nas entrevistas é a movimentação econômica indireta proporcionada pelo evento. Durante os dias das festas, há um notável incremento na atuação do comércio informal. Setores como alimentação e bebidas, hospedagem e transporte também são beneficiados, ainda que de maneira não sistematizada. Conforme apontado por Mestre Guga, “o nosso trabalho ajuda os ambulantes, movimenta comércio, mas sem apoio a gente não consegue desenvolver o que poderia”. Tal afirmação reforça a percepção de que, apesar do impacto, os efeitos econômicos positivos das festas seguem sendo subaproveitados devido à escassez de apoio institucional e planejamento estratégico.

Essa crítica é recorrente nos depoimentos. Os entrevistados destacam a falta de estrutura e de investimentos públicos, tanto em infraestrutura quanto em ações de valorização e promoção cultural. Há ausência de políticas públicas específicas que consigam articular o potencial das festas com o desenvolvimento local de forma sustentável e duradoura. Questões como transporte público adequado, segurança, acessibilidade e estratégias de divulgação aparecem como gargalos. Conforme enfatizou Mestre Zanza Junio, “Precisamos de mais sensibilidade dos gestores públicos” (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4).

Ainda assim, observa-se um movimento recente de ampliação da visibilidade das festas, principalmente por meio da atuação de mídias locais e das redes sociais. Alguns entrevistados apontaram que essa divulgação midiática tem atraído novos públicos e contribuído para o

reconhecimento do valor simbólico do evento. Nesse sentido, a comunicação tem funcionado como um vetor complementar para o fortalecimento do chamado “turismo de pertencimento” – aquele que se ancora em vínculos afetivos, memórias culturais e identidade regional.

A importância das Festas de Agosto como espaço de manutenção da cultura popular e estímulo ao turismo identitário foi unânime entre os entrevistados. Ainda que haja dissonâncias quanto à avaliação da efetividade desse potencial, o evento é visto como um marco na reafirmação do capital cultural local. O antropólogo Joba reforça essa ideia ao afirmar que “As Festas de Agosto representam uma reafirmação da identidade local e são, potencialmente, um vetor estratégico de desenvolvimento cultural e econômico para Montes Claros” (Joba – Entrevista E7).

FIGURA 56 – A coroação: jovem catopê colocando o capacete



Fonte: Ricardh Pereira.

Entretanto, há divergências quanto à leitura sobre o crescimento e a consolidação das festas como eixo de desenvolvimento. Enquanto Mestre Zanza Junio demonstra otimismo em relação ao impacto crescente do evento na cidade, Mestre Guga mantém uma postura mais crítica, lamentando a ausência de suporte contínuo e estruturado por parte do poder público.

Esse contraste reflete um ponto de tensão comum nas políticas culturais locais: o descompasso entre o valor simbólico da cultura e seu reconhecimento como ativo econômico.

À luz das teorias que tratam de eventos culturais e desenvolvimento local (Souza Silva, 2014; Amorim et al., 2017), as Festas de Agosto podem ser compreendidas como eventos criativos que operam como catalisadores econômicos e sociais, ao mesmo tempo em que reforçam o tecido cultural da comunidade. Elas se inserem no paradigma da Economia Criativa ao gerar valor agregado por meio da tradição e da cultura popular. Como destaca Mestre Yuri, “Com o apoio adequado do poder público, as Festas de Agosto poderiam atrair ainda mais turistas e fortalecer a economia de Montes Claros” (Mestre Yuri – Entrevista E3).

FIGURA 57 – Segundo Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Além disso, o evento contribui para a valorização do capital cultural simbólico e da memória coletiva, elementos fundamentais na construção de estratégias sustentáveis de desenvolvimento territorial. Ao fortalecer laços comunitários e atrair atenção para as manifestações locais, as Festas de Agosto reafirmam a cultura popular como um ativo estratégico, cuja potência vai muito além da celebração religiosa. Elas representam um convite ao diálogo entre tradição e inovação, cultura e economia, identidade e desenvolvimento.

4.10 História e origem das Festas de Agosto

As Festas de Agosto de Montes Claros emergem do tecido profundo da memória coletiva, revelando uma continuidade cultural que transcende o tempo e as gerações. As falas dos mestres e interlocutores evidenciam que essa manifestação não apenas antecede a fundação oficial da cidade, mas se estabelece como um marco fundador da própria identidade montesclarenses. A origem das festas está fortemente enraizada no seio familiar e comunitário: os relatos indicam que a vivência com os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos começa desde a infância, muitas vezes sendo transmitida ainda no ventre materno, como aponta Mestre Zanza Junio: “A cultura é transmitida através das gerações. Desde a gestação, minha mãe sentia a vibração dos tambores” (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4).

FIGURA 58 – Jovem catopê nas filas, o legado sendo transmitido



Fonte: Ricardh Pereira.

Essa noção de herança cultural vivida e incorporada no cotidiano sustenta-se no que Clifford Geertz (1973) chama de “cultura como um texto”, continuamente interpretado e reescrito por cada geração. Os entrevistados demonstram que, mais do que simples repetição de práticas, há um compromisso simbólico e afetivo com a tradição, que se atualiza ao mesmo tempo em que preserva elementos centrais – como a devoção religiosa, os cortejos e a musicalidade ancestral.

É também recorrente entre os participantes a consciência de que as Festas de Agosto são anteriores à urbanização de Montes Claros. A afirmação de que o evento “É mais antigo que a própria cidade” (Mestre Yuri – Entrevista E3), como lembra Mestre Yuri, ressignifica a cronologia oficial e evidencia uma história social e cultural que nem sempre está registrada nos livros, mas que é viva na oralidade e na prática festiva. Nesse sentido, as festas operam como arquivo da memória popular, cuja longevidade está profundamente ligada às experiências da população negra e periférica.

FIGURA 59 – Catopê do Terno de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

A matriz afro-brasileira das manifestações é um dos traços mais potentes desse patrimônio imaterial. Grupos como os Catopês, Marujos e Caboclinhos carregam em seus cantos, danças, indumentárias e rituais uma estética e simbologia oriundas das tradições africanas, mesmo quando estas são, por vezes, silenciadas ou diluídas na narrativa oficial. Para o antropólogo Joba, “As Festas de Agosto funcionam como espaço de resistência cultural afro-brasileira e reafirmação simbólica da identidade de Montes Claros” (Joba – Entrevista E7).

Nesse processo, identificam-se dinâmicas de permanência e mudança. As vestimentas, por exemplo, foram modernizadas – seja na troca de tecidos, no uso de adereços mais sofisticados ou na adoção de novas cores. Enquanto alguns entrevistados, como Mestre Zanza

Junio, interpretam essas mudanças como um enriquecimento da tradição, outros, como Mestre Hermínio, demonstram certo desconforto: “Mudaram a segunda marujada de branco. Eu pensava: não deveria ter mudado, porque a tradição era vermelho e azul” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Essas dissonâncias apontam para tensões entre conservação e inovação, que são próprias de manifestações culturais vivas.

FIGURA 60 – Marujada



Fonte: Ricardh Pereira.

A memória da resistência cultural aparece, então, como um fio condutor entre passado e presente. Os mestres reconhecem que, ao longo das décadas, as Festas de Agosto enfrentaram períodos de esquecimento, repressão institucional, precarização e invisibilização. Ainda assim, elas permanecem – com seus tambores, cantos e passos – como testemunhas de uma história que se recusa a ser apagada. “A festa vem de gerações. Meu bisavô, avô, pai... já faz parte de quem eu sou” (Mestre Guga – Entrevista E2). A afirmação de Mestre Guga explicita que participar das festas é também afirmar uma identidade e uma memória coletiva.

Nesse sentido, o trabalho criativo dos grupos tradicionais se insere como um processo contínuo de elaboração cultural, que incorpora novos elementos sem abandonar seus fundamentos. Trata-se de um exemplo de hibridização cultural, onde o passado não é mero ponto de partida, mas sim uma referência viva e em constante diálogo com o presente.

Por fim, o reconhecimento da profundidade histórica das Festas de Agosto convida a uma reflexão sobre políticas de preservação e valorização. Como lembra Mestre Yuri, “Mesmo sendo um evento mais antigo que a própria cidade de Montes Claros, as Festas de Agosto ainda carecem de investimentos adequados para sua preservação” (Mestre Yuri – Entrevista E3). A história das festas, portanto, não é apenas uma narrativa sobre o passado, mas sim um apelo por presença, respeito e investimento no presente e no futuro.

4.11 Patrimônio cultural e identidade coletiva

As Festas de Agosto de Montes Claros emergem, no discurso dos entrevistados, como um dos mais significativos marcos do patrimônio cultural imaterial da cidade, sendo reconhecidas por seus protagonistas como um símbolo vivo da identidade coletiva montesclarenses. Esse reconhecimento não se limita à formalidade das leis patrimoniais, mas é manifestado nas experiências subjetivas e cotidianas dos mestres, contramestres e integrantes dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos que, ano após ano, atualizam práticas ancestrais por meio da dança, da música, da indumentária e da fé.

A noção de pertencimento aparece como eixo estruturante dos relatos. A participação nas festas reforça o orgulho pela própria história, pela continuidade das tradições familiares e pela valorização das raízes afro-brasileiras. Como aponta Mestre Zanza Junio, "As festas trazem um sentimento de pertencimento que é vivo e latente nas nossas vidas e na cidade" (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4).

FIGURA 61 – Dançantes Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Essa memória afetiva coletiva, transmitida entre gerações, torna-se um vetor de permanência e resistência. Muitos entrevistados relatam que conheceram as festas ainda na infância, por meio da presença de pais, avós e vizinhos nos cortejos e ensaios. A festa, assim, não é apenas um evento anual, mas uma experiência que se entrelaça com a formação subjetiva dos sujeitos. Mestre Hermínio afirma: “As Festas de Agosto são tudo para mim. Influenciam o modo como eu penso e vivo minha cultura” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Essa afirmação evidencia o modo como os rituais e expressões culturais contribuem para a constituição de um modo de ser no mundo.

Um dos aspectos mais destacados nas entrevistas é a dimensão da resistência cultural afro-brasileira que as festas encarnam. Essa resistência se manifesta tanto na manutenção de uma estética própria (cores, passos, sons, gestos), quanto na permanência de uma espiritualidade que dialoga com cosmovisões africanas e indígenas, fundidas ao catolicismo popular. Para o antropólogo Joba, “As Festas de Agosto reafirmam a identidade cultural montes-clarense e representam resistência frente aos processos de modernização e embranquecimento” (Joba – Entrevista E7). Essa leitura evidencia o tensionamento entre as formas culturais populares e os padrões hegemônicos que tentam homogeneizar as manifestações culturais no Brasil, muitas vezes marginalizando ou invisibilizando as expressões afro-indígenas.

FIGURA 62 – Catopê do Terno de São Benedito



Fonte: Ricardh Pereira.

Apesar da riqueza simbólica e da força de mobilização comunitária, muitos entrevistados apontam limites na visibilidade pública e no reconhecimento institucional das festas. Ainda que haja certa valorização por parte da população local, a percepção é de que o poder público e setores mais amplos da sociedade tratam as Festas de Agosto com negligência ou desinteresse. Mestre Guga, em um tom contundente, afirma: “Se dependesse de muitos, não teríamos festa, mas a festa é mais antiga que o centro da cidade e é nossa existência” (Mestre Guga – Entrevista E2). Seu depoimento evidencia a persistência de uma desvalorização estrutural das manifestações culturais oriundas das periferias sociais e raciais.

No entanto, há dissonâncias quanto ao grau de reconhecimento das festas pelas políticas culturais. Enquanto Mestre Zanza Junio reconhece avanços pontuais em termos de visibilidade e incentivo público, outros, como Mestre Guga, seguem céticos quanto à eficácia dessas ações. Esse contraste reflete a complexidade das políticas culturais no Brasil, muitas vezes marcadas pela intermitência, pela ausência de continuidade e pela falta de diálogo efetivo com os agentes culturais locais.

Outro ponto de divergência está na ênfase conferida ao caráter de resistência. Joba, por exemplo, compreende as festas como rituais de rebelião cultural, em que os grupos reafirmam suas identidades e confrontam, simbolicamente, as estruturas de exclusão histórica. Já os mestres tendem a enfatizar a devoção religiosa, o cumprimento de promessas e a herança familiar como os principais motores de sua participação. Essa diversidade de interpretações não enfraquece o sentido das festas, mas revela sua pluralidade de significados e funções sociais.

Do ponto de vista teórico, as Festas de Agosto correspondem amplamente à definição de Patrimônio Cultural Imaterial, conforme os marcos conceituais da UNESCO e da legislação brasileira. São práticas, representações e conhecimentos transmitidos de geração em geração, constantemente recriados pelas comunidades em resposta ao seu ambiente e à sua história, gerando um sentido de identidade e continuidade. A vivência e o reconhecimento das festas como patrimônio, no entanto, não dependem apenas da chancela institucional, mas, sobretudo, da experiência dos sujeitos que as mantêm vivas, muitas vezes com grande sacrifício pessoal e familiar.

Em suma, o eixo temático “Patrimônio Cultural e Identidade” evidencia que as Festas de Agosto são, simultaneamente, espaço de celebração e de luta. Constituem-se como palco de resistência cultural afro-brasileira, como território simbólico de identidade coletiva e como testemunho de um Brasil profundo, que resiste e persiste através da fé, da arte e da tradição.

4.12 Políticas públicas e sustentabilidade cultural

A análise das entrevistas realizadas com mestres e integrantes dos grupos tradicionais das Festas de Agosto de Montes Claros revela um consenso significativo em torno da insuficiência do apoio público destinado à realização dessas manifestações culturais. Embora as festas sejam reconhecidas como patrimônio imaterial e mobilizem grande parte da população local, os recursos financeiros repassados pelo poder público – seja por meio da prefeitura ou por leis de incentivo à cultura – são descritos como insuficientes para atender às necessidades básicas dos grupos. Esse cenário de precariedade se traduz, na prática, na constante necessidade de que os próprios mestres e integrantes utilizem recursos pessoais para garantir a realização da festa, arcando com custos como compra de instrumentos, confecção de roupas, alimentação e transporte dos participantes.

A fala de Mestre Yuri sintetiza essa realidade ao afirmar: "O apoio existente não supre as necessidades básicas. Sem a ajuda dos próprios participantes, a festa não aconteceria" (Mestre Yuri – Entrevista E3). Essa percepção é amplamente compartilhada pelos demais entrevistados, reforçando a ideia de que, embora haja algum grau de incentivo público, este é insuficiente e acaba colocando sobre os ombros dos próprios agentes culturais a responsabilidade de manter viva uma tradição centenária.

FIGURA 63 – Catopês do Segundo Terno de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Ainda assim, mesmo diante das críticas, há entre os entrevistados o reconhecimento de que, sem o mínimo apoio institucional, como o repasse de recursos via Leis de Incentivo (a exemplo da Lei Paulo Gustavo), a situação seria ainda mais grave. A presença do Estado, mesmo que limitada, ainda exerce papel essencial na viabilização das festas. Nesse sentido, a fala do Contramestre Salveni aponta caminhos possíveis ao afirmar: "Uma das possíveis soluções seria o aumento do investimento público ou a criação de mecanismos legais que permitam patrocínios privados" (Contramestre Salveni – Entrevista E1).

As falas evidenciam a carência de políticas públicas específicas e estruturadas para o fomento da cultura tradicional popular. Há uma demanda latente por iniciativas mais amplas e permanentes, que extrapolem o caráter pontual e emergencial dos apoios atuais. Em vez de editais isolados ou ações esporádicas, os mestres reivindicam uma política pública voltada para a sustentabilidade das manifestações culturais tradicionais, construída com participação dos próprios agentes culturais e sensível às especificidades dos grupos.

FIGURA 64 – Catopê de São Benedito



Fonte: Ricardh Pereira.

A partir do referencial teórico sobre políticas públicas voltadas à Economia Criativa (SECULT-MG, 2023), compreende-se que as Festas de Agosto representam uma forma de expressão que deve ser amparada por estratégias públicas de salvaguarda, promoção e

valorização da diversidade cultural. O trabalho desenvolvido pelos mestres e grupos dialoga diretamente com a ideia de cidadania cultural, à medida que reivindica o direito de acesso à cultura e o reconhecimento das tradições como parte fundamental do patrimônio coletivo.

Contudo, nem todas as falas caminham em completa consonância. Há dissonâncias relevantes no modo como os entrevistados avaliam a atuação do poder público. Mestre Zanza Junio, por exemplo, adota uma visão mais otimista, sinalizando avanços recentes nas relações entre os grupos culturais e o poder público. Segundo ele: “Estamos caminhando, mas é necessário que o gestor tenha mais sensibilidade para fomentar as Festas de Agosto de maneira efetiva” (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4). Essa declaração sugere que, embora o cenário ainda seja insuficiente, há sinais de abertura ao diálogo, inclusive com a criação de conselhos de mestres e maior espaço para articulações coletivas em torno de projetos culturais.

Por outro lado, mestres como Guga e Herminio demonstram maior ceticismo e percebem desinteresse tanto da sociedade quanto do governo na valorização das tradições. Para Mestre Guga, "A ajuda que a gente recebe é pouca. Quando chega depois da festa, estamos devendo ainda a roupa que fizemos" (Mestre Guga – Entrevista E2). A fala evidencia não apenas a insuficiência do repasse, mas também a defasagem temporal na liberação dos recursos, o que compromete o planejamento e a organização dos grupos.

FIGURA 65 – Marujos



Fonte: Ricardh Pereira.

As estratégias adotadas para buscar apoio também variam entre os grupos. Alguns entrevistados relatam a formação de associações e articulações coletivas para pleitear recursos por meio de editais e leis de incentivo. Outros, no entanto, ainda operam em lógicas mais individualizadas, dependendo exclusivamente do esforço pessoal e de redes informais para garantir os custos da participação na festa. Essa variação de estratégias expõe desigualdades no acesso às políticas públicas e aponta para a necessidade de formação continuada e de espaços de escuta ativa com os fazedores de cultura.

À luz das teorias sobre fomento e sustentabilidade cultural, observa-se que a sobrevivência e continuidade das manifestações culturais tradicionais requerem políticas públicas permanentes, estruturadas e participativas. O modelo atual, baseado em repasses pontuais, não atende à complexidade das demandas dos grupos. A sustentabilidade das Festas de Agosto – e de tantas outras expressões culturais periféricas – exige o reconhecimento do trabalho criativo como um direito cultural, como uma forma legítima de produção de sentido, memória e identidade.

Nesse contexto, a ausência de políticas públicas eficazes fere o princípio da cidadania cultural e compromete a perpetuação de tradições que são centrais para a história e o imaginário coletivo de Montes Claros. A Economia Criativa, quando aplicada à realidade dos grupos tradicionais, precisa ser pensada a partir de suas bases comunitárias, respeitando o tempo da cultura e valorizando os sujeitos que a mantêm viva. O que os mestres reivindicam, em última instância, não é apenas dinheiro, mas sim o reconhecimento institucional da importância simbólica, social e histórica do que fazem – ano após ano, geração após geração.

4.13 Análise e discussão dos resultados

A análise das entrevistas realizadas com os mestres, contramestres e integrantes dos grupos de catopês, marujos e caboclinhos, à luz do referencial teórico e do método qualitativo interpretativista, permitiu compreender a centralidade desses atores na preparação, produção e apropriação dos resultados das Festas de Agosto em Montes Claros. O trabalho revelou a complexidade e profundidade simbólica do fazer cultural envolvido na realização do evento.

4.13.1 A participação dos grupos tradicionais: entre autonomia e resistência

A participação dos atores centrais das Festas de Agosto se dá de forma múltipla e profundamente engajada. Os mestres não apenas lideram seus grupos na performance durante os desfiles, mas também atuam como organizadores, gestores, guardiões da memória e articuladores comunitários. As entrevistas revelam que o processo de preparação da festa

começa muito antes do mês de agosto, envolvendo desde a confecção dos fardamentos e ensaios dos integrantes até a arrecadação de recursos e planejamento das rotinas.

Essa preparação é marcada por uma autonomia notável. Não há um modelo formalizado ou uma estrutura institucional que coordene esse trabalho – cada grupo opera a partir da sabedoria prática acumulada ao longo das gerações, transmitida oralmente e atualizada conforme as possibilidades e necessidades do presente. O caráter voluntário e afetivo do trabalho é constantemente enfatizado pelos entrevistados, que apontam para motivações ligadas à fé, tradição familiar, identidade cultural e responsabilidade comunitária.

FIGURA 66 – Fila de Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Mesmo diante de dificuldades financeiras, como a escassez de recursos públicos e a descontinuidade de políticas de fomento à cultura tradicional, os grupos persistem. Essa persistência é sustentada por redes de solidariedade local: familiares, amigos, comerciantes de bairro e ex-integrantes contribuem com doações e apoio logístico. A festa, nesse sentido, torna-se não apenas uma manifestação artística, mas também uma dinâmica de resistência cultural e fortalecimento de laços comunitários, onde os mestres exercem liderança em múltiplas frentes.

4.13.2 Produção e apropriação dos resultados: ganhos simbólicos e transbordamentos econômicos

A produção das Festas de Agosto é movida, em grande medida, por valores não monetários. A realização da festa não se dá como um empreendimento lucrativo para os grupos culturais, mas sim como um compromisso intergeracional com a memória e a fé, como indicam diversas falas dos entrevistados. Há um orgulho evidente em manter viva a tradição, e o reconhecimento simbólico da comunidade – seja nos aplausos, nos convites para apresentações, ou no destaque nas mídias locais – é percebido como uma das principais formas de retorno pelo trabalho realizado.

Contudo, os resultados da festa transbordam economicamente para além dos grupos culturais. Mesmo que os próprios mestres e participantes raramente recebam algum tipo de remuneração ou retorno financeiro direto, o evento gera movimentação na cidade. Durante os dias de festa, há crescimento perceptível no fluxo de turistas e moradores no centro de Montes Claros, o que dinamiza setores como hospedagem, alimentação, comércio informal e transporte.

Ainda que não tenha sido o foco central da pesquisa, os dados qualitativos sugerem que a percepção dos atores econômicos locais – como donos de bares, pousadas e ambulantes – é de que a festa representa um momento de incremento financeiro. No entanto, a ausência de uma estrutura institucional que integre a festa a estratégias de desenvolvimento turístico mais amplas limita o alcance desse potencial. Falta uma política pública articulada que reconheça a importância econômica do evento, invista na sua valorização e garanta melhores condições para os grupos que o tornam possível.

4.13.3 Festas de Agosto como patrimônio cultural e motor de identidade

O ambiente cultural e histórico em que as Festas de Agosto estão inseridas é marcado por uma herança afro-brasileira profundamente enraizada. Os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos são expressões vivas dessa herança, e suas práticas mantêm viva a memória coletiva de resistência, devoção e pertencimento. As festas operam como rituais de identidade, que atualizam tradições ancestrais e conectam passado, presente e futuro.

FIGURA 67 – Criança nas filas de Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Para além de um evento festivo, as Festas de Agosto constituem um património cultural imaterial, reconhecido e celebrado não apenas pela população local, mas também por pesquisadores, turistas e instituições culturais. A presença dos grupos nas ruas, seus cantos, fardamentos e coreografias funcionam como manifestações estéticas e políticas, que reafirmam a importância da diversidade cultural e da valorização das culturas populares no cenário contemporâneo.

4.13.4 Conclusão analítica

A resposta ao problema de pesquisa – "Como se dá a participação dos atores centrais na preparação, produção e apropriação dos resultados da festa?" – encontra-se na convergência entre compromisso cultural, autonomia organizativa e resistência simbólica. Os Catopês, Marujos e Caboclinhos não são apenas participantes da festa: são seus principais agentes, produtores e defensores, atuando com intensidade, mesmo diante das adversidades.

FIGURA 68 – Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

O trabalho desenvolvido por esses grupos representa um modelo de Economia Criativa baseada em valores culturais, ainda que com pouca institucionalização. Os resultados da festa, em sua maioria simbólicos para os grupos, possuem impacto econômico mais visível nos setores periféricos ao evento. Isso reforça a necessidade de políticas públicas que enxerguem as Festas de Agosto não apenas como expressão cultural, mas também como vetor de desenvolvimento territorial sustentável, articulando cultura, turismo, economia e cidadania.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quadro Sinótico dos Resultados

| Eixo dos Resultados | Principais achados |
|---|---|
| Identificação e contexto | A participação nas Festas de Agosto é marcada por uma transmissão geracional que une tradição, fé e pertencimento. Os grupos culturais funcionam como núcleos de identidade coletiva e espiritual, onde o fazer cultural é inseparável da vivência pessoal e familiar. O calendário da festa estrutura o tempo simbólico da comunidade. |
| Significado do Trabalho Criativo | O trabalho criativo nos grupos tradicionais envolve produção artesanal e simbólica, resultante de um saber ancestral transmitido oralmente e pela prática. Cada adorno, ritmo e movimento carrega significados culturais profundos, articulando estética e memória. |
| Condições de Trabalho e Sustentabilidade Financeira | Os relatos revelam uma precarização estrutural do trabalho criativo. A maioria dos mestres e integrantes dos grupos financia as atividades com recursos próprios. A ausência de políticas públicas estruturadas e contínuas contribui para a fragilidade das condições de trabalho dos fazedores de cultura. |
| Reconhecimento e Valorização | As falas evidenciam uma valorização pontual e superficial, muitas vezes restrita ao período da festa. Há um contraste entre o reconhecimento simbólico (palmas, homenagens) e a ausência de ações concretas e estruturais que assegurem o respeito contínuo aos grupos. |
| Redes de Colaboração e Estratégias de Resistência | As redes de solidariedade entre grupos e membros da comunidade são fundamentais para a continuidade da festa. O compartilhamento de recursos e o apoio mútuo compensam a falta de apoio institucional e reforçam o senso de pertencimento e coletividade. |
| Futuro e Perspectiva | Os mestres projetam no futuro o desejo de continuidade com melhoria nas condições de vida e de trabalho. Há um apelo por reconhecimento e estrutura que permita às próximas gerações celebrarem a festa com orgulho, autonomia e respeito à história construída até aqui. |

Essa seção tem como função apresentar os resultados obtidos com as entrevistas, analisando as falas dos participantes com um viés interpretativista, confrontando-as com a literatura sobre dinâmica do trabalho, com a lente do valor não monetário da Economia Criativa nas Festas de Agosto de Montes Claros, facilitando a compreensão do sentido do trabalho na geração de valor não monetário. Nas subseções seguintes serão tratadas questões como Identificação e Contexto, Significado do Trabalho Criativo, Condições de Trabalho e Sustentabilidade financeira, Reconhecimento e Valorização, Redes de Colaboração e Estratégias de Resistência, Futuro e Perspectiva.

5.1 Identificação e contexto

As Festas de Agosto de Montes Claros representam uma manifestação cultural de grande relevância histórica e social. Os ternos, conduzidos por mestres que desempenham um papel central na organização e manutenção das tradições, enfrentam desafios significativos para garantir sua continuidade. O mestre do grupo possui autonomia para definir todos os aspectos do terno, desde o fardamento até os instrumentos, tomando decisões estratégicas para assegurar a qualidade e a coesão do grupo.

A participação nos grupos costuma ter raízes familiares e se fortalece com o tempo. O Contramestre Salveni relata que, embora tenha tido contato desde cedo com as festividades por influência de seu irmão, só conseguiu se integrar ativamente a partir de 2018, quando teve mais disponibilidade. A função de contramestre surgiu como uma resposta à necessidade de apoio ao mestre na coordenação e condução dos grupos.

Mestre Zanza Junio, herdeiro do legado do saudoso Mestre Zanza, é uma das principais lideranças do grupo do primeiro terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário, de Montes Claros. Com profundo envolvimento nas Festas de Agosto, ele costuma afirmar que a organização desse grande evento ocorre “de dentro pra fora”, ou seja, nasce da própria comunidade, com os mestres e dançantes iniciando os preparativos logo após o encerramento da procissão de agosto.

De acordo com ele, o trabalho continua ao longo de todo o ano por meio de confraternizações, reuniões, ensaios e atividades culturais. Um dos momentos mais simbólicos dessa continuidade é o Festival Zanzando, realizado em maio. Idealizado por Zanza Junio, o festival reúne artistas da cidade, grupos tradicionais e o público em geral, fortalecendo os laços entre arte, fé e ancestralidade. Ele o descreve como um evento holístico, que envolve diferentes expressões artísticas e religiosas, preservando os pilares da tradição e promovendo o diálogo com novas gerações.

FIGURA 69 – Primeiro Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Para o Mestre Iderian Sebastião Neto, o Mestre Guga, patrão de uma tradicional Marujada, é crucial respeitar os ensinamentos e estruturas deixadas por mestres mais antigos, demonstrando forte vínculo com a tradição: “Eu não mudaria tudo, muita coisa ficaria por causa do jeito que era antigo. Não mexeria em nada que os outros mestres deixaram. Que é o reinado. Tem que manter sempre” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Essa postura revela o papel da memória coletiva na formação das lideranças culturais, que se percebem não como criadores autônomos, mas sim como continuadores de uma herança. Mesmo assim, ele aponta pequenos ajustes que considera pertinentes, especialmente no tocante à organização do tempo durante os cortejos: “Só mudaria os horários. Assim, da chegada, da saída, que tem que mudar” (Mestre Guga – Entrevista E2).

FIGURA 70 – Mestre Guga



Fonte: Ricardh Pereira.

A fala denuncia um dos pontos críticos recorrentes nas festividades: os atrasos frequentes que interferem na participação popular, sobretudo das senhoras devotas: “Chega às sete, sai meia-noite. Quando passa, as senhoras de fé já foram embora” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Maria do Socorro, ou Mestre Caciconá, lidera o grupo de caboclinhos. O seu papel como liderança no grupo é marcado por um profundo senso de pertencimento e responsabilidade, evidenciado por sua história de resistência e desejo genuíno de participar do evento, mesmo quando foi inicialmente impedida, sendo a primeira mulher a fazer parte dos festejos, e a única mestra. Ela destaca a importância de transmitir valores de integridade e compromisso ético, herdados de seu pai, que também estava envolvido com as festividades, o saudoso Mestre Joaquim Poló.

A trajetória de Mestre Hermínio se entrelaça com a história da Segunda Marujada e com a própria dinâmica das Festas de Agosto em Montes Claros. Ao narrar seu cotidiano, o mestre evidencia o modo como a festa transforma o espaço urbano e social da cidade: “Eu acho muito bacana aquela rua do centro, porque a gente vê o trânsito, como é que é, né? E chega naqueles dias, pé na rua, já vai o guarda, já dá a mão. Para aí, que agora o trânsito está diferente” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). A ocupação simbólica e física das ruas indica não apenas a

centralidade da festa para a vida comunitária, mas também o lugar que os mestres ocupam como articuladores dessas transformações. Sua atuação vai além da condução musical: envolve articulações políticas internas entre os grupos, resoluções práticas e manutenção de tradições. Ao falar de sua autonomia dentro do grupo, ele explica: “Dentro do meu grupo, isso aí é claro que eu tenho, né? Agora, quando se trata dos seis grupos, se trata de uma reunião que vai da Festas de Agosto, eu faço aquilo que tiver o meu alcance” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). A resposta revela tanto sua responsabilidade como liderança quanto os limites de sua atuação coletiva.

5.2 Significado do trabalho criativo

Além do aspecto econômico, a importância social das Festas de Agosto se manifesta no impacto positivo que exercem sobre a comunidade. O Mestre Yuri Faria, do segundo terno de Nossa Senhora do Rosário, expressa satisfação e senso de dever ao continuar o legado de seu avô, que resgatou inúmeras crianças e jovens de contextos de vulnerabilidade social. Através da dança e da participação nos ternos, muitos indivíduos encontraram um caminho alternativo, afastando-se de situações de risco. Há relatos de ex-dançantes que reconhecem a influência transformadora dessa experiência em suas vidas, evidenciando o potencial das festividades como ferramenta de inclusão social.

FIGURA 71 – Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Tanto mestres quanto contramestres compreendem sua atuação como um compromisso com a preservação do legado ancestral. O mestre entrevistado sente-se herdeiro da missão iniciada por seu avô, que usou o terno para resgatar crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. A dança e a música dos ternos tornam-se, assim, instrumentos de transformação social, oferecendo novas perspectivas de vida. As falas ressaltam que o objetivo não é o lucro ou inovação, como propõe um conceito mais restrito da Economia Criativa, mas sim a perpetuação de uma tradição centenária, enfatizando a presença da Economia Simbólica, fundamentada em trocas afetivas, fé e pertencimento.

Para o Contramestre Salveni, a atuação nas Festas de Agosto fortaleceu sua identidade e despertou um novo senso de responsabilidade. A prática transcende o ato de dançar ou organizar: trata-se de um gesto de devoção, pertencimento e continuidade de uma história que se entrelaça com a da cidade e de seus moradores.

Assim como para outros mestres e contramestres, o compromisso de Zanza Junio com os catopês é também espiritual e afetivo. Ele relembra com emoção as palavras do pai: “Você ainda vai ver coisas grandes dos catopês” (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4). Essa previsão ganhou forma quando o grupo foi homenageado na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, no desfile da escola Acadêmicos de Niterói, com o enredo “Catopês, um céu de fitas”. Para ele, esse momento foi uma realização espiritual e coletiva.

FIGURA 72 – Catopês na Marquês de Sapucaí



Fonte: Riotur.

O mestre acredita que as Festas de Agosto caminham para um futuro ainda mais promissor, com mais visibilidade, maior potencial turístico e uma Economia Criativa emancipada. No entanto, faz questão de frisar: o crescimento precisa vir sem a perda da essência. Os cantos, os cortejos, os mastros e a fé são elementos inegociáveis. O grupo não pretende alterar a base da tradição, mas está aberto a agregar novas linguagens que respeitem os princípios herdados dos antepassados.

O fazer cultural dos mestres vai além da performance durante a festa. Envolve a mobilização de memórias, a coordenação de pessoas, a transmissão de saberes, a costura de afetos e a articulação de recursos. Essa dimensão criativa é constantemente renovada por meio da observação e do envolvimento espontâneo dos moradores.

O mestre narra como se dá o processo de inserção dos jovens nos grupos: “Do meu grupo é assim: vem um, olha, chama outro. Muitos moradores daqui não dançam, mas o filho deles dança. O filho olha, participa, dança, gosta. [...] A mulher acompanha a Marujada, já engravida, o filho já dança. Assim vai” (Mestre Zanza Junio – Entrevista E4).

FIGURA 73 – Pequeno dançante catopê



Fonte: Ricardh Pereira.

Essa cadeia de envolvimento evidencia a festa como território de pertencimento e continuidade. Trata-se de um espaço onde a tradição não se congela, mas se reinventa cotidianamente a partir do olhar das novas gerações.

Já Caciconá caracteriza o trabalho desempenhado por ela não apenas como um dever cultural, mas uma missão espiritual e pedagógica. Ela conta que busca, em sua liderança, transmitir princípios de fé, sinceridade e justiça, e coloca seu papel como educadora e cuidadora de jovens acima de qualquer interesse financeiro. A participação no grupo é apresentada como uma oferta de fé ao Divino Espírito Santo, e não como uma atividade mercadológica.

FIGURA 74 – Cacicona Socorro e os Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

A compreensão do contexto em que Mestre Hermínio atua nos leva à dimensão subjetiva e simbólica de seu ofício. Sua fala revela que a condução da marujada é atravessada por afetos, ancestralidade e sentidos profundos de pertencimento. Mestre Hermínio expressa de forma contundente o prazer envolvido em sua atuação como mestre. Sua relação com o trabalho é permeada por um forte componente afetivo: “O meu prazer... A maior seriedade, viu? Já chorei com vontade de rir [...] É tanto prazer que o meu salário é a palma do pessoal. Não tem salário melhor que isso, né?” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). A musicalidade, o canto, a produção artesanal de instrumentos e a condução dos ensaios são vivências que alimentam sua existência e projetam o sentido de sua atuação no mundo. Ele destaca também a importância de sua voz ser ouvida como liderança cultural, enfatizando que sua presença mobiliza e anima: “Eu começo um ritmo aqui, no violão, e começo cantando. Então, tem que ouvir assim, o mestre Hermínio falou, nós vamos carimbar e tem que escutar nitidamente” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Tal reconhecimento confere potência à sua fala e ação, legitimando seu papel como condutor da tradição e como figura central na organização da festa. No entanto, a renovação na Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, é percebida com cautela por alguns dos próprios integrantes mais experientes. Segundo o Mestre Hermínio, embora a chegada de novos líderes seja necessária, ela também pode apresentar riscos quando conduzida apenas pelo

entusiasmo, sem o devido respeito às tradições. Para ele, a humildade é o ponto de partida para uma organização eficaz da festa: “A humildade é o primeiro ato de organização para as Festas de Agosto” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Esta perspectiva revela que o fazer criativo tradicional está intrinsecamente ligado a práticas de responsabilidade coletiva e respeito à ancestralidade, reforçando que a inovação deve dialogar com a continuidade histórica.

5.3 Condições de trabalho e sustentabilidade financeira

No entanto, essa autonomia vem acompanhada de dificuldades financeiras que comprometem a sustentabilidade da tradição. Os recursos financeiros destinados aos grupos são insuficientes. Segundo um dos mestres entrevistados, o repasse recebido pelos grupos não chega a R\$ 10 mil, enquanto os custos mínimos para a participação nas Festas de Agosto variam entre R\$ 20 e 25 mil. Para suprir essa lacuna, os mestres buscam patrocínios e, em muitos casos, utilizam recursos próprios. Essa realidade não é recente: a tradição de investir recursos pessoais na manutenção do terno remonta a gerações anteriores, como no caso do avô do Mestre Yuri, que também precisou financiar atividades culturais com recursos próprios.

A sustentabilidade financeira dos ternos permanece um desafio, especialmente diante da percepção equivocada de que os mestres e dançantes recebem salários ou subsídios suficientes para manter os grupos. Na realidade, o apoio financeiro disponível não cobre nem mesmo os custos básicos. A solidariedade entre os integrantes é um aspecto fundamental para viabilizar a participação dos dançantes, uma vez que aqueles com melhores condições frequentemente ajudam os colegas, doando enfeites e vestimentas para que todos possam integrar o grupo. A ausência de políticas estruturadas faz com que a permanência desses trabalhadores culturais seja, em si, um ato de Resistência Cultural, uma economia de sobrevivência baseada na fé e na coletividade.

A organização dos grupos para garantir a realização da festa ocorre ao longo do ano, com reuniões periódicas entre os mestres e os demais participantes. A preparação inclui ensaios, escolha de festeiros e mordomos, além da definição das visitas que antecedem o evento. Seis sábados seguidos antes das Festas de Agosto são dedicados a essas visitas, que fazem parte da tradição. No entanto, toda essa estruturação depende do esforço voluntário dos envolvidos, que conciliam suas responsabilidades pessoais e profissionais para manter viva a tradição.

O Contramestre Salveni reforça esse quadro ao relatar que, por nem sempre haver patrocínio privado, os grupos ficam ainda mais dependentes dos próprios integrantes e do escasso apoio público. O resultado é o acúmulo de dívidas, especialmente com vestimentas e deslocamentos. Ele sugere como alternativa a criação de parcerias com empresas e instituições

culturais, além da regulamentação de formas legais de captação de recursos.

Para Zanza Junio, as Festas de Agosto representam uma potente engrenagem econômica para Montes Claros. A movimentação atinge diversos setores – turismo, alimentação, música, moda, artesanato – e gera oportunidades. Entretanto, ele chama atenção para a importância da valorização digna dos mestres e dos dançantes. O trabalho desenvolvido pelos grupos é intenso, espiritual e essencial à vida cultural da cidade.

FIGURA 75 – Capacetes dos Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Ele defende que cultura e educação caminhem juntas. Oficinas com crianças e adolescentes, promovidas durante o ano, são vistas como instrumentos fundamentais para a perpetuação da tradição. O mestre também levanta questões práticas, como a necessidade de adaptar os horários da programação, principalmente para favorecer a participação das crianças. Em sua visão, cuidar dessas estruturas é essencial para a preservação do rito.

O Mestre Iderian também relata que os recursos recebidos não cobrem todos os custos envolvidos. Além disso, ele menciona a necessidade de complementar as despesas com verbas captadas por meio de projetos culturais e apoio comunitário: “Esse ano vai ser melhor. A cultura vai ajudar a gente. Se não fosse a verba deles, não tinha como pagar o transporte. Pagamos seis ônibus nas visitas” (Mestre Guga – Entrevista E2).

A cadeia produtiva que se articula em torno da festa envolve costureiras, músicos, decoradores e transportadores, além do impacto sobre o comércio local: “A gente faz as roupas, você entendeu? As roupas da gente são feitas. Então surge muita oportunidade para eles. [...] Os hotéis? Tudo. Os hotéis que o pessoal vem de fora, tem grupo que vem de fora e fica nos hotéis. Então eles lucram muito com as Festas de Agosto” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Apesar da movimentação econômica que a festa gera, o mestre aponta que os fazedores da cultura não são devidamente valorizados ou priorizados nas políticas públicas.

A líder dos Caboclinhos também compartilha das mesmas opiniões que os demais mestres quando o assunto é a sustentabilidade financeira dos festejos, ela fala que, apesar do trabalho árduo e das práticas tradicionais de manutenção dos materiais usados nas apresentações, como trajes e flechas, a entrevistada enfrenta dificuldades econômicas substanciais. A falta de recursos é uma constante, e ela recorre a soluções criativas, como a reutilização de materiais encontrados no lixo, para manter o grupo funcionando. Além disso, a entrevistada compartilha o peso do endividamento pessoal, comprometendo-se com despesas, como os custos das fardas, em nome da continuidade do grupo. A percepção sobre a Economia Criativa é ambígua, já que, embora reconheça o potencial simbólico e cultural do trabalho, ela aponta a falta de retorno financeiro significativo para os envolvidos.

Se o trabalho de mestre é revestido de prazer e reconhecimento simbólico, ele também é atravessado por desafios concretos. A dimensão material da festa impõe limites e exige estratégias contínuas de manutenção e sustentabilidade. Apesar do envolvimento afetivo e simbólico, o Mestre Hermínio aponta com clareza os desafios financeiros enfrentados na organização da marujada. Ele reconhece a importância do apoio público, ainda que limitado: “Tem uma pequena verba que eles liberam para a gente. E essa é aquela caída do céu. Porque é uma verba que você pode contar. Não são projetos, são realidade mesmo” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). No entanto, ele também aponta as limitações do recurso e sugere formas de aprimorar sua aplicação: “Você vai pegar aquele dinheiro [...] para investir nos vestuários, nas cordas dos violões, e você pagar transporte com eles, eu acho que poderia ser melhor ainda” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). As condições materiais precárias, como a necessidade de apoio físico e a produção artesanal dos próprios instrumentos, também são mencionadas: “Falta recurso físico. Alguém me ajudar. Ah, eu fazer os pandeirinhos? Gente, é. Eu tenho essa liberdade, faço” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). A fala evidencia a sobrecarga imposta ao mestre, que acumula múltiplas funções para garantir a realização da festa. Nas últimas décadas, as condições materiais para a realização das Festas de Agosto vêm se transformando. O apoio do poder público, por exemplo, é citado como um fator que facilitou aspectos logísticos e

financeiros da festa em comparação com períodos anteriores, quando os grupos arcavam sozinhos com todos os custos. Contudo, apesar dessa melhora, a sustentabilidade financeira ainda depende de múltiplos atores. O mestre relata a importância do turismo mencionando o aumento da movimentação em hotéis e comércios durante o período das festas. Ele destaca, inclusive, como empresários do setor hoteleiro já se organizam antecipadamente para liberar seus funcionários envolvidos nas festividades, reconhecendo seu valor cultural e impacto econômico. Além disso, destaca-se o papel dos trabalhadores informais e ambulantes durante o evento. Vendedores de bebidas, alimentos e adereços típicos geram renda durante o período festivo, o que demonstra a dimensão econômica da manifestação, especialmente para os empreendedores populares.

5.4 Reconhecimento e valorização

Apesar dessa relevância, a valorização do trabalho dos mestres e dançantes ainda é limitada, tanto por parte da população quanto do poder público. Segundo o Mestre Yuri, apenas uma parcela reduzida da comunidade acompanha e reconhece a importância dos grupos tradicionais. Além disso, o suporte governamental permanece aquém do necessário para garantir a continuidade da festa de maneira estruturada e digna. Mesmo sendo um evento mais antigo que a própria cidade de Montes Claros, as Festas de Agosto ainda carecem de investimentos adequados para fortalecer sua preservação.

Os entrevistados destacam que, embora a motivação dos participantes esteja enraizada na devoção e no amor à tradição, um apoio financeiro mais consistente poderia incentivar ainda mais a participação popular. Muitas dessas pessoas deixam compromissos pessoais e até oportunidades de trabalho para se dedicarem aos ternos. A falta de um plano de incentivo cultural específico para os mestres e dançantes prejudica a continuidade do evento e pode comprometer a renovação das futuras gerações.

A despeito de sua importância cultural e social, a valorização institucional do trabalho dos mestres e contramestres ainda é insuficiente. Ambos os entrevistados apontam a falta de reconhecimento por parte do poder público como um fator desmotivador. Embora a comunidade local valorize a atuação dos grupos, a ausência de políticas públicas eficazes e estruturadas dificulta a continuidade da tradição.

FIGURA 76 – Pequeno Catopê mantém a tradição viva



Fonte: Ricardh Pereira.

Um dos pontos levantados por Zanza Junio diz respeito à democratização dos símbolos de destaque da festa. Ele acredita que figuras como o Rei e a Rainha dos festejos deveriam ser escolhidas entre pessoas da comunidade, inclusive aquelas em situação de vulnerabilidade. Para ele, isso reforçaria o caráter popular e representativo das festas.

A ausência de visibilidade ao longo do ano é um dos principais pontos levantados pelo Mestre Iderian. Ele critica a baixa divulgação da festividade: “A divulgação é pouca. Só o MGTV divulga. E só uma ou duas semanas antes. Em fevereiro, março, abril, maio, ninguém ouve falar de Festas de Agosto” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Ele reforça que a valorização da festa e de seus protagonistas passa por ações contínuas e articuladas de comunicação: “Quem ouve falar das Festas de Agosto são só os mestres que estão em contato um com o outro” (Mestre Guga – Entrevista E2).

A ausência de uma estratégia de divulgação ampla limita o alcance da celebração e a percepção de sua relevância por parte da população de outras regiões. Ao mencionar a cobertura jornalística feita por uma repórter local no ano anterior, ele demonstra como a presença constante da mídia durante o evento pode fazer diferença: “Se tivesse o que você fez no ano passado – lá todos os dias, à noite, daquele jeito – todos os anos, a divulgação nossa seria maior” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Já Mestre Caciona vê a valorização do trabalho dos caboclinhos nas manifestações culturais e reconhece que, apesar das dificuldades, a continuidade da tradição é essencial para a identidade da comunidade. No entanto, ela observa que as festas, em termos organizacionais, carecem de maior atenção à pontualidade e à visibilidade das apresentações para garantir uma experiência satisfatória tanto para os participantes quanto para o público, assim como Mestre Iderian também pontuou.

As questões estruturais não anulam os gestos de reconhecimento. Ao contrário, convivem com eles. A valorização simbólica dos mestres se apresenta como uma forma de fortalecimento das tradições e legitimação social do trabalho criativo e cultural. O reconhecimento por parte da comunidade e do poder público aparece como um aspecto fundamental para a continuidade do trabalho dos mestres. Hermínio relata: “É valorizado pela comunidade, pelo poder público. Eles se preocupam demais” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). A valorização se manifesta em gestos cotidianos e no olhar atento das pessoas à sua presença: “Se chega na Secretaria de Cultura lá [...] todo mundo pergunta por que eu estou indo lá só. Cadê os outros?” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Outro indicativo de valorização é o prestígio que Mestre Hermínio tem entre os moradores da cidade, especialmente entre os pais que desejam que seus filhos participem de sua marujada: “Está enchendo de criança ali a Marujada [...] você fala, meu filho, você vai para a Marujada do Mestre Hermínio. Então, isso é um tipo de conquista” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). O reconhecimento se revela como uma forma de permanência, de continuidade da tradição e de formação de novas gerações. Apesar do papel central que os mestres desempenham na continuidade da tradição, há um desejo explícito por maior reconhecimento e valorização dessas figuras. A proposta de construção de uma estátua em homenagem ao Mestre Zanza, por exemplo, simboliza o anseio por tornar visível a memória dos ancestrais que contribuíram significativamente para o fortalecimento da cultura local. Além disso, o entrevistado destaca o impacto que mestres anteriores tiveram em sua trajetória pessoal, ressaltando como palavras de incentivo moldaram sua identidade como cantor e líder. A valorização simbólica das figuras históricas da festa, segundo ele, deve vir acompanhada de ações concretas de memória e reconhecimento público, reforçando a importância de integrar essas contribuições à identidade cultural da cidade. Assim, a valorização se dá em termos de capital simbólico (Bourdieu, 1996), mais próximo da lógica da Economia Simbólica do que da Economia Criativa.

5.5 Redes de colaboração e estratégias de resistência

A solidariedade entre os integrantes é um aspecto fundamental para viabilizar a

participação dos dançantes. A ajuda mútua entre os membros do grupo, a utilização de recursos próprios e o apoio logístico das mulheres no processo de organização são formas importantes de resistência frente à falta de apoio formal.

Em relação à inclusão social, as Festas de Agosto é um ponto de integração importante. Além de convidar a população a participar das danças e atividades, há uma abertura para que as pessoas ajudem de outras formas, como na ornamentação ou na organização das crianças que participam do grupo. Mesmo com o foco tradicional nos grupos masculinos, as mulheres têm um papel relevante no apoio logístico e na participação dos ensaios e preparativos.

Mulheres também participam ativamente do processo, ainda que não ocupem as posições centrais nos ternos: elas auxiliam na organização, ornamentação, apoio logístico e até mesmo nos ensaios.

FIGURA 77 – Meninas desfilando no Primeiro Terno de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Ricardh Pereira.

Mestre Zanza Junio tem se dedicado a fortalecer o rito de iniciação dentro dos grupos, com foco na formação dos novos integrantes. Segundo ele, é essencial que os jovens compreendam o significado e a origem daquilo que estão vivenciando. Esse processo educativo é, em suas palavras, uma poderosa forma de resistência.

Ele também destaca avanços em termos de inclusão. Em 2024, por exemplo, foi criada uma ala inclusiva no Império do Divino com a participação de pessoas com deficiência e neurodivergentes. Para o mestre, esse é o caminho do futuro: tornar a tradição mais acessível, acolhedora e plural.

Além disso, iniciativas como o Festival Zanzando fortalecem redes de colaboração com artistas e grupos de outras expressões culturais, criando uma malha de apoio mútuo e troca de saberes que dá fôlego à cultura popular. Esse tipo de mudança teria um impacto simbólico profundo, mostrando que a festa pertence a todos e que o reconhecimento deve vir do território, da fé e da trajetória coletiva.

O Mestre Iderian menciona que os grupos participam de reuniões organizadas pela associação e pelos festeiros, mas lamenta a falta de união entre os próprios mestres: “Falta união. Reunir nós seis, sentar, conversar... mas cada mestre vai para um lado” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Essa constatação indica um desafio à governança cultural compartilhada entre os grupos tradicionais. Mesmo com ações coletivas como as visitas durante as novenas e os encontros religiosos, as articulações internas ainda enfrentam dificuldades em consolidar uma voz única diante das instâncias públicas.

Apesar disso, a própria continuidade da festa e a mobilização comunitária ao seu redor podem ser compreendidas como formas de resistência cultural. A passagem do saber, o envolvimento de crianças, mulheres e moradores do bairro apontam para uma sustentabilidade simbólica que transcende a lógica de mercado, operando segundo princípios de reciprocidade e cuidado em um sistema de trocas não monetárias. Essa dinâmica se aproxima da Economia Simbólica, e sua continuidade, apesar da escassez de apoio público, reafirma a Resistência Cultural como força estruturante.

A sobrevivência do grupo depende de uma forte rede de apoio, tanto no âmbito familiar quanto comunitário, ressalta a líder dos caboclinhos. O esposo da entrevistada e outros membros da família contribuem na produção das flechas, e os encontros semanais servem para ajustar os materiais e testar as apresentações. A coletividade é vista como um valor central para a preservação da tradição, e a união entre os participantes é essencial para garantir que a festa aconteça de forma digna e significativa.

Essa valorização também se constrói em rede – nos encontros, nos ensaios informais, nos afetos partilhados. A festa, como demonstra o Mestre Herminio, é um espaço de resistência sustentado por relações sociais. O mestre menciona com carinho os momentos de convivência que ocorrem em sua própria casa, que funciona como um espaço informal de ensaio e encontro: “A gente faz os ensaios, o pessoal vem aqui para casa. Toma um cafezinho com a gente [...] Toma sua cervejinha, fica comigo aqui” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Essa dinâmica evidencia uma forma alternativa de organização cultural, baseada em trocas simbólicas e apoio mútuo.

Além disso, Hermínio aponta que a simplicidade e a humildade são estratégias fundamentais para manter o vínculo com o público: “Tudo tem que ser feito com humildade, porque é ali que você conquista o público, conquista as pessoas” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Essa abordagem sensível e horizontal torna-se um mecanismo potente de resistência e sobrevivência da tradição frente aos desafios contemporâneos. A união entre diferentes expressões culturais é apontada como essencial para o fortalecimento da cultura de Montes Claros. O mestre defende que as Festas de Agosto deve ser compreendida dentro de um sistema mais amplo, que inclui também folias de reis, capoeira e manifestações religiosas diversas. Segundo ele, “a cultura tem que ser um todo” (Mestre Hermínio – Entrevista E5), e esta visão de integração fortalece o sentimento de pertencimento coletivo e resistência frente a processos de descaracterização. A presença das famílias, o investimento pessoal dos participantes e o envolvimento da comunidade em geral configuram-se como estratégias fundamentais de manutenção da tradição. As práticas de mobilização local, como o engajamento das mães preparando filhos e filhas para os desfiles, ilustram a forte adesão popular, que vai além do espetáculo e envolve uma rede afetiva e social ampla.

5.6 Futuro e perspectiva

Ao discutir o futuro das Festas de Agosto, torna-se evidente que o campo empírico tensiona a própria definição de Economia Criativa. A experiência dos mestres demonstra que a criatividade popular é também uma prática de resistência e um modo de gerar valor simbólico, compondo um campo ampliado que articula Economia Criativa, Economia Simbólica e Resistência Cultural.

Diante desse cenário, políticas públicas mais eficazes são imprescindíveis para assegurar a perenidade da tradição. O Mestre Yuri sugere um repasse financeiro mais justo para custear os gastos do terno, além de iniciativas que considerem a situação socioeconômica dos dançantes, grande parte deles oriundos de famílias de baixa renda. A inclusão dos mestres em

programas culturais, remuneração simbólica ou apoio estrutural, como fornecimento de fardamento e transporte, são alternativas que poderiam fortalecer a manifestação cultural.

Além disso, o poder público poderia investir na divulgação das festividades, promovendo maior visibilidade e incentivando o turismo cultural, o que contribuiria para o fortalecimento da Economia Criativa local. Embora a motivação para participar das festividades esteja enraizada no amor à tradição, um suporte estruturado poderia garantir não apenas a sobrevivência da manifestação cultural, mas também seu fortalecimento e crescimento para as futuras gerações.

As melhorias que o mestre entrevistado gostaria de ver implementadas nas Festas de Agosto incluem uma divulgação mais intensa e eficaz do evento, com um foco na comunicação e no envolvimento da população local. Ele ressalta a necessidade de maior apoio financeiro, para que a organização da festa possa ocorrer sem a pressão de “fritar os neurônios” para encontrar recursos. Ele acredita que a cidade poderia ser mais reconhecida por suas festividades culturais, sendo as Festas de Agosto um evento marcante para Montes Claros, reforçando sua identidade cultural.

FIGURA 78 – Catopês



Fonte: Ricardh Pereira.

Por fim, o mestre acredita no potencial das Festas de Agosto para atrair mais turistas,

desde que haja uma maior divulgação, inclusive nas redes sociais e na própria cidade. Ele ressalta que, com o apoio adequado do poder público, a festa poderia ser ainda mais reconhecida e gerar mais movimento econômico, beneficiando a cidade como um todo. Ele acredita que, com um apoio maior do poder público, as festividades poderiam crescer significativamente, atraindo mais visitantes e aumentando o reconhecimento de Montes Claros como um destino cultural. Ele destaca o exemplo do impacto das redes sociais no enredo do Carnaval, em que a divulgação do enredo das Festas de Agosto gerou mais de um milhão de visualizações e despertou o interesse das pessoas que antes não conheciam a festa. Isso demonstra que, com o apoio adequado, as Festas de Agosto podem alcançar um público muito maior, tornando Montes Claros ainda mais conhecida e valorizada.

Salveni também sugere a ampliação do repertório musical como forma de tornar as apresentações mais atrativas e diversas, enriquecendo a experiência cultural. Outro ponto comum entre os entrevistados é a importância da divulgação – especialmente por meio das redes sociais e da comunicação local – para aumentar o alcance da festa e atrair mais turistas.

Zanza Junio acredita que as Festas de Agosto têm um papel central na identidade de Montes Claros, mas vislumbra um potencial ainda maior. Ele propõe o desenvolvimento de experiências turísticas imersivas, como roteiros guiados, participação nos ensaios e vivência com os grupos, sempre com respeito às tradições.

Para isso, defende a construção coletiva entre poder público, iniciativa privada e comunidade. Seu sonho é ver a festa ainda mais forte, com mais impacto econômico e projeção nacional, sem jamais perder a alma que a sustenta: a fé, o povo, a memória, o som dos tambores e o mastro que se ergue com orgulho todos os meses de agosto.

O Mestre Iderian demonstra otimismo em relação ao futuro da festa, desde que haja investimento, respeito e mais presença institucional: “Esse ano vai ser melhor. A cultura ajuda a gente” (Mestre Guga – Entrevista E2).

Ele acredita que a maior divulgação e o reconhecimento público da importância da celebração são caminhos para fortalecer a imagem de Montes Claros como um território cultural: “Mais apresentação dos termos, dos grupos. Se tivesse mais divulgação, era melhor ainda, porque a divulgação nessa é pouca. Nós não temos aquela voz” (Mestre Guga – Entrevista E2).

A expectativa expressa nas entrelinhas da fala do mestre é a de que os saberes tradicionais sejam escutados, registrados e respeitados em sua complexidade. Que a festa siga sendo espaço de encontro, de memória e de criação coletiva – não apenas em agosto, mas como parte permanente da identidade da cidade.

Na contramão do que pensam os outros mestres, Caciconna se mostra cética quanto ao futuro financeiro das Festas de Agosto. Embora reconheça que as festas geram algum movimento econômico, ela permanece endividada devido aos custos associados à manutenção do grupo. Além disso, ela lamenta a ausência de grupos de outras localidades, que antes enriqueceriam o evento. Apesar das dificuldades, ela acredita que a organização das festas precisa melhorar, com maior pontualidade e mais atenção à visibilidade das apresentações, para garantir um público maior e mais diversificado. Ela observa que a participação feminina nas festividades é um avanço positivo, mas ainda vê desafios para atrair mais visitantes e fomentar a sustentabilidade econômica de forma justa para os envolvidos.

FIGURA 79 – Caboclinhos



Fonte: Ricardh Pereira.

Ao lançar o olhar para o futuro, Hermínio articula passado e presente em projetos concretos de continuidade. O futuro, para ele, é um espaço de ação e cuidado com a tradição, revela o desejo de consolidar um ponto de cultura em sua própria residência, que já funciona como espaço de vivência e articulação da marujada: “A gente queria aquele ponto de cultura [...] um pequeno ponto de condição de eu fazer o meu ponto de cultura em minha casa. Ter aquela condição, aquele material para eu chamar os marujos e falar assim, vamos fazer, olha, você vai fazer o pandeiro que você vai tocar nele” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). A fala

expressa o anseio de institucionalização mínima que permita melhores condições de atuação, sem perder o caráter artesanal e comunitário da tradição. Hermínio ainda compartilha uma visão de continuidade que se materializa no número crescente de crianças e famílias que se aproximam da marujada: “A gente vai organizar o almoço e eu queria saber quantos membros têm no seu grupo. Eu falo, tem 200. Mais 200? É porque tem muita criança, os pais vão, os tios vão ver as crianças. E aí está com a gente” (Mestre Hermínio – Entrevista E5). Essa dimensão aponta para a potência educativa e afetiva da festa, assim como para a importância de políticas públicas voltadas à cultura popular como instrumento de fortalecimento da identidade e da cidadania. O entrevistado demonstra otimismo em relação ao futuro das Festas de Agosto, especialmente após experiências marcantes de visibilidade nacional, como o desfile na Marquês de Sapucaí. Tal evento é citado como uma oportunidade de projeção da cultura local para outros públicos, servindo como vitrine para a identidade nortemineira. Contudo, ele alerta para a importância da divulgação contínua e descentralizada: placas em cidades vizinhas, ações de marketing em supermercados e espaços públicos são algumas das estratégias sugeridas para ampliar o alcance das festas. Ao mesmo tempo, ele defende que certas características da festa, como a igreja do Rosário – mesmo pequena –, não devem ser modificadas. A relação emocional e simbólica com os espaços tradicionais é um aspecto que, segundo o mestre, deve ser preservado. A festa, para ele, é um “*tchan*”, um momento de encantamento e de pertencimento, cuja essência deve ser protegida mesmo frente às demandas de modernização.

Dessa forma, é preciso ressaltar que analisar as Festas de Agosto apenas pelo prisma da Economia Criativa seria reduzir sua complexidade. É necessário uma visão mais ampla, que reconheça a produção simbólica e a força de resistência que constituem a essência dessa economia da fé, da arte e da memória.

CONCLUSÃO

Os dados empíricos coletados por meio das entrevistas com mestres e integrantes dos grupos tradicionais das Festas de Agosto de Montes Claros revelam que o trabalho criativo realizado por esses sujeitos vai além da lógica monetária, sendo compreendido e vivenciado por meio de múltiplos sentidos simbólicos, afetivos e espirituais. As falas analisadas demonstram que o trabalho nas festas transcende a mera performance artística, envolvendo práticas de preservação da memória coletiva, transmissão de saberes ancestrais e fortalecimento de identidades culturais. A atuação dos mestres se caracteriza por uma responsabilidade contínua, que não se limita ao período das festividades, mas é mantida ao longo de todo o ano por meio de esforços diários voltados para garantir a continuidade e a renovação da tradição. A fala de

Zanza Junio, ao afirmar que a festa é organizada “de dentro pra fora”, sublinha o protagonismo da comunidade local e a autonomia dos mestres na gestão dos grupos, o que reflete uma organização independente da lógica imposta por instituições externas.

O valor do trabalho criativo nas festas é expressado, em grande medida, através de um reconhecimento não monetário, com destaque para a dimensão simbólica, como exemplificado pela fala de Mestre Hermínio: “meu salário é a palma do pessoal”. Essa afirmação evidencia o caráter imaterial do valor atribuído ao trabalho criativo, que se configura não apenas como uma performance artística, mas como um trabalho de cuidado, sustentando vínculos sociais e a continuidade das práticas culturais ancestrais. A importância desse reconhecimento simbólico é fundamental para compreender como a Economia Criativa nas Festas de Agosto está intrinsecamente ligada à identidade coletiva e ao fortalecimento dos laços comunitários, superando os limites da lógica econômica tradicional.

A liderança nas Festas de Agosto, como demonstrado nas falas de Caciconá, Hermínio e Yuri Faria, vai além da organização dos eventos, sendo uma prática de transmissão de saberes que envolve um compromisso contínuo com a formação de novos integrantes e com a manutenção dos rituais e práticas culturais. Nesse contexto, a presença feminina, embora não em posições centrais, representa uma transformação dentro da estrutura tradicionalmente masculina das festas. As mulheres desempenham papéis fundamentais no processo de organização, ornamentação, apoio logístico e participação nos ensaios, refletindo uma dinâmica colaborativa que sustenta a festividade e promove a continuidade da tradição.

As redes de colaboração, formadas por laços familiares e comunitários, são vitais para a sobrevivência das festas. Apesar das dificuldades financeiras e da falta de apoio formal, os relatos apontam que a resistência à escassez de recursos é garantida por meio da solidariedade entre os membros dos grupos, que utilizam recursos próprios e contam com o apoio informal das mulheres no processo organizativo. A ajuda mútua, o comprometimento com a transmissão da tradição e o vínculo afetivo entre os integrantes permitem que a festa seja mantida de forma sustentável. A criação de espaços como a casa de Mestre Hermínio, onde os membros se reúnem para ensaios e momentos de socialização, ilustra como as práticas culturais podem ser sustentadas em espaços de convivência informal e acolhedores, fortalecendo os laços de pertencimento e identidade. Além disso, a criação de iniciativas como o Festival Zanzando, liderado por Zanza Junio, aponta para a potencialidade das festas em criar redes de intercâmbio cultural e colaborar com outras linguagens culturais, ampliando sua visibilidade e impacto.

No entanto, os desafios estruturais permanecem, como evidenciado pela fala de Mestre Iderian, que aponta a falta de união entre os mestres e a ausência de uma governança cultural

compartilhada. A sobrevivência das tradições depende da formação de redes de apoio mais amplas, que incluem a família e a comunidade, como demonstrado pelos relatos de Hermínio e da líder dos caboclinhos. A continuidade da festa, embora sustentada por esforços individuais e coletivos, está longe de ser garantida sem um suporte institucional adequado. A falta de políticas públicas que reconheçam e valorizem essas expressões culturais representa um obstáculo significativo à sustentabilidade das Festas de Agosto, que, sem um apoio adequado, continuam a depender do esforço pessoal e da boa vontade dos mestres e integrantes.

As entrevistas também destacam a necessidade de políticas públicas mais robustas que reconheçam o valor das festas, não apenas como manifestação cultural, mas como um meio de construção de identidade e coesão social. A fala de Mestre Hermínio, que vê a homenagem na Marquês de Sapucaí como um reconhecimento simbólico, reforça a importância de projetos que assegurem a continuidade das festas sem que elas percam sua essência cultural. Nesse sentido, a Economia Criativa, conforme discutido ao longo da pesquisa, precisa ser pensada para além da simples geração de renda, reconhecendo o valor simbólico e social das manifestações culturais. O trabalho criativo nas Festas de Agosto, portanto, revela a necessidade de redefinir os marcos da Economia Criativa, que devem ser entendidos como um campo em que o valor não monetário, como o reconhecimento simbólico, a memória coletiva e a identidade territorial, desempenham papéis centrais.

As Festas de Agosto de Montes Claros, dessa forma, demonstram que o trabalho criativo não deve ser restrito aos parâmetros econômicos tradicionais, mas também deve considerar as dimensões afetivas, espirituais e simbólicas que sustentam a identidade e a coesão social das comunidades envolvidas. A análise das entrevistas confirma a tese de que a Economia Criativa precisa ser repensada de forma mais inclusiva, capaz de incorporar as múltiplas formas de valor que as práticas culturais populares geram, além da simples quantificação financeira. Esse entendimento é fundamental para a construção de políticas culturais mais sensíveis à diversidade e à complexidade do fazer cultural popular, reconhecendo a importância das expressões culturais na formação de subjetividades e na preservação da diversidade cultural.

DESAFIOS E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A realização desta pesquisa apresentou uma série de desafios que atravessaram tanto as dimensões teóricas e metodológicas quanto as condições materiais e pessoais de execução. Esses desafios refletem as condições concretas de produção do conhecimento sobre cultura

popular e economia criativa no Brasil, especialmente quando o pesquisador atua de forma independente e em diálogo direto com as comunidades tradicionais.

Entre as principais barreiras enfrentadas, destacou-se a escassez de material teórico e documental sobre as Festas de Agosto de Montes Claros, sobretudo sob a perspectiva da economia criativa e da economia simbólica. A literatura existente concentra-se, em geral, em abordagens históricas, antropológicas ou folclóricas, com menor atenção às dimensões econômicas e culturais associadas ao trabalho criativo e à resistência real dos grupos. Essa limitação demandou um esforço adicional de levantamento bibliográfico, interpretação interdisciplinar e construção de um referencial teórico capaz de dialogar com as realidades empíricas observadas.

O acesso aos mestres, contramestres e integrantes dos grupos, ao contrário das expectativas iniciais, não representou uma dificuldade, mas uma das etapas mais ricas e acolhedoras do processo. Os entrevistados demonstraram grande abertura para compartilhar suas experiências, histórias e reflexões, reconhecendo na pesquisa uma oportunidade de registro e valorização das Festas de Agosto. Esse acolhimento reforçou o caráter colaborativo da investigação e evidenciou o vínculo afetivo e de confiança construído ao longo das vivências em campo.

As limitações financeiras, contudo, configuraram uma das barreiras mais significativas. Os custos com deslocamentos, hospedagem, gravação e edição dos vídeos foram integralmente arcados pela pesquisadora, sem apoio institucional ou bolsas específicas para custear as etapas de campo e produção audiovisual. Essa condição restringiu a utilização de equipamentos mais sofisticados e reduziu as possibilidades de ampliação dos registros. Ainda assim, o material coletado revelou-se denso e suficiente para sustentar as análises. A superação dessas dificuldades só foi possível com o apoio de familiares e amigos, que contribuíram com seus serviços voluntários durante a gravação do documentário, oferecendo suporte técnico e logístico em momentos decisivos.

A ausência de recursos também impactou a etapa de divulgação dos resultados, especialmente a impressão do livro derivado da pesquisa, cuja publicação permanece condicionada à obtenção de apoio financeiro futuro. Essa limitação reflete as dificuldades enfrentadas por pesquisadores independentes e pela própria área da cultura popular,

frequentemente desassistida por políticas públicas consistentes de fomento e preservação do patrimônio imaterial.

Conciliar as demandas profissionais com o desenvolvimento da pesquisa foi outro desafio relevante. O exercício do trabalho jornalístico aliado à mudança de residência para o Estado do Tocantins exigiu readequações de cronograma e aumento dos custos de deslocamento. Foram necessárias duas viagens ao norte de Minas Gerais para continuidade das entrevistas e acompanhamento das festas, o que demandou planejamento rigoroso e compromisso pessoal para viabilizar as etapas de campo.

O volume expressivo de material empírico também representou um obstáculo importante. As longas horas de gravação e o extenso conteúdo das entrevistas demandaram tempo e esforço para a decupagem e transcrição integral dos registros. Sem apoio técnico especializado, a pesquisadora realizou sozinha o processo de transcrição, organização e análise do material, o que prolongou o tempo de execução, mas proporcionou uma imersão profunda nas narrativas e uma compreensão mais sensível do conteúdo.

Apesar dessas limitações, a pesquisa manteve sua consistência metodológica e alcançou seus objetivos. As dificuldades enfrentadas não comprometeram os resultados; pelo contrário, contribuíram para reforçar a compreensão das condições reais de produção científica no campo da cultura e da economia criativa. O percurso realizado evidencia a importância da pesquisa participante e do compromisso ético e afetivo com os sujeitos e territórios estudados. As adversidades, em vez de fragilizar o processo, reafirmaram a potência de um trabalho construído com autonomia, sensibilidade, solidariedade e resistência – resistência essa que, assim como nas Festas de Agosto, é concreta, vivida e sustentada cotidianamente pelos que fazem da cultura o seu modo de existir e permanecer.

FIGURA 80 – O futuro catopê



Fonte: Ricardh Pereira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. W. O. "**Curiá tá tá, Curiatá!**": Caboclinhos no congado em Montes Claros - da festa à cena espetacular. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/20018/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20M%C3%8DRIAN%20PDF%20comprimida.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ALMEIDA, W. C. **Uma perspectiva sobre as Festas de Agosto como desenvolvimento regional, lazer e economia na cidade de Montes Claros/MG**. 2015. Disponível em: <https://obsservatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografia-cultural/18.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2024.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (ALMG). *Lei nº 22.627, de 31 de julho de 2017*. Institui o Plano Estadual de Cultura de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacaomineira/LEI/22627/2017/>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BARAKAT, S. R.; SANTOS, N. L.; VIGUELES, M. C. **Engajamento de stakeholders em empresas da Economia Criativa: estratégias para o enfrentamento da crise da COVID-19**. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 20, p. 436–451, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/bYDvnL9MbV3VTf8nhBWwd6J/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; WOOD JR., Thomaz; KIRSCHBAUM, Charles; PINA E CUNHA, Miguel. **Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades de um conceito**. *Revista de Administração de Empresas*, v. 49, n. 1, p. 10–18, 2009.
- BENHAMOU, F. **L'économie de la culture**. Paris: La Découverte, 1996.
- BERG, J. et al. **Economia Criativa no Brasil**. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 6, n. 4, p. 52–76, 2021. Disponível em: <https://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/484/534>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BEZERRA, J. Congada. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/congada/>. Acesso em: jan. 2024.
- BOCCELLA, N.; SALERNO, I. **Creative economy, cultural industries and local development**. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 223, p. 291–296, 2016.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042816304505>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BRITO, A. E. C. **Catopês: histórias de lutas e formação de identidade em Montes Claros-MG**. 2014. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/13369>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARVALHAL, F.; MUZZIO, H. **Economia Criativa e liderança criativa: uma associação (im)possível?** *Revista Eletrônica de Administração – REAd*, v. 21, p. 659–688, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/HPyKJM47CnFchMGPmzdMGFx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2024.

CHÉR, L. B.; PERIA, P. V. G.; BRESCIANI, L. P. **As políticas de fomento à Economia Criativa na América Latina: um panorama contemporâneo**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES, XVII, 2021, Salvador. Anais [...]. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/131743.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

COSTA, Armando Dalla; SANTOS, Elson Rodrigo de Souza. **Economia Criativa no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas**. *Economia & Tecnologia (UFPR)*, Curitiba, v. 13, n. 27, p. 151-159, dez. 2016.

COSTA, J. B. A. **Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, UnB. Disponível em: http://www.dan2.unb.br/images/doc/Tese_051.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

CRUZ, S. C. S.; TEIXEIRA, A. A. C. **The determinants of spatial location of creative industries start-ups: evidence from Portugal using a discrete choice model approach**. *Revista Brasileira de Inovação*, v. 13, n. 1, p. 51–78, 2014. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 25 out. 2024.

DE BRITO JOÃO, João Ricardo Terdulino; DE BRITO, Ricardo Terdulino. **A economia criativa no Brasil: uma abordagem do período antes e pós-pandemia**. *Revista Tema On-Line*, v. 2, n. 2, 2024.

DE SÁ, M. A. F. **Congadas e reinados: celebrações de um catolicismo popular, africano e brasileiro.** *Revista Mosaico: Revista de História*, v. 12, p. 286–302, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18224/mos.v12i1.7713>. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7713>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DOS SANTOS, F. A.; ROCHA, J. C. **Economia Criativa: Salvador na rota dos distritos criativos.** *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 11, p. 84803–84814, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n11-045. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/19317>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DUTRA, Caroline; CONTI, Diego de Melo; DA SILVA FILHO, Cândido Ferreira. **Economia Criativa: O setor de eventos como ferramenta de desenvolvimento urbano a partir dos ODS 9 e 11 / Creative economy: The events sector as an urban development tool based on ODS 9 and 11.** *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 91674-91689, 2021.

FERNANDES, Vando. **Catopês - Um céu de fitas.** Enredo apresentado pela G.R.E.S. Acadêmicos de Niterói no Carnaval do Rio de Janeiro, 2024.

FIORAVANTE, A. S. A.; EMMENDOERFER, M. L. **Indústrias criativas: reflexões à luz da microeconomia.** *Gestão e Desenvolvimento*, v. 16, n. 2, p. 170-185, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25112/rgd.v16i2.1835>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil.** Rio de Janeiro, 2022.

FLORIDA, Richard. **A Ascensão da Classe Criativa: e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano.** Porto Alegre: L&PM, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: *Tempo Brasileiro*, n. 92/93, p. 69–82, 1988.

HARTLEY, John. **Digital Futures for Cultural and Media Studies.** Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

HOWKINS, John. **The Creative Economy: How People Make Money from Ideas.** London: Allen Lane, 2001.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT). **Plano Estadual de Desenvolvimento da Economia da Criatividade.** Belo Horizonte, 2023.

MONTES CLAROS. Secretaria Municipal de Cultura. *Lei Paulo Gustavo*. Montes Claros, 2023. Disponível em: <http://cultura.montesclaros.mg.gov.br/lei-paulo-gustavo>. Acesso em: 16 jul. 2024

PINHEIRO, V. P. **A Economia Criativa enquanto prática de espaço no contexto das cidades criativas do sul global: o caso do Poço da Draga**. Rev. Adm. Pública 57 (6) • Nov-Dec 2023.

RIMOLI GZVITAUSKI, Tatiana. **Os desafios da Economia Criativa em momentos de crise econômica: Respostas do setor frente à recessão provocada pela pandemia do Coronavírus**. Revista Faculdades do Saber, 2021.

SCHIUMA, Giovanni; LERRO, Antonio. **Do cultural and creative industries (CCI) matter for innovation and value creation in knowledge-based business? Aims, forms and practices of collaboration in Italy**. In: KNOWLEDGE CITIES WORLD SUMMIT, 7., 2014, Tallinn. Proceedings... Tallinn: Tallinn University & World Capital Institute, 2014. p. 78-83. Disponível em: <https://ualresearchonline.arts.ac.uk/id/eprint/7581/1/Untitled.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SERRA, Neusa; FERNANDEZ, Rafael Saad. **Para além do conceito: a Economia Criativa em políticas públicas**. Inclusão Social, Brasília, v. 8, n. 1, p. 102-113, jul./dez. 2014.

SILVA, Frederico Augusto Barbosa da. **Considerações sobre as relações entre Economia Criativa e políticas de evento**. In: SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ZIVIANI, Paula (orgs.). Políticas públicas, Economia Criativa e da cultura. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/publicacoes/200916_politicas_publicas_economia_criativa.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

SOUZA, Luis Fellype Dias. **Festa na cidade: uma leitura das Festas de Agosto de Montes Claros (MG) como intervenções no espaço urbano**. 2020. 181 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.803> Acesso em: 23 mar. 2024.

TRIGO, José P. **El debate de la creatividad y la economía en las ciudades actuales y el papel de los diferentes actores: algunas evidencias a partir del caso de estudio de Madrid**. Investigaciones Geográficas, n. 87, p. 62-75, 2015.

UNCTAD. **Creative Economy Report 2010: Creative Economy: A Feasible Development Option**. Geneva: UNCTAD, 2010.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS SOBRE O TRABALHO CRIATIVO

Identificação e Contexto

- Como você se envolveu com as Festas de Agosto? Qual é o seu papel no evento?
- Há quanto tempo você participa dessa celebração e como percebeu mudanças ao longo do tempo?

Significado do Trabalho Criativo

- O que significa para você trabalhar nas Festas de Agosto?
- Como o trabalho nesse evento influencia sua identidade cultural e pessoal?
- Seu trabalho corresponde aos seus interesses profissionais?

Condições de Trabalho e Sustentabilidade

- Quais são os principais desafios enfrentados pelos trabalhadores culturais no evento?
- Você tem liberdade para resolver os problemas de acordo com o seu julgamento? Como você faz isso?
- Você considera o trabalho nas Festas de Agosto financeiramente sustentável? Por quê?
- Você tem autonomia pra realizar seu trabalho?
- Você tem liberdade para decidir como realizar seu trabalho?
- Você tem prazer na realização do seu trabalho?

Reconhecimento e Valorização

- Você acredita que seu trabalho traz uma contribuição à sociedade?
- Você sente que seu trabalho é valorizado pela comunidade e pelo poder público?
- Que tipo de apoio ou políticas você acredita que poderiam melhorar sua condição de trabalho?
- Seu trabalho permite que você se faça ouvir?
- Você acredita que o seu trabalho é importante para os outros?

Redes de Colaboração e Estratégias de Resistência

- Como você se organiza com outros trabalhadores para garantir a realização do evento?
- Existem iniciativas coletivas para fortalecer a Economia Criativa no contexto das Festas de Agosto?

Futuro e Perspectivas

- Como você enxerga o futuro das Festas de Agosto?
- Quais melhorias ou mudanças você gostaria de ver implementadas?

SUGESTÃO DE PERGUNTAS SOBRE O EVENTO CRIATIVO

1. Como você percebe a relação entre as Festas de Agosto e a valorização da cultura local

de Montes Claros?

2. De que forma a organização das festas contribui para a economia da cidade?
3. Em sua opinião, quais elementos da tradição devem ser preservados e quais poderiam ser inovados para atrair novos públicos?
4. De que maneira as festas promovem a inclusão social e a participação da comunidade local?
5. Você acredita que as Festas de Agosto têm potencial para atrair mais turistas? O que poderia ser melhorado nesse sentido?
6. Quais oportunidades de negócios surgem durante as festas para empreendedores locais?
7. Como as Festas de Agosto podem ser usadas para fortalecer a imagem de Montes Claros como um destino criativo e cultural?